

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
INSTITUTO DE PESQUISA e DESENVOLVIMENTO

ANA MARIA DA CUNHA ROSADO

**PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADE DE TURISMO RELIGIOSO:
ESTRUTURAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE APARECIDA- SP**

São José dos Campos
2021

ANA MARIA DA CUNHA ROSADO

**PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADE DE TURISMO RELIGIOSO:
ESTRUTURAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE APARECIDA- SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, como complementação dos créditos necessários para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof.^a Dra. Lidiane Maciel
Co orientador: Prof.^a Dra. Valéria Zanetti

São José dos Campos
2021

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Rosado, Ana Maria da Cunha
Planejamento urbano em cidade de turismo religioso :
estruturação urbana do município de Aparecida- SP. / Ana Maria
da Cunha Rosado; orientadora, Lidiane Maria Maciel;
co-orientadora Valéria Regina Zanetti. - São José dos Campos, SP,
2021.
1 CD-ROM, 126 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Vale do
Paraíba, São José dos Campos. Programa de Pós-Graduação em
Planejamento Urbano e Regional.

Inclui referências

1. Planejamento Urbano e Regional. 2. Cidade turística. 3.
Turismo religioso. 4. Plano Diretor. 5. Políticas públicas. I.
Maciel, Lidiane Maria, orient. II. Zanetti, Valéria Regina,
co-orient. III. Universidade do Vale do Paraíba. Programa de
Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. IV. Título.

Eu, Ana Maria da Cunha Rosado, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 22 de Março de 2021.



Autor(a) da Obra

ANA MARIA DA CUNHA ROSADO

“PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADE DE TURISMO RELIGIOSO: ESTRUTURAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE APARECIDA - SP.”

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, pela seguinte banca examinadora:

PROF.^ª DR.^ª MARIA APARECIDA CHAVES RIBEIRO PAPALI

PROF.^ª DR.^ª LIDIANE MARIA MACIEL

PROF.^ª DR.^ª VALÉRIA REGINA ZANETTI

PROF. DR. PEDRO RIBEIRO MOREIRA NETO

PROF.^ª DR.^ª GIOVANA GONÇALVES PEREIRA – Fundação Getúlio Vargas

Prof.^ª Dr.^ª Lúcia Vieira

Diretora do IP&D – Univap

São José dos Campos, 23 de fevereiro de 2021.

AGRADECIMENTO

São tantas as pessoas que eu gostaria de agradecer que mal cabem aqui; que vão desde o porteiro sorridente, que me recebia animado toda a manhã na chegada ao laboratório, até meus familiares, amigos e professores que me acompanham desde a graduação.

Agradecer à minha família por todo apoio ao longo dos meus anos de estudo, em especial à minha mãe, Fabiana da Cunha, que sempre me incentivou e me apoiou nas minhas escolhas acadêmicas.

Dentre os amigos focarei naqueles que tiveram amplo destaque nesta jornada. Primeiramente gostaria de agradecer o apoio, a gentileza, o carinho, as palavras de incentivo, as correções e todas as formas de ajuda dos meus amigos; destaco aqui Ana Laura Monteiro, Marcos Vinicius (meu grande companheiro, ao meu lado em todos os momentos) e Márcio Vinicius por todo apoio desde o ensino médio até os presentes dias. À Debora Antunes, Luiz Gabriel, Rafael Gaddini, Julia Leonarda e Larissa Fonseca por terem me acolhido e me apoiado desde a faculdade. Meu carinho por vocês é imenso e sei que sem a sua ajuda em momentos cruciais muitos projetos não seriam realizados.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, do infantil ao mestrado, pois cada um me ensinou e me marcou de uma forma diferente. Aos professores da UNIVAP sou grata desde a minha graduação por tudo que me ensinaram, destaco aqui minhas orientadoras professoras Lidiane e Valéria.

Agradeço toda a colaboração da Arquidiocese da Cúria Metropolitana de Aparecida, que disponibilizou documentos e fotos como ricas fontes de pesquisa para o desenvolvimento dessa dissertação.

Por fim, destaco a importância do financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), que me permitiu realizar esta pesquisa junto ao programa de mestrado da Universidade do Vale do Paraíba (Univap).

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“This study was financed in party by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

O tempo é o arquiteto, o povo é o pedreiro.

Victor Hugo

APRESENTAÇÃO

Iniciei o ensino superior no curso de Licenciatura em História na Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) no ano de 2016. Ao longo do curso participei de programas de iniciação à docência e ciência e apresentei uma série de estudos no Congresso de Iniciação Científica da mesma universidade. No ano de 2018, elaborei o meu Trabalho de Graduação (TG) sobre a cidade de Aparecida e a religiosidade que marca sua história. O trabalho se dedicou às influências dos tropeiros nas romarias que partem de São José dos Campos a cavalo para a cidade de Aparecida e trouxe como exemplo uma romaria realizada anualmente no bairro do Cajuru, localizado na Zona Leste do município; envolvendo a história e cultura do vale, a religiosidade da região e o papel de Aparecida neste contexto. Percebi que os moradores mais antigos preservam resquícios de um passado rural, na cidade de São José dos Campos, sede da Região Metropolitana do Vale Paraíba e Litoral Norte, conhecida por ser polo de concentração de indústrias do setor aeroespacial e do setor tecnológico.

A romaria, tema escolhido para guiar o meu trabalho de graduação, tem forte vínculo com minha história familiar. Observei meu avô, José Pinto da Cunha Filho, organizador de romarias à Aparecida, desde muito pequena e sempre tive curiosidade quanto às suas motivações. Percebi que as romarias a cavalo tinham grande semelhança com as descrições históricas sobre os tropeiros e os trabalhadores rurais da região, contemplando grande parte dos seus costumes.

Resolvi dar continuidade ao tema na pós-graduação e iniciei meus estudos no programa de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IP&D) da UNIVAP em março de 2019, na linha de pesquisa Planejamento, Espaço e Cultura. Essa linha me possibilitou explorar o tema da religiosidade e da cidade de Aparecida uma vez que me intrigava como era a relação dos moradores com os visitantes, como se dava a dinâmica da cidade a partir da Basílica como referência local e como a cidade atende as demandas do turismo e dos moradores.

Dessa forma, passei a estudar a infraestrutura do município de Aparecida e a infraestrutura para receber os turistas, em especial, os romeiros. Percebi que as demandas dos moradores aparecem de modo discretas nos instrumentos urbanísticos, o que nos levou a investigar, por meio de análise dos documentos

da prefeitura de Aparecida, como se manifesta o planejamento urbano na relação morador e cidade turística.

Ao longo do primeiro ano do curso de pós-graduação, desenvolvi artigos para as disciplinas com foco na cidade de Aparecida, na sua história e no forte vínculo com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Interessou-nos também analisar sobre seus aspectos sociais, econômicos e sua infraestrutura local. No primeiro semestre de 2019, um dos artigos foi aprovado no evento CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) da Universidade de São Paulo (USP). Nesse artigo, demonstrei a relação do governo de Getúlio Vargas com a imagem de Aparecida e, conseqüentemente, com a cidade de mesmo nome. No segundo semestre, participei do INIC/EPG (Encontro Latino-americano de Pós-Graduação) da UNIVAP com artigo relacionado à infraestrutura de Aparecida e à influência do turismo e da religião na cidade.

No ano de 2020 me dediquei aos levantamentos teóricos e, devido à pandemia do novo Corona Vírus (COVID -19) e à imposição da quarentena pela Organização Mundial de Saúde, fui obrigada a realizar pesquisas virtuais, das quais contei, desde o meu trabalho de graduação, com a ajuda da Cúria Metropolitana de Aparecida para fornecimento de documentos de fonte primária sobre a cidade.

Tinha, desde o princípio, o intuito de realizar entrevistas com moradores da cidade de Aparecida para que, dessa forma, pudesse compreender melhor a dinâmica local e contar com o olhar do próprio morador na pesquisa. Contudo, mesmo após a liberação do Comitê de Ética no ano de 2020, devido às questões já citadas relacionadas ao COVID-19, me vi impossibilitada de realizar tais entrevistas e busquei, em outras fontes, uma forma de trazer para meu trabalho a fala do morador¹.

A análise dos documentos que formam o Plano Diretor (2018) da cidade de Aparecida surge como base para compreensão das demandas dos moradores e

¹ As entrevistas seriam tratadas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), sendo aplicado um questionário com dois blocos de pergunta. O primeiro, destinado às "Identificações Iniciais" e, o segundo, ao roteiro de entrevista semiestruturada contendo um total de 12 questões que permitiriam a liberdade de resposta do morador. As perguntas inquiriam sobre: 1) relação com espaço religioso/pontos turísticos de fé ou não; 2) visões sobre o planejamento urbano e suas políticas públicas; 3) o cotidiano dos moradores (deste trabalho).

da relação dos munícipes com o turismo e a religiosidade local, além de pesquisas em *sites* e jornais *online*.

Por fim ressalto, nesta apresentação, que desde a graduação e, ao longo do mestrado, fiz parte, como aluna pesquisadora, do projeto “Cartografias sociais e metodologias participativas na construção de uma leitura técnica e comunitária da dinâmica socioespacial de São José dos Campos”, do Laboratório de Cartografias Sociais e Metodologias Participativas do IP&D/ UNIVAP.

Particpei de trabalhos de campo que me possibilitaram compreender a importância do olhar e da fala da população para pesquisa e trouxeram experiências como realização de entrevistas, composição de mapas e análise de dados obtidos nas reuniões e visitas ao bairro Rio Comprido (local de estudo do projeto de Cartografias Sociais). Além de colaborar com a produção textual, entre os anos de 2018 a 2020, com relatórios de campo e um artigo para o INIC de 2019, sobre irregularidade fundiária na cidade de São José dos Campos, desenvolvido junto a colegas do projeto.

RESUMO

Este trabalho tem como tema o estudo do planejamento urbano no município de Aparecida/SP e a influência da religião na construção do espaço urbano da cidade. Objetiva-se estudar o processo de urbanização da cidade de Aparecida vinculado à fé e a sua relação com os munícipes, considerando que as suas atividades econômicas se relacionam ao fluxo turístico. Como objetivos específicos, propõe-se avaliar, a partir do Plano Diretor (PD) do município de Aparecida de 2018, as propostas de planejamento urbano e desenvolvimento econômico para a área urbana, bem como analisar as demandas dos moradores e as dos grupos que geram o turismo local, expressas no Plano Diretor. Busca-se também compreender a relação do morador com o espaço urbano de Aparecida por meio de sua infraestrutura. A hipótese do trabalho é que o turismo religioso influenciou diretamente as decisões políticas que promoveram o crescimento urbano e o desenvolvimento econômico do município em questão, menosprezando outras demandas não vinculadas a essa prática. O estudo se utiliza de metodologia qualitativa e faz uso de fontes primárias de fontes documentais, fotografias, visita de campo para coleta de dados; além de se valer da revisão bibliográfica para compor a discussão conceitual do trabalho.

Palavras-chave: Cidade turística. Planejamento Urbano e Regional. Turismo Religioso. Plano Diretor. Políticas Públicas.

URBAN PLANNING IN A CITY OF RELIGIOUS TOURISM: URBAN STRUCTURING IN THE MUNICIPALITY OF APARECIDA - SP

ABSTRACT

This work has as theme the study of urban planning in the city of Aparecida/SP and the influence of religion in the construction of the urban space of the city. The objective is to study the urbanization process of the city of Aparecida linked to the faith and its relationship with the residents, considering that its economic activities are related to the tourist flow. As specific objectives, it is proposed to evaluate, from the Plano Diretor (PD) of the city of Aparecida of 2018, the proposals of urban planning and economic development for the urban area, as well as to analyze the demands of the residents and those of the groups that generate local tourism, expressed in the Plano Diretor. It also seeks to understand the relationship of the resident with the urban space of Aparecida through its infrastructure. The hypothesis of the work is that religious tourism directly influenced political decisions that promoted urban growth and economic development of the municipality in question, disregarding other demands not linked to this practice. The study uses qualitative methodology and makes use of primary sources of documentary sources, photographs, field visits for data collection; besides using the bibliographic review to compose the conceptual discussion of the work.

Keywords: Tourist city. Urban and Regional Planning. Religious Tourism. Master Plan. Public Policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Recorte do Panfleto de Turismo de Jacareí.....	20
Figura 2- Pesquisa de satisfação do turista.....	30
Figura 3 - Bandeira e Brasão da cidade de Aparecida.....	32
Figura 4- Apresentação do <i>site</i> de Aparecida em 2019 e 2020.....	33
Figura 5- Missa em frente a Basílica Velha década de 1950	38
Figura 6- Fluxo de visitantes em Aparecida década de 1970.....	39
Figura 7 - Print da manchete e da foto da estátua no portal G1	47
Figura 8– Aparecida em 1968	49
Figura 9 - Estacionamento do Santuário em 1981.	49
Figura 10 -Terreno do Santuário Nacional, 1985.	50
Figura 11 - Aparecida (sem data).....	51
Figura 12 - Cidade de Aparecida (sem data).....	51
Figura 13 - Vista do estacionamento do Santuário.....	52
Figura 14 - Do ponto de vista da Rodovia Presidente Dutra	52
Figura 15 - Mapa da Mancha Urbana de Aparecida.....	53
Figura 16 - Macrozoneamento do município de Aparecida	53
Figura 17 - Zoneamentos em Aparecida	54
Figura 18 - Teleférico de Aparecida.	55
Figura 19 - Pessoas na passarela de Aparecida.....	56
Figura 20 - Mapa de abrangência dos participantes da Oficina 1	61
Figura 21 - Gráfico de Ausências.....	62
Figura 22 - O que sua cidade tem de bom?	63
Figura 23 - Trânsito em Aparecida.....	64
Figura 24 - O futuro do turismo em Aparecida.	65
Figura 25 - Zona Especial de Interesse Turístico.....	66
Figura 26 - Zona de Preservação da Paisagem Arquitetônica.....	67
Figura 27 - O futuro do lazer em Aparecida.....	71
Figura 28 - Corredor de acesso ao nicho da imagem de Nossa Senhora	73
Figura 29 - Igreja de Santa Rita	75
Figura 30 - Santuário visto do bairro Santa Rita.....	76
Figura 31 - Fluxo de pedestres nas ruas próximas à feira	77
Figura 32 - Fila para acesso à missa	79
Figura 33 - Portas de entrada interditadas	79
Figura 34 - Visita ao nicho de Nossa Senhora	80
Figura 35 - Fila para conferir temperatura (Centro de Apoio ao Romeiro)	81
Figura 36 - Corredor de lojas vazio (Centro de Apoio ao Romeiro).....	81
Figura 37 - Obra na fachada do Santuário	82
Figura 38 - Centro de Informações Turísticas	82
Figura 39 - Passarela vazia.....	83
Figura 40 - Galeria Recreio finalizada	83
Figura 41 - Bondinho visto do Santuário	84
Figura 42 - Bondinho próximo aos prédios (centro)	84
Figura 43 - Passagem do teleférico pelo centro de Aparecida	85
Figura 44 - Teleférico sobre as casas e comércios (centro).....	85
Figura 45 - Construção canteiro central	86
Figura 46 - Máquinas no canteiro central	86
Figura 47 - Obras na região central de Aparecida.....	87
Figura 48 - Obra em fachada de loja (centro).....	87

Figura 49 – Prédio em construção.....	88
Figura 50 - Obras em Aparecida	88
Figura 51 - Obras em rua do perímetro central de Aparecida	89
Figura 52 - Basílica Velha fechada.....	90
Figura 53 - Fotografos na praça da Basílica Velha	90
Figura 54 - Rua da feira vazia	91
Figura 55 - Enfeite nas ruas (centro).....	91
Figura 56 - Bandeiras na Basílica Velha	92
Figura 57 - Bandeiras no Porto de Itaguaçu.....	92
Figura 58 - Imagem de Nossa Senhora Aparecida no poste.....	93
Figura 59 - Placa no Porto Itaguaçu.....	94
Figura 60 - Estrada de ferro	94
Figura 61 – Serviço de coleta do lixo	95
Figura 62 - Danos no asfalto e falta de calçada	96
Figura 63 - Asfalto danificado (São Geraldo)	96
Figura 64 - Placa no bairro São Geraldo	97
Figura 65 - Lixo próximo a estrada de ferro	97
Figura 66 - Obra (São Geraldo).....	98
Figura 67 - Praça (São Geraldo)	98
Figura 68 - Terreno vazio próximo ao Caminho do Rosário	99
Figura 69 - Terreno com entulho	99
Figura 70 - Santuário visto do bairro São Geraldo	100
Figura 71 - Santuário ao fundo da Avenida Pedro Goussain	100
Figura 72 - Mapa de distância	101
Figura 73 - Pacotes de Turismo	103
Figura 74 - O que fazer em Aparecida?	104
Figura 75 - Problemas urbanos apontados por moradores de Aparecida	107
Figura 76 - Ações para Aparecida crescer de forma planejada.....	108
Figura 77 - Regras para orientar novas construções e loteamentos	109
Figura 78 – Família em frente a Basílica velha, década de 70.....	110
Figura 79 - Turistas na frente da Basílica Velha na década de 1960	111
Figura 80 - Fotografia registrada na Praça da Basílica Velha década de 1960	111
Figura 81 - Grupo de romeiros em Aparecida	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Localização dos pontos turísticos.....	45
Quadro 2 - Bairros de Aparecida.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Evolução da população de Aparecida 1980 -2020	28
Tabela 2 - Dados sobre visitação à Aparecida.	46
Tabela 3 - Empregos no município de Aparecida.....	67

LISTA DE SIGLAS

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PD - Plano Diretor

RMVPLN - Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte

SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 METODOLOGIA	21
3 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE URBANIZAÇÃO, TURISMO E GESTÃO DOS TERRITÓRIOS	24
3.1 Urbanização e políticas públicas: contexto brasileiro e processo histórico	24
3.2 Turismo religioso e espaço urbano: peregrinação, cidades de turismo, gestão territorial e imagem da cidade de Aparecida.....	28
4 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE APARECIDA E SUA RELAÇÃO COM O CATOLICISMO.....	32
4.1 Historiografia da cidade de Aparecida: religião e território	34
4.2 Capital da fé: projeção nacional na Era Vargas e turismo religioso....	40
4.3 O Planejamento urbano em cidades de turismo: o caso de Aparecida/SP	44
5 APARECIDA NO SÉCULO XXI: PLANO DIRETOR E ORDENAMENTO TERRITORIAL TURÍSTICO	58
5.1 A revisão do Plano Diretor de Aparecida - 2018.....	58
5.2 A economia local: comércio, setor hoteleiro e a relação com o turismo religioso	67
5.3 Os bairros de Aparecida: mobilidade, lazer e infraestrutura.....	68
6 APARECIDA: UM OLHAR SOBRE A CIDADE.....	72
6.1 Relato etnográfico: a pesquisa e a cidade	72
6.2 Olhares sobre a cidade: o turismo, os munícipes e os interesses....	102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – ENTREVISTA.....	122
APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	124
ANEXO – PERMISSÃO PARA CONSULTAR O ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA	126

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa analisar os impactos do turismo religioso no processo de urbanização e no cotidiano dos moradores da cidade de Aparecida/SP, localizada no interior do estado de São Paulo, considerando-se a relação dos moradores com a vocação religiosa da cidade e com o grande fluxo de visitantes nos espaços destinados ao turismo religioso.

O crescimento urbano moldado na informação e no capital leva a uma crescente urbanização que tem grande impacto na vida social, como foi observado na obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” de Milton Santos (2008). As mudanças, provocadas pela crescente urbanização, ocorrem de forma rápida, cuja velocidade provoca mudanças questionadoras das tradições culturais. Tais mudanças contínuas e aceleradas relacionam-se com o tempo da fluidez impostas pela modernidade. A “violência” da informação, acelerada pelas mídias digitais, a primazia do dinheiro e o discurso pautado em um único ponto de vista da sociedade criam um modelo de globalização perversa, que atinge a todos de forma diferente, denominada por Santos (2008) como globalização heterogênea.

Dessa maneira, os processos de urbanização são múltiplos, ocorrem de forma diferenciada e possuem características próprias. O processo de urbanização é comumente vinculado à industrialização; contudo, algumas cidades crescem motivadas por outras dinâmicas como a do turismo (SANTOS, 2008).

Ao redor do mundo, várias são as cidades que tem seu cotidiano marcado pelo turismo religioso, famosas por conter relíquias religiosas ou por serem expressões de uma determinada vertente religiosa. Tais lugares ganham notoriedade ao atrair grande número de devotos. No caso do Brasil se destacam as cidades Abadiânia (Goiás), Aparecida (São Paulo), Belém (Pará), Juazeiro do Norte (Ceará), Nova Jerusalém (Pernambuco), Nova Trento (Santa Catarina), Ouro Preto (Minas Gerais), Trindade (Goiás); que recebem grande fluxo de turistas anualmente e aparecem no roteiro religioso como principais atrações em guias de viagem.

Silveira (2007) nos apresenta as cidades que têm seu cotidiano marcado pela presença do turismo de caráter religioso. O termo “turismo religioso”, segundo o autor, vem sendo amplamente utilizado no meio acadêmico, por vezes sendo confundido com outros termos como romaria ou peregrinação e, de “antiga prática social

renomada” passa, no período de globalização e desterritorialização, a se instituir das visitas a lugares considerados sagrados.

Silveira (2007) apresenta o turismo como mercadoria, tratando do turismo virtual, do turismo de negócios e das oportunidades de negócios vinculadas ao setor, remontando os locais onde ocorrem fluxo turístico e festividades populares que atraem os turistas e são comuns em grande parte dos municípios brasileiros.

Em sua maioria, o turismo religioso está relacionado ao catolicismo e tem, como principal atração, igrejas, festas e obras dedicadas a símbolos importantes da religião católica no Brasil, como a figura de Padre Cícero em Juazeiro, a imagem de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida, as igrejas em Ouro Preto, Festa do Divino Pai Eterno em Trindade e o Círio de Nazaré em Belém.

A imagem da Santa Aparecida chegou a ser utilizada por outras cidades para promover atividades de turismo. A cidade de Jacareí é um exemplo. Por meio de panfletos, disponíveis no site da Prefeitura de Jacareí ² (figura 1), o governo municipal tenta promover o turismo religioso local, por meio da divulgação da ideia de que a imagem da Santa Aparecida teria sido jogada no Rio Paraíba na cidade de Jacareí.

² Disponível em <http://www.jacarei.sp.gov.br/cidade/> acesso em 09/04/2020 as 19:50.

Nota1: O turismo religioso engloba diversos aspectos, desde a religião a cultura e a economia; faz necessário aqui diferenciar as figuras do peregrino e do romeiro que visitam as cidades pela fé. A peregrinação é anterior ao catolicismo e existe em diversas religiões, sendo o caminho percorrido como forma de penitência ou agradecimento (Gregos e Egípcios da antiguidade já peregrinavam a templos). Já as romarias seguem os caminhos sagrados dos Católicos Romanos, em referências as peregrinações que iam em direção a Roma; portanto a romaria é a peregrinação a um local sagrado de fé católica, Rosado (2018).

Figura 1- Recorte do Panfleto de Turismo de Jacareí



Fonte: Jacareí (2020).

É possível perceber a importância da imagem religiosa do município de Aparecida não só por meio de seu turismo local e ponto de peregrinação, mas também como atrativo para cidades vizinhas, reforçando como sua estrutura urbana tem estreita sua relação com o turismo religioso.

Tendo em vista essas questões, indaga-se se a cidade de Aparecida, que possui forte apelo religioso atende às demandas oriundas de sua vocação religiosa, sem deixar de garantir qualidade de vida aos moradores. Pergunta-se como a cidade cresce e se modifica para se adaptar às necessidades urbanas impostas pela projeção de sua imagem à medida que a demanda de visitantes aumenta?

O objetivo geral do presente trabalho consiste em estudar os processos da formação urbana e as influências da fé e do turismo religioso no desenvolvimento da cidade de Aparecida - SP e seus impactos na vida dos moradores e no planejamento urbano local. Os objetivos específicos são: analisar se a cidade tem espaços que atendam às demandas dos moradores, considerando as atividades econômicas locais relacionadas ao fluxo de turismo na cidade; compreender a relação dos moradores com o espaço urbano da cidade de Aparecida -SP; avaliar a partir de estudos de revisão do Plano Diretor (PD) do município de Aparecida de 2018, as propostas de planejamento urbano e desenvolvimento econômico para a área urbana; analisar possíveis conflitos entre as demandas dos moradores, expressas no PD (2018), as demandas dos grupos que geram o turismo local e obter as percepções dos moradores sobre a cidade. Analisar a infraestrutura urbana de Aparecida além dos documentos por meio de visitas à cidade e fotografias obtidas no Acervo Iconográfico da Cúria Metropolitana de Aparecida e fotos da autora em campo.

2 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho centra-se inicialmente na revisão bibliográfica que remete à história do município de Aparecida e na análise de documentos da gestão municipal, como o Plano Diretor de 2018 e os dados da Fundação SEADE, que explicitam os aspectos demográficos do município. Dessa forma, para expor as questões urbanas, as dinâmicas, as demandas e o ponto de vista dos munícipes, realizou-se uma análise dos documentos que compõem o Plano Diretor (2018) do município de Aparecida. Segundo o artigo 40 do estatuto:

Art. 40. O Plano Diretor, aprovado por lei municipal, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana.

§ 1º O Plano Diretor é parte integrante do processo de planejamento municipal, devendo o plano plurianual, as diretrizes orçamentárias e o orçamento anual incorporar as diretrizes e as prioridades nele contidas.

§ 2º O Plano Diretor deverá englobar o território do Município como um todo.

§ 3º A lei que instituir o Plano Diretor deverá ser revista, pelo menos, a cada dez anos.

§ 4º No processo de elaboração do Plano Diretor e na fiscalização de sua implementação, os Poderes Legislativo e Executivo municipais garantirão:

I – a promoção de audiências públicas e debates com a participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade;

II – a publicidade quanto aos documentos e informações produzidos;

III – o acesso de qualquer interessado aos documentos e informações produzidos.

O Plano Diretor é obrigatório para as cidades com mais de 20 mil habitantes, que compõem regiões metropolitanas (e aglomerações urbanas), que fazem parte de áreas especiais de interesse turístico e de influência para empreendimentos com impactos ambientais (âmbito regional ou nacional), dentre outros fatores. A participação popular se faz importante para composição dos documentos do Plano Diretor, material importante que expressa as opiniões dos munícipes sobre a gestão da cidade.

Para remontar a história e o processo de urbanização da cidade, se utilizou de fontes primárias cedidas pela Cúria Metropolitana de Aparecida como fotos, documentos, cartas que, por vezes, não são de autoria da igreja, mas estão sob seus cuidados. A pesquisa também se valeu de jornais *online* e mídias sociais para coleta de dados.

Essa dissertação também se utilizou de estratégias etnográficas para recuperar aspectos da infraestrutura urbana. Foram realizados relatos etnográficos na cidade a partir de três visitas: uma visita realizada no ano de 2018, para demonstrar o fluxo turístico entre o santuário e a basílica velha; uma visita feita em dezembro de 2019, que possibilitou a observação do fluxo de turismo na cidade; a última, em 2020, para observação da infraestrutura da cidade.

Segundo Mintz (1984), os relatos etnográficos são formas de compreender características, tradições, composição, cotidiano e cultura de um grupo e/ou de um local, por meio de descrição, observação e coleta de dados realizados pelo/a pesquisador/a em trabalho de campo. Nesta pesquisa, os relatos surgem como um dos olhares sobre a cidade de Aparecida, o olhar na busca por compreensão sobre o cotidiano, a cultura e a infraestrutura na cidade.

A área de estudo compreende o perímetro urbano. Foram realizadas visitas de campo em bairros da região central de Aparecida, por ser de maior circulação social e ponto de encontro entre a rotina dos moradores e a passagem dos turistas.

Já o uso de fotografias se apresentou como elemento histórico, documento e registro. Kossoy (2001) diz que toda fotografia em seu conteúdo está representando uma “interrupção” do tempo e, conseqüentemente, da vida; para o autor, toda fotografia tem, por trás, uma história e uma intenção; analisar uma fotografia é refletir sobre sua trajetória.

Barthes (1984) descreve a fotografia como algo que torna o sujeito um objeto. Antes, a fotografia submetia o fotografado, por vezes sujeitos de classes sociais mais abastadas, a poses estáticas, tornando-se objeto do fotógrafo; levando, inclusive, ao debate sobre a quem pertencem as fotografias?

Lima e Carvalho (2009) discorrem sobre a fotografia como fonte histórica (material didático e fontes testemunhais), levando em consideração os usos sociais da foto e toda sua trajetória histórica ligada à ascensão da burguesia. As autoras trazem para esse debate os ateliês fotográficos e os descrevem:

Os ateliês fotográficos, muitos deles ambulantes, produziram milhões de retratos nos mais diferentes segmentos sociais. O hábito de retratar a si, ao casal, aos filhos, à família, privilégio antes restrito à nobreza e aos comerciantes ricos, tornou-se possível com a fotografia (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 31).

A figura do fotógrafo como apresentado pelos autores pode ser observada nas fotos antigas de família registradas na cidade de Aparecida, muitas retratando turistas

em frente a basílica velha, onde relatam as pessoas que disponibilizaram as fotos para este trabalho, ficavam fotógrafos com grandes máquinas fixadas em um lugar e que como pode ser observado em campo uma atividade que ainda existe na praça da basílica.

O texto está organizado em quatro seções. A primeira é destinada a apresentar conceitos importantes para o desenvolvimento do trabalho como urbanização e turismo. Apresenta-se, primeiramente, um panorama geral sobre as políticas públicas e o planejamento urbano na cidade de Aparecida e concentra-se no debate sobre o turismo religioso.

A segunda seção apresenta a história do município de Aparecida, como se deu sua projeção no cenário nacional e as suas implicações para o turismo local, bem como trata do planejamento urbano na cidade. Nesta seção, o enfoque histórico visa demonstrar a formação do município de Aparecida e sua relação com a fé popular, além de discutir tópicos como turismo e o condicionamento do planejamento urbano às determinações da dinâmica religiosa e a influência dos turistas e romeiros na composição do município; por fim, propõe-se uma pequena discussão sobre a projeção nacional de Aparecida e sua importância no cenário brasileiro.

O planejamento urbano ganha enfoque na terceira seção onde o Plano Diretor de 2018 é apresentado e serve de base para as discussões sobre o cenário urbano de Aparecida no século XXI. Nesta seção realizar-se-á uma análise do Plano Diretor do município de Aparecida, que contém informações da cidade desde 2007, com reuniões realizadas ao longo dos anos de 2017 e 2018 e finalizado no ano de 2018.

Por fim, a quarta seção apresenta os diferentes olhares do turista, do pesquisador e do morador sobre a cidade de Aparecida, por meio de relatos etnográficos, fotografias e referenciais teóricos variados, que ajudam a compor todo o debate presente neste trabalho. Esta seção é dedicada ao olhar sobre a cidade de Aparecida com enfoque para o munícipe, buscando abordar temas como as percepções sobre o espaço urbano e as reflexões sobre os diferentes olhares para a cidade: o olhar do pesquisador, do turista e do morador

3 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE URBANIZAÇÃO, TURISMO E GESTÃO DOS TERRITÓRIOS

Nesta seção serão apresentadas breves considerações sobre urbanização, turismo religioso e gestão de territórios. O intuito é introduzir a discussão a respeito das cidades que possuem o turismo como principal atrativo e motor econômico e que tem seu cotidiano as políticas públicas fortemente marcadas pela característica turística. Compõe-se de uma breve contextualização histórica sobre a urbanização no Brasil, partindo de um debate sobre políticas públicas relacionadas à questão das cidades de turismo e à gestão desses territórios; uma vez que eles passam a servir não só como áreas de residências fixas, mas também pontos de passagem e circulação.

O segundo tópico desta seção destina-se a estudar as relações mais específicas do turismo religioso com o espaço físico das cidades, suas estruturas e políticas adotadas em seu processo de urbanização. Neste tópico, a cidade de Aparecida, localizada no interior do estado de São Paulo, surge de forma introdutória e será apresentada por meio de dados obtidos no *site* da prefeitura. A finalidade da análise desses dados é compreender como o município se apresenta para a sociedade e como essa imagem reflete sobre seu cenário urbano.

3.1 Urbanização e políticas públicas: contexto brasileiro e processo histórico

Milton Santos (2002), em sua obra “Por uma geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica”, considera que o espaço é: “(...) um fato social, um fator social e uma instância social” (2002, p. 163). Santos (2002) concebe o espaço enquanto produtor e produto, determinante e determinado.

O conceito de espaço urbano sofreu variações ao longo do debate científico, na geografia crítica e no Planejamento Urbano. Ele deve ser compreendido não só como espaço físico, mas também a partir das relações sociais de produção e reprodução das forças de trabalho, de políticas e de ideologias que ocorrem no cenário das cidades no modo de produção capitalista (CAMARGO; LAMPARELLI; GEORGE, 2007).

Camargo, Lamparelli e George (2007) apresentam o urbano como algo hierarquizado, independente e integrado, sempre levando em consideração o modo de produção capitalista. O Estado é considerado como o normalizador, regulador e produtor do espaço urbano. Os autores ressaltam o período pós Segunda Guerra Mundial como o momento em que se proliferaram no mundo capitalista os planos de urbanização, as leis de zoneamento, as obras e manifestações da intervenção estatal no meio urbano.

Para os autores acima citados, o planejamento urbano surge para organizar e operacionalizar a intervenção do Estado, e que mesmo baseado em técnicas encontra, na prática, dificuldades pela realidade complexa e contraditória das cidades. Dessa forma, as leis de zoneamento seriam uma forma de racionalizar o espaço e aplicar a técnica ou, na melhor das hipóteses, um meio de aplicar uma divisão técnica “ignorando” os fatores sociais (CAMARGO; LAMPARELLI; GEORGE, 2007).

Villaça (1999), ao discorrer sobre a história do planejamento urbano no Brasil inicia sua discussão a partir século XX, o autor discorre sobre os zoneamentos e planejamento sanitário das cidades brasileiras, passando pela década de 1930 até as décadas de 1970 e 1980. Destaca que durante a Ditadura Militar, o Governo Federal intensificou a preocupação com o espaço urbano, sobretudo depois da homologação da Lei Federal 6766/79 por João Figueiredo (VILLAÇA, 1999). Essa Lei regula os loteamentos urbano, objetivando organizar e normatizar a ocupação do solo urbano.

Segundo Villaça (1999), o planejamento urbano e o Plano Diretor não devem ser tratados como sinônimos. Os planos urbanos, ou planejamento urbano, existem há séculos, mas os planos diretores e de urbanismo surgem somente no século XIX, com medidas de ordenamento do “caos” das cidades modernas. O literário Lima Barreto (1881-1922), como citado por Villaça (1999), no final do século XIX, escrevia sobre as injustiças socio urbanas e sobre as classes subalternas no Rio de Janeiro, manifestas de forma geográfica e espacial.

No Brasil, foi na década de 1950 em que se iniciou a discussão sobre a necessidade de integração dos planos urbanos, centrados no Plano Diretor. Em 1960, as políticas urbanas receberam o nome de “Planejamento Urbano (ou local) ou Planejamento Urbano Integrado (VILLAÇA, 1999).

O zoneamento, como uma legislação urbanística brasileira, que tem início em São Paulo e no Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX. A prática teve

como medidas a desapropriação de cortiços e criação de vilas operárias. As normativas de zoneamento não são por elas mesmas, iguais às do Plano Diretor, contudo, todo Plano Diretor deve incluir um plano de zoneamento (VILLAÇA, 1999).

Além do estudo das mudanças dos projetos e planos urbanísticos ao longo da história brasileira, Villaça (1999) traz um debate sobre as problemáticas do meio urbano e as fragilidades dos planos que vão se alterando ao longo do século XX, chegando então à questão da reação popular frente às questões urbanas (VILLAÇA, 1999). Segundo o autor, o Plano Diretor passou a se difundir no Brasil na década de 1940, mas sofreu alterações em sua nomenclatura a partir de 1960. Somente no final da década de 1980 é que o termo “Plano Diretor” foi reapresentado, por meio da Constituição Federal (1988), para se adaptar as mudanças que ocorreram no âmbito dos estudos sobre o urbano (VILLAÇA, 1999).

O Estatuto da Cidade (Lei Federal n. 10.257 de 10 de julho de 2011) define como obrigatório que municípios com mais de 20.000 habitantes elaborem seus Planos Diretores, com revisão a cada dez anos (VILLAÇA, 1999).

Dessa forma, refletindo sobre as discussões sobre o espaço urbano e gestão, o planejamento urbano, segundo Marcelo Lopes de Souza (2004), seria uma atividade política por excelência. Para o autor, as práticas de gestão e planejamento urbano estão vinculadas à relação de poder, conflito e interesse de determinados grupos; abrindo assim uma discussão para a relação do planejamento urbano e da renda da população (ou das classes sociais). Essa relação nos leva à discussão sobre quais seriam os grupos que tem maior influência sobre o planejamento das cidades, incluindo as turísticas, e como se dá a relação dos interesses e conflitos relacionados à questão da renda/classe sociais e distribuição dos espaços urbanos.

Na década de 1960 se inicia no Brasil o fenômeno da “Metropolização”. Segundo Mencion e Zioni (2017), as cidades passaram por um processo de industrialização com aumento econômico e demográfico. Os autores apontam o acelerado crescimento das cidades e a intensificação dos fluxos econômicos, sociais e culturais como principal causa da expansão dos núcleos urbanos e a criação de municípios próximos e relações de interdependência entre eles em graus variados.

Para Mencion e Zioni (2017), essas relações de interdependência em um grau elevado levam à formação de um aglomerado com relações inter-relacionadas denominadas Aglomerações Urbanas. Os autores descrevem

unidade territorial constituída por no mínimo dois municípios limítrofe, caracterizada por complementariedade funcional e integração das dinâmicas geográficas, ambientais, políticas e socioeconômicas, que apresenta destacada influência nacional ou regional, conforme critérios adotados pelo IBGE (MENZIO; ZIONI, p. 5, 2017).

O município de Aparecida está inserido na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN)³. Localizada no interior do estado de São Paulo, Aparecida está entre duas grandes metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro, e “historicamente” relacionada às intervenções dos governos estadual e federal que transformaram os sistemas produtivos e os eixos de transporte interestaduais e intermunicipais (no século XIX, a ferrovia e, na segunda metade do século XX, as rodovias) (RESCHILIAN, 2005). Reschilian (2005) ressalta a localização geográfica da Região como fator para sua estruturação, sendo o Rio Paraíba o primeiro ponto de demarcação territorial para ocupação e transporte no eixo “Rio-São Paulo” (RESCHILIAN, 2005).

É importante ressaltar também que nas décadas de 1980 e 1990 foram reforçadas as tendências da concentração populacional no Vale do Paraíba, em especial nos municípios de São José dos Campos, Jacareí e Taubaté, (RESCHILIAN, 2005). A compreensão do contexto histórico da formação da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte se faz importante nesta pesquisa para desenhar o cenário no qual se encontra o município que será plano de fundo para as discussões sobre a relação planejamento urbano, turismo e cotidiano dos moradores.

O Vale do Paraíba e Litoral Norte se projeta em cenário nacional em grande parte por seu crescimento industrial, mas sua localização e a presença de importantes

³ Segundo a Emplasa (2020) a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte foi criada em 2012, pela Lei Complementar nº 1.166, de 9 de janeiro de 2012, e é integrada por 39 municípios, divididos em cinco sub-regiões: Sub-Região 1: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos; Sub-Região 2: Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé; Sub-Região 3: Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira; Sub-Região 4: Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras; Sub-Região 5: Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba. Extensa, a região concentra mais de 2,5 milhões de habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2018, e gerou 4,8% do Produto Interno Bruto (PIB) paulista em 2016. [Região Metropolitana Vale do Paraíba e Litoral Norte -emplasa.sp.gov.br](http://regiao.metropolitana.vale.doparaiba.elitoralnorte-emplasa.sp.gov.br).

rodovias também possibilitam o exercício de outras atividades econômicas como o turismo, muito presente em cidades da região.

Nesse cenário, o crescimento dos eixos de transporte na Região do Vale do Paraíba e Litoral Norte também afetam Aparecida. Segundo Moreira Neto, Guimarães, Zanetti (2020), a chegada da ferrovia que liga Rio de Janeiro a São Paulo na década de 1950, possibilitou o acesso a um maior número de fiéis à cidade. Mas os autores ressaltam também os impactos da ferrovia no cenário urbano com a limitação da área para atividades urbanas e uma nova possibilidade de ocupação territorial. Os autores enfatizam que a construção da Rodovia Presidente Dutra, na década de 1950, acabou por criar uma barreira a expansão urbana de Aparecida. A Tabela 1 mostra a evolução da população de Aparecida de 1980 a 2020.

Tabela 1– Evolução da população de Aparecida 1980 -2020

Ano	População
1980	29.275
1991	33.249
2000	34.888
2010	35.006
2020	35.709

Fonte: Fundação SEADE. 2020.

3.2 Turismo religioso e espaço urbano: peregrinação, cidades de turismo, gestão territorial e imagem da cidade de Aparecida

As peregrinações ao redor do mundo atraem pessoas de diversos lugares e movimentam cidades que possuem pontos para prática religiosa. O ato de peregrinar é mais antigo que o catolicismo e está presente em outras religiões como as peregrinações à Meca sagrada para os muçulmanos e o Rio Gandhi para o Hindus na Índia.

Para Marques (2001), o contexto histórico das romarias está atrelado às peregrinações específicas do catolicismo, com as peregrinações rumo à Roma e aos caminhos sagrados para o Católicos Romanos no século XIII.

Jerusalém marca um dos principais locais de peregrinações do cristianismo. Ao longo da idade média (séculos XI a XIII) surgiram os movimentos conhecidos como Cruzadas, que tinham como objetivo tomar as “terras santas” (incluindo Jerusalém) das mãos dos muçulmanos. Os homens que partiam nas Cruzadas carregavam em suas roupas uma cruz e se intitulavam “Soldados de Cristo”. Pode-se considerar as Cruzadas como peregrinações, pois, mesmo com aspectos militares, possuíam um plano de fundo religioso e crença na elevação espiritual (FRANCO JÚNIOR, 1989).

Cypriano e Lima (2008) ressalta que, no passado, o termo turismo religioso era destinado aos que visitavam locais de culto com o objetivo de peregrinar, demonstrar fé e pagar promessas; contudo, passou a ser aceito o uso do termo para aqueles que buscavam conhecimento cultural, social e históricos dos locais sagrados.

O catolicismo desponta no Brasil como propulsor na construção de santuários e incorporou, no cotidiano da sociedade, as festividades e manifestações religiosas que impulsionou forte influência nos deslocamentos religiosos e turísticos (CYPRIANO; LIMA, 2008).

Fortuna (1999), em sua obra “Identidades, percursos, paisagens culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana” aborda as peregrinações à Fátima, em Portugal, diferenciando o peregrino do turista. Parte-se do ponto que a peregrinação possui um caráter de rito de passagem, de reconstrução e deformação temporária da cultura; sendo a peregrinação a pé de grande expressividade por seu simbolismo de passagem entre o profano e o sagrado. O turismo tem em comum com a peregrinação o ato de deslocamento até um destino.

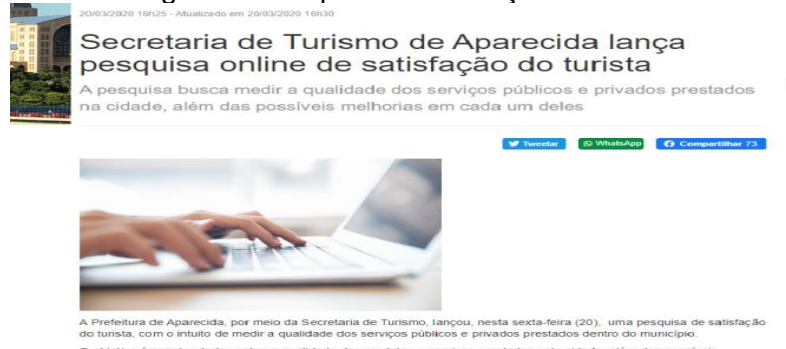
De acordo com Camargo, Lamparelli e George (2007), o espaço urbano é um meio influenciado pelo modo de produção capitalista, assim como são as cidades de turismo religioso (OLIVEIRA, 2014). Nesse sentido, espaço geográfico e a própria atividade turística se transformam em mercadoria. Oliveira (2014) ressalta que os gestores de cidades turísticas nem sempre atendem às demandas do morador local, concentrando suas “expectativas externas ao lugar” como forma de transformar a cidade mais competitiva em “mercado”, abandonando obras essenciais e básicas para os moradores.

Algumas cidades acabam por despontar no cenário mundial dentro da religiosidade como um lugar sagrado. Marques (2017) descreve o lugar como área de relações, tais lugares ganham significado a partir das ações e relações sociais que ali

ocorrem. Para Marques (2017), o lugar só é denominado sagrado pela simbologia a ele atribuída, ou ainda, devido à importância que lhe é atribuída pelos fiéis que o frequentam.

O município de Aparecida/SP tem seu perímetro urbano desenvolvido e subjugado de forma a atender à alta demanda turística relacionada ao catolicismo e à fé. Nesse sentido, é explicável que a prefeitura de Aparecida invista em infraestrutura para melhor atender aos turistas, como ficou evidente na “Pesquisa de Satisfação do Turista”, disponibilizada no *site* da prefeitura municipal, contando com 63 perguntas sobre a cidade e seus pontos turísticos, passando por hospedagem, comércio e alimentação.

Figura 2- Pesquisa de satisfação do turista



Fonte: Aparecida, 2020c.

Percebe-se que a prefeitura busca, além de avaliar os serviços fornecidos para melhorias e adaptações de serviços, conhecer o perfil do visitante e identificar o fluxo de turistas e de romeiros, aqueles que viajam pela fé e aqueles que buscam a cidade por outros motivos, como o comércio. Fica evidente que a opinião do turismo é importante para a prefeitura e para as empresas que oferecem serviços na cidade, visto que a cidade é uma Estância turística e o turismo gera forte impacto na economia local. É também de interesse da prefeitura de Aparecida ter conhecimento sobre a impressão que o turista tem da cidade e sobre as demandas turísticas.

A cidade de Aparecida tem característica de “lugar sagrado” de renovação da fé. Para o cristão, o lugar sagrado seria a materialização em forma de lugar do estado de espírito e experiência já tradicionais e compartilhados por meio da memória individual e coletiva (HALBWACHS, 1990).

Aparecida, o maior centro de peregrinação da América Latina (APARECIDA, 2020a), é parte importante do cenário turístico brasileiro, conhecida como “Capital Mariana da Fé”, o município recebe mais de onze milhões de turistas por ano. A história do município está relacionada à fé e ao sagrado e essa imagem é utilizada para a propagação do turismo. No entanto, em 2020, estima-se que o município também se tornou o espaço de vida para cerca de 35 mil pessoas.

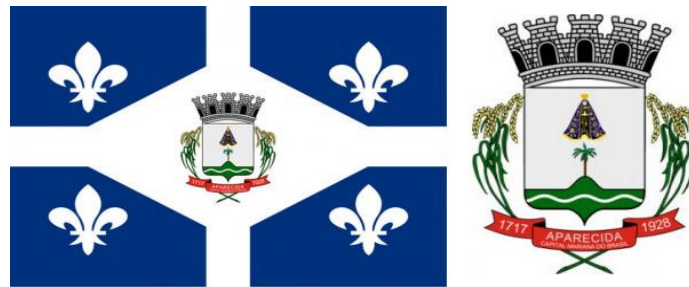
Os impactos dessa forte imagem turística ficam evidentes quando, ao analisar o Plano Diretor de 2018 do município de Aparecida (a ser aprofundado na Seção 3 deste trabalho), percebe-se que a área urbana se desenvolve significativamente, enquanto a área rural permanece estagnada. Esta é a única área do município sem presença de pontos de turismo associados à imagem de Nossa Senhora Aparecida. A fé também marca o cotidiano dos moradores e constrói o espaço urbano da cidade de Aparecida.

A Fundação Seade (2020), ao sistematizar os dados econômicos do município de Aparecida, mostra que, em 2000, Aparecida registrava 5.047 empregos formais; em 2010, eles eram 8.904 e, em 2018, 11.600. Os setores que mais empregaram na cidade eram os setores de comércio e serviços, possivelmente vinculados ao turismo religioso.

4 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE APARECIDA E SUA RELAÇÃO COM O CATOLICISMO

A cidade de Aparecida tem suas origens fortemente relacionadas à imagem de Nossa Senhora Aparecida, inclusive leva seu nome e sua imagem em seus símbolos oficiais (bandeira, brasão e hino)⁴.

Figura 3 - Bandeira e Brasão da cidade de Aparecida



Fonte: Aparecida, 2020.

A presença da imagem da santa e do rio Paraíba em tais símbolos, segundo descrição presente no site da cidade, representa “o espírito cristão do povo” e, a presença da Flor de Liz Branca, representa a Santa Mãe de Jesus. De certa forma, cada um desses elementos remonta à história da imagem e, conseqüentemente, da cidade. Um outro exemplo claro da forte presença da imagem de Aparecida nos símbolos cívicos é o hino do município composto em 1^o de abril de 1929, quando da instalação da primeira Câmara Municipal⁵.

A letra do hino discorre sobre a fé do povo, a importância nacional da imagem de Nossa Senhora Aparecida e a riqueza local. Em alguns trechos, a cidade e a santa parecem ser únicas, ambas remetendo à fé, à bondade, à liberdade, à riqueza e ao poder; como representado no trecho a seguir:

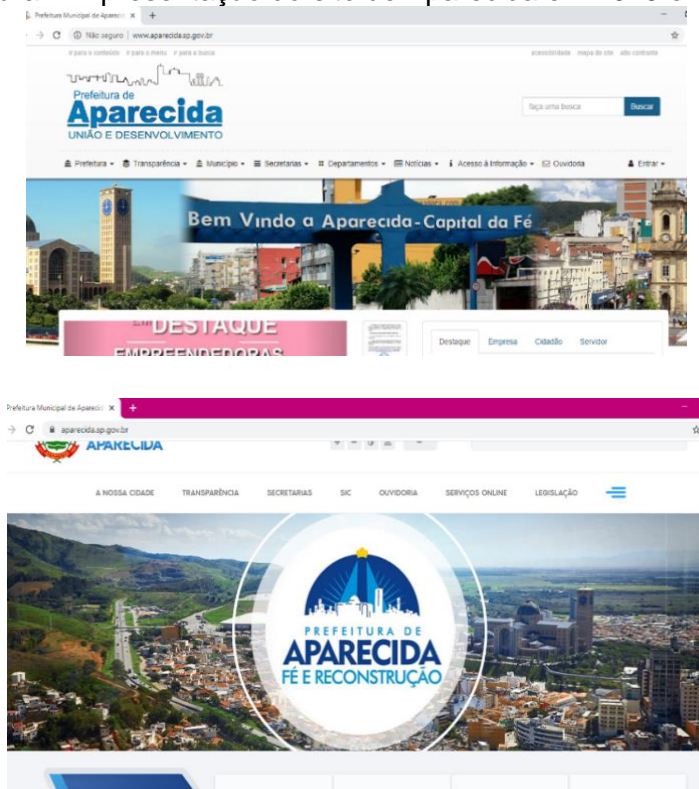
(...) Aparecida é do Brasil
 Recanto doce e primoroso
 Sobre ele estende, a Virgem bela,
 Seu manto santo e poderoso (...) (Prefeitura Municipal de Aparecida, 2020)

⁴ Disponível em: <<http://www.aparecida.sp.gov.br/>> acesso em 18/03/2020.

⁵ Disponível em: <http://www.aparecida.sp.gov.br/paginas/hino_de_aparecida> acesso em 18/03/2010.

O próprio *Site* da Prefeitura traz a imagem da cidade relacionada à fé. Na parte superior da página inicial de apresentação do *site*, até o ano de 2019, constavam os dizeres “Bem-Vindo a Aparecida - Capital da Fé”, contendo, no plano de fundo, a imagem das basílicas. Já a imagem, no plano inferior, mostra a mudança na página inicial do *site* no ano de 2020, e ainda a página continua a relacionar a imagem da cidade à fé com a frase “Prefeitura de Aparecida Fé e reconstrução” trazendo a imagem da santa e da basílica como um logotipo e, o Santuário Nacional, como plano de fundo. Nessa versão, aparece também parte da cidade e os bairros próximos ao santuário em imagem área (Figura 4).

Figura 4- Apresentação do *site* de Aparecida em 2019 e 2020



Fonte: Aparecida (2020a).

A cidade de Aparecida molda sua identidade em torno da fé. As romarias, o grande fluxo turístico e a forte presença da igreja católica promovem a representação da cidade, reforçada pela prefeitura em seus elementos cívicos e no próprio *slogan*: “Aparecida: Capital da Fé”.

Dessa forma, todos os elementos da cidade parecem convergir para a imagem da santa e, para compreender essa relação, se faz necessária uma breve história da cidade para remontar sua configuração territorial, seu crescimento urbano e sua relação com a fé cristã.

4.1 Historiografia da cidade de Aparecida: religião e território

A Igreja católica teve forte influência no cotidiano do Brasil no período colonial (século XVI - século XVIII). A então colônia portuguesa seguia as leis portuguesas e o catolicismo, religião oficial da metrópole. A Igreja católica não só era responsável pela educação na metrópole e na colônia, como possuía grande poder de controle social e contribuiu para os processos de povoamento e formação do território brasileiro (FAUSTO, 2006).

Para Boris Fausto (2006), a divisão do território brasileiro teve influência da Igreja. O estado e a Igreja eram organizações distintas destinadas a organizar o processo de colonização. Para o autor, o papel do Estado era o de garantir a soberania da coroa portuguesa por intermédio da administração, da política e do povoamento, a relação entre metrópole e colônia e a mão de obra; de tal forma que cabia aos colonizadores reconhecer a autoridade do Estado.

Neste contexto, a catequese surge para garantir a soberania da religião católica na sociedade colonial, por meio da educação e do “controle de almas”. Por meio do seu poder propagava-se a ideia de obediência, à igreja e ao estado. O catolicismo também estava presente desde o nascimento até à morte dos indivíduos, por meio dos seus dogmas de batismo, crisma, casamento, confissão e extrema-unção (FAUSTO, 2006).

A função da igreja católica no período colonial se estende às questões vinculadas ao povoamento do território e à formação de aldeias. Como descrito por Sérgio Buarque de Holanda (1995), a colonização portuguesa se deu ao longo da faixa litorânea com foco no comércio e na exploração. Os padres jesuítas eram então importantes para abrir caminhos para exploração portuguesa por meio do elo que constituíam com os índios.

As igrejas marcavam os cenários de vilas e cidades. Holanda (1995) descreve o colono português como sendo o semeador, que semeava o povoamento sempre

com a igreja demarcando a ocupação. Os jesuítas montavam seus aldeamentos indígenas para a catequese e muitos, posteriormente, se tornaram cidades, como São José dos Campos que provém de um aldeamento de índios “Guaianases” (PAPALI; ZANETTI, 2010).

Neste contexto de forte presença da igreja no cenário brasileiro e de seu poder nos processos de povoamento e de educação, surge o povoado de Aparecida. No ano de 1717, pescadores foram mandados ao Rio Paraíba, na região da então Vila de Guaratinguetá no interior de São Paulo, para pescar o maior número de peixes para uma festa de passagem de membros da coroa, contudo não conseguiam pescar nada; até que uma das redes de pesca voltou com o que parecia ser o corpo de uma santa. Em seguida, a cabeça da imagem foi pescada e, logo após esse acontecimento, as redes se encheram de peixes (ALVAREZ, 2017).

O milagre dos peixes foi o primeiro atribuído à imagem, que ganhou nome popular de Aparecida, por ter aparecido no rio. A forma como foi parar no fundo do Paraíba é desconhecida, mas se sabe que a imagem é uma paulistinha que representa Nossa Senhora da Conceição padroeira de Portugal e, na época, também padroeira da colônia brasileira, fato descoberto no processo de restauração da imagem na década de 70; como descrito nos documentos da segunda Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida (1782-1981) pelo Padre Julio Brustoloni.

É importante ressaltar que a região do interior do estado de São Paulo tem grande influência dos bandeirantes e dos tropeiros em sua formação cultural. As bandeiras abriram espaço para as tropas de homens que levavam do litoral para o interior os suprimentos que chegavam da metrópole portuguesa criando rotas que expandiram o domínio português em terras brasileiras (ALMEIDA, 1971).

Os tropeiros contribuíram para a criação de rotas entre o litoral e o interior do estado de São Paulo, para a formação de vilas (que se originam dos ranchos de pouso necessários ao longo da viagem e ao redor destes surgem as primeiras vendas), para o abastecimento de gêneros de primeira necessidade, para as manifestações religiosas e linguísticas. A religiosidade do tropeiro se vincula ao catolicismo rústico. Eram eles que levavam, por meio dos causos e dos contos, a tradição oral de uma ponta a outra do país, favorecendo a propagação das crendices populares. As imagens dos santos eram adoradas pelos tropeiros, que recorriam a eles para sair

das dificuldades encontradas pelo caminho; sua aproximação com Deus ocorre por meio das orações e da contemplação da natureza (ALMEIDA, 1971).

Maria Isaura Queiroz (1968) ressalta que, no interior, as festas religiosas marcaram momentos de quebra no “isolamento caipira”, uma vez que as famílias moravam distantes umas das outras e se dirigiam poucas vezes ao centro das vilas. Já, as festividades levavam famílias inteiras às igrejas e proporcionavam um momento de interação social. Para a autora, o culto aos santos nas vilas do interior surge como uma forma de evitar a ira do mesmo sobre o povo, relacionada muitas vezes às mudanças abruptas de tempo como período de secas e fortes chuvas que comprometiam a atividade agrícola. A imagem do santo padroeiro e as festas em sua homenagem surgiram deste contexto e, o santo, passou a representar a imagem física natural e sobrenatural por sua essência divina.

As paulistinhas, esculturas criadas por santeiros no interior de São Paulo, surgem deste contexto. Elas representam a imagem dos santos católicos europeus, porém, com traços populares que remetiam às características físicas da população. Feitas com barro queimado, matéria prima acessível aos moradores do interior que não possuíam condições financeiras de comprar imagens que vinham da metrópole, as paulistinhas representavam a identidade do homem do interior de São Paulo no período colonial (VIEIRA, 2009).

A Vila de Guaratinguetá era ponto de passagem inicialmente dos bandeirantes e, posteriormente, dos tropeiros que iam do litoral paulista ao interior de Minas Gerais para o litoral do Rio de Janeiro carregando mercadorias (movimentando o comércio e a economia recebendo assim característica mercantil), abrindo caminhos para o interior da colônia e levando histórias dos diversos locais onde passavam de uma ponta a outra (ALMEIDA, 1971). Ainda segundo o autor, as tropas montavam ranchos que serviam de pouso de descanso para homens e animais. Tais ranchos, em muitos casos, demarcaram o ponto inicial de algumas vilas, sendo atividade importante para processo de formação de cidades no interior; também devido aos ranchos alguns comércios se formam em suas rotas para atender as demandas das tropas.

As vilas contavam com capelas construídas pelos fazendeiros da região, além das igrejas que compunham o centro local. Segundo o autor Antônio Cândido (1964), as festividades da igreja católica consistiam no principal momento de interação social.

As festas de São João ou comemoração de padroeiros continuam sendo a principal motivação para encontros da população do interior.

Por estar localizada no ponto de passagem das tropas, o suposto milagre da santa se espalhou por meio da história oral, levada pelas tropas e adquiriu apelo popular devido à forte presença da igreja católica no interior. É importante ressaltar que o catolicismo das tropas se aproximava do que se convencionou chamar de catolicismo rústico, em que causos e contos da tradição oral colonial fortaleciam as “crendices” populares e a forte ligação com a natureza, atribuindo eventos naturais à ira ou à benção de Deus; contudo mantendo a adoração aos santos e recorrendo as orações para encontrar soluções e proteção (ALMEIDA, 1971).

Esse cenário ajuda a compreender como a imagem de Aparecida passou a ser adorada e sua história conhecida ao longo do interior da colônia. Segundo Maria Isaura Queiroz (1968), a figura do santo representa a mistura do natural e sobrenatural (natural por ser esculpido em argila ou talhado em madeira e sobrenatural em sua essência). Assim, surgem as festas, as procissões e os cultos, como forma de agradecer e evitar a ira dos santos sobre o povo, o que levou à correspondência de um santo padroeiro para cada região (ou santo patrono).

Com os relatos do “milagre” da pesca, Aparecida ganhou forte apelo popular. Na casa onde a imagem ficou abrigada, outros milagres foram relatados e a população começou a se reunir no local para orações e pedidos à imagem. Por meio da oralidade, os milagres ficaram conhecidos em outros pontos da região e, já no século XVIII, atraíram diversos devotos, documentados pelo Livro do Tombo de Guaratinguetá (1757-1858).

A história e poder da imagem da santa chegou ao Vaticano. Como a imagem atraía muitos devotos, a casa que a acolheu, uma capelinha às margens do Rio Paraíba, foi construída em sua homenagem e, no ano de 1745, o padre de Guaratinguetá levou a imagem de Aparecida para sua nova moradia. A capela recém construída passou a atrair mais devotos que a igreja matriz de Guaratinguetá, o que chamou a atenção do Vaticano, que mandou, da capital, um jesuíta para relatar a história da imagem e de seus milagres, relatos em cartas presentes no Livro do Tombo de Guaratinguetá (1757-1858).

Segundo documentos de fonte primária da Cúria Metropolitana de Aparecida, presentes no Arquivo Histórico Colonial III (1751), no ano de 1751 Aparecida já tinha

se emancipado de Guaratinguetá (descrita como “uma paragem de nome Aparecida); contudo, somente no ano de 1842 Aparecida passou a ser um distrito, ainda subordinado à Guaratinguetá.

Aparecida deixou de ser distrito em 1844 e voltou, no ano de 1880, a ser novamente extinguido no ano de 1882 e restabelecido em 04/04/1891, por Decreto Estadual n.º 147. Em 17/12/1928, foi elevada à categoria de município recebendo o nome de Aparecida ⁶.

Com base na análise de documentos da Cúria de Aparecida (volume II da Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida (1782-1981) é possível compreender como a forte presença dos romeiros influenciava na ampliação de áreas e criação de espaço para atender à demanda religiosa. O padre Julio Brustoloni relata em suas anotações a necessidade da construção do Santuário Nacional, uma vez que a antiga basílica não comportava a demanda de visitantes, como demonstra a Figura 5, que remete ao início da década de 1950 e retrata uma missa realizada em frente à Basílica Velha ⁷, uma vez que ela não comportava o número de fiéis que a visitava.

Figura 5- Missa em frente a Basílica Velha década de 1950



Fonte: Aparecida, 2018.

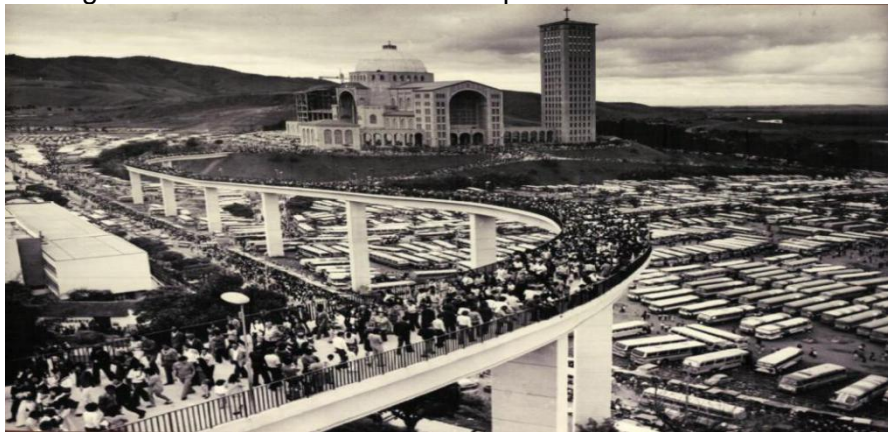
Ainda com base nos estudos do Padre Julio Brustoloni, é possível compreender como houve um aumento de visitante na cidade de Aparecida no século XX (em muito

⁶ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/aparecida/historico> acesso em 30/03/2020

⁷ Com a construção do Santuário Nacional a antiga basílica passa a ficar conhecida como: Basílica Velha, Basílica Menor ou Igreja de Aparecida.

pela facilidade de acesso por ferrovia e estradas). Além da construção do santuário, outros pontos de turismo surgiram para atender à demanda dos visitantes, como a passarela que liga as duas basílicas (construída no início da década de 70) e que facilitava a transição dos fiéis entre as duas igrejas que, já em seus anos iniciais, ficava lotada de turistas. O santuário, mesmo com obras em andamento, recebia um número grande de devotos, como pode ser observado na Figura 6.

Figura 6- Fluxo de visitantes em Aparecida década de 1970.



Fonte: Aparecida (2018).

O Centro de Apoio ao Romeiro também foi construído para atender as demandas de visitantes, com obras que se iniciam em 1996 e inauguração no ano de 1998. Segundo dados obtidos em trabalho de campo no ano de 2018 (ROSADO, 2018) quando o Centro de Apoio ao Romeiro comemorava 20 anos de inauguração e realizou uma exposição de fotos para contar sua história. O centro de apoio surge da necessidade de fornecer comida e higiene aos romeiros que chegavam ao Santuário Nacional, com praça de alimentação, banheiros e lojas. O espaço passa a ser utilizado como área dentro do santuário para venda de mercadorias católicas, eletrônicos, brinquedos e para servir de estacionamento para os ônibus de viagem.

A Rota da Luz também surge devido à movimentação dos romeiros. Como muitos utilizam a Rodovia Presidente Dutra para caminhar até o Santuário, a rota foi criada como alternativa mais segura para garantir uma melhor romaria; contudo, ainda existem discussões sobre a segurança do caminho.

Dessa forma, o cenário urbano de Aparecida vai se moldando e se alterando para atender ao turismo, com construção de hotéis e área de lazer, espaços dedicados à visitação e a relatos sobre contar a história de Nossa Senhora Aparecida, como o Caminho do Rosário que liga o Santuário ao Porto de Itaguaçu levando o turista ao

local onde foi encontrada a imagem no século XVIII passando pelos bairros Itaguaçu e São Geraldo.

4.2 Capital da fé: projeção nacional na Era Vargas e turismo religioso

Retornando aos tempos da coroa, para contextualizar o município de Aparecida dentro do cenário nacional, a imagem conquista seu espaço no Brasil, como visto anteriormente, atraindo muitos romeiros e reconhecida até pelos representantes da monarquia. Com o passar do tempo, Aparecida se fortalece ainda mais no cenário brasileiro, caminhando para o posto que hoje ocupa como Padroeira Nacional.

A imagem, de forte apelo popular, ficou conhecida por atender a todos sem distinção. Muitos são os devotos que partem em busca de seus milagres atraindo inclusive membros da monarquia.

Antes da Proclamação da Independência, o imperador teria passado por Aparecida e parado em sua capela para rezar, no ano de 1822. Contudo, o vínculo da santa com a família real não fica restrito ao imperador. No ano de 1868, a Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, então imperador do Brasil, visitou a cidade, assistiu uma missa e doou para a imagem de Nossa Senhora uma coroa de ouro com diamantes. Com a chegada da república, a princesa foi exilada junto a sua família em Paris e não assistiu à coroação oficial da imagem como rainha do Brasil, que ocorreu 15 anos depois (ALVAREZ, 2017). A Santa Aparecida acompanhou vários momentos políticos do país (colônia, império e república) e, em todos, é notável a relação da igreja com o governo (ALVAREZ, 2017).

No período republicano ocorreram mudanças no cenário político e social do Brasil. A igreja também enfrentou mudanças no seu poder de influência e na sua relação com o Estado. Ferreira & Delgado (2006) fornecem um panorama dos movimentos populares e políticos que ocorreram no Brasil e apresentou como tais movimentos tem reflexos religiosos, como os movimentos messiânicos de Canudos e Contestado. De acordo com os autores, o povo temia a chegada da república, uma vez que, no seu entendimento, significaria mudanças e implicaria na saída do rei (que era a figura escolhida por Deus para governar). Portanto, principalmente o povo do interior se volta para a igreja como ponto de salvação e de preservação das tradições.

Contudo, o catolicismo deixou de ser a religião oficial com a chegada da república e com a nova constituição de 1891, que garantia uma sociedade laica, permitindo a liberdade de culto. Assim, o peso da Igreja católica e seu espaço dentro da política e das decisões do estado acabam reduzidos e outros cultos passaram a ser tolerados (ZEFERINO, 2015).

Nos anos iniciais da república o poder se concentrava entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, período conhecido como “República do Café com Leite” (SCHWARCZ; STARLING, 2018). O fato mais relevante desse período, segundo as autoras, é a separação da igreja e do estado com o fim do regime do Padroado (no qual o estado tinha poder sobre a estrutura e administração da igreja) em um decreto publicado pelo presidente Marechal Teodoro da Fonseca. O Padre Julio Brustolini, em suas pesquisas, diz que o fim do padroado foi de grande importância para a igreja e ainda ressalta que, após dois meses da proclamação da república, a igreja que abrigava a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi nomeada Basílica Menor.

Contudo, em 1930 ocorre uma mudança na república brasileira; o poder saiu das mãos dos estados de São Paulo e Minas Gerais e passou ao sul com Getúlio Vargas assumindo a presidência. Uma nova aliança entre a Igreja e o Estado voltou a existir (SILVA; CARVALHO, 2016).

Vargas possuía ideais nacionalistas e um apelo populista e buscava, por meio da cultura popular, formas de se aproximar da “grande massa” brasileira. O futebol, a religião e as manifestações artísticas como samba e poesia passaram a ser o enfoque do presidente e, ao longo da década de 1930, eclode o movimento nacionalista. A educação e o rádio passam a ser o meio de difusão do nacionalismo, com propagandas e elementos materiais e imateriais (SILVA; CARVALHO, 2016).

Neste cenário, a Igreja Católica voltou a ganhar força com o apoio do presidente e Aparecida despontou no cenário nacional, proclamada “Padroeira Nacional” no ano de 1931, em uma cerimônia na cidade do Rio de Janeiro (capital do país no período). A cerimônia demonstra o fortalecimento da aliança entre Vargas e a igreja e os benefícios que ambos teriam. A imagem de Nossa Senhora seria símbolo de “ordem pública e dos bons costumes” representando a “identidade do povo”. A igreja vê, assim, um espaço para se ascender e atrair novamente os fiéis que vinha perdendo. O manto de Nossa Senhora passou a aparecer nas bandeiras do Brasil e do Vaticano cruzadas, representando a união do estado com a igreja (MOREIRA, 2017).

Durante o governo de Vargas, Aparecida se tornou um símbolo nacional; sua escolha se deveu ao seu forte apelo popular. A imagem atraía grande número de devotos anualmente à basílica. A forte crença nos milagres realizados pela santa e suas características populares, por ser uma paulistinha e uma santa de pele negra, criaram identificação com o povo miscigenado (SILVA; CARVALHO, 2016). O movimento modernista da década de 1920 fortaleceu essa identidade. Lilian Schwarcz (1994) esclarece que, nos finais do século XIX, o Brasil já era descrito como uma nação mestiça.

Segundo Lenharo (1986), ao longo dos anos de governo de Getúlio Vargas, a Igreja Católica voltou a assumir um papel de maior destaque, aliando-se ao governo contra a “ameaça comunista” e criando uma relação de dependência para dar continuidade ao seu poder.

Após o período de governo conhecido como “Era Vargas” (1930 a 1945), os anos seguintes foram marcados por mudanças políticas. Presidentes assumiram o cargo sem concluir seus mandatos e o país enfrentou graves crises econômicas, e as políticas de crescimento econômico nacional tomaram conta do Brasil (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

Aparecida, contudo, recebia cada vez mais devotos. Sua basílica já não suportava a demanda de fiéis que procuravam pela imagem, principalmente em datas festivas. Essa procura demandava a construção de uma nova igreja, segundo Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida (1782-1981) escrita pelo Padre Julio Brustoloni.

Juscelino Kubitschek (JK), presidente de 1956 a 1961, foi responsável por doar a estrutura da torre que hoje compõe o Santuário Nacional, que teve sua construção iniciada em seus anos no governo). O presidente participou da inauguração da torre em 11 de janeiro de 1961 e, ao discursar, declarou que, “ao doar a estrutura, não fazia somente a sua vontade, mas sim a vontade de todo povo brasileiro”, segundo matéria no portal de notícias de Aparecida A12^{8,8}

⁸ Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/noticias/as-curiosidades-da-torre-brasilia-do-santuاريو-de-aparecida> acesso em 18/06/2020 as 14:18.

Nota 2: A imagem de Aparecida, após sofrer um atentado na década de 70, e precisar de restauração, passa a ficar reclusa no santuário sem sair mais de seu nicho a fim de evitar maiores danos, sendo sua última peregrinação o retorno de São Paulo onde foi restaurada para a cidade, acompanhada de grande número de devotos no trajeto (BRUSTOLONI, 1998).

Alguns anos após o governo de JK, a aliança entre a igreja católica e a política consolidou-se durante o Regime Militar. No ano de 1964 ocorreu o Golpe que deu início à Ditadura civil-militar no Brasil. Os militares possuíam uma visão de governo parecida com a de Vargas e buscaram, nessa aliança, os mesmos objetivos que o antigo presidente: atrair o povo por meio de símbolos populares, criar imagem de ordem pública e valorizar os “bons costumes”, arma aliada contra as “ameaças comunistas”; gerando uma imagem de tradicionalismo e valorização da fé popular (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

No ano de 1968 (então período de Ditadura civil-Militar no Brasil) chegou ao conhecimento da igreja Católica as práticas de tortura. Bispos e padres se revoltaram e assumiram um papel de defesa contra a violência. Essa comprovação da prática de tortura dos militares e o assassinato por motivos políticos do padre Antônio Henrique Pereira Neto (1969) levaram representantes da igreja a utilizar seus meios de comunicação para denunciar, em esfera internacional, a tortura no Brasil (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

Na década de 1960, a imagem de Aparecida peregrinava por cidades do Brasil (1965-1968), em comemoração ao Jubileu de 250 anos de encontro da Imagem no Rio Paraíba. Com apoio do então presidente Marechal Humberto Castelo Branco, com grande apelo popular e o intuito de obter fundos para a construção do novo Santuário, as peregrinações contaram com forte participação popular nas cidades (BRUSTOLONI, 1998). As peregrinações de Aparecida, contudo, acabam na década de 1970, quando a frágil Imagem foi quebrada em um atentado.

A relação entre a igreja Católica e o governo no período da Ditadura Militar foi conturbada. Segundo Renato Cancian (2016), os documentos do período militar revelam que houve um grande apoio da hierarquia de bispos e arcebispos ao Golpe de 1964, pois a Igreja acreditava que o governo de João Goulart visava implantar o comunismo no Brasil. O autor, contudo, nos mostra que nos documentos também constam mudanças no posicionamento da Igreja quanto ao governo militar; como já citado, a evidência das torturas praticadas e a violência para com representantes da Igreja serviram de base para essa mudança de relação; até mesmo a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) se alinhou a outras frentes contra o governo como o movimento estudantil (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

A Igreja não tinha grande força no cenário político, uma vez que a relação entre ambos se baseava na legalidade e no respeito aos “princípios de soberania”; na década de 1980 a igreja passou mais uma vez pelo dilema da ruptura “religião-política”, pois com todas as mudanças sociais a Igreja se voltou à busca por conquistas de novos fiéis (devido à grande evasão dos mesmos) e alguns setores do clero católico no Brasil defendiam uma menor atuação política da Igreja. De tal forma, é possível perceber uma tensão entre o Estado brasileiro e a Igreja católica (CANCIAN, 2016).

Com o fim do regime ditatorial no Brasil, em 1985, e com o retorno da democracia, a relação entre política e religião ficou no limite do respeito entre ambos e em um certo distanciamento da igreja católica. Aparecida, já nesse período, recebia grande fluxo de turistas e aprimorava seu espaço físico para melhor atender à demanda de visitantes, como pode ser observado na obra de Brustoloni (1998). Por meio de uma tabela nos é apresentado o número de visitantes e descritos dados sobre as obras que ocorreram no Santuário Nacional.

Aparecida se oculta no cenário político nacional, mas segue recebendo muitos fiéis de diversos lugares do Brasil e do mundo, principalmente em datas comemorativas. As transmissões televisivas de missas que se iniciaram na década de 1980 levaram as missas de Aparecida para todo o Brasil e impulsionaram o turismo religioso (BRUSTOLONI, 1998).

Por meio da análise de reportagens disponíveis em mídias *online* como jornais e portais (principalmente o A12 que contem artigos que contam a história de Aparecida), verifica-se que alguns candidatos à presidência ou representantes políticos como deputados e governadores, por vezes visitam a cidade e a imagem em período eleitoral ou após vencer uma campanha.

4.3 O Planejamento urbano em cidades de turismo: o caso de Aparecida/SP

Segundo dados do *site* da Prefeitura de Aparecida, a área urbana do município compreende todos os atrativos turísticos, divididos entre os bairros da cidade, conforme informado no Quadro 1.

Quadro 1- Localização dos pontos turísticos. *(continuação)*.

Ponto Turístico	Bairro
Santuário Nacional	Bairro Santuário
Basílica	Centro
Morro do Cruzeiro	Separado da cidade pela Dutra
Porto Itaguaçu	Bairro São Geraldo
Teleférico	Centro
Memorial Redentorista	Centro
Mirante das pedras	Bairro São Geraldo
Aquário	Bairro Santuário
Igreja São Benedito	Centro
Seminário Bom Jesus	Centro
Igreja São Geraldo	Bairro São Geraldo
Centro de Apoio ao Romeiro	Bairro Santuário
Passarela da fé	Centro
Feira Livre	Ponte Alta
Presépio	Bairro do Santuário
Mirante da Santa	Santa Luzia

Fonte: Elaboração própria - dados do Plano Diretor.

O Mirante da Santa encontra-se interditado para visitação devido a um embargo de obras na justiça. Neste ponto   possível levantar os conflitos que permeiam a cidade, visto que um grupo de munc pales ateus entraram um processo contra a prefeitura por uso de verbas públicas na constru o da estátua da Santa no local.

Outros pontos não citados são: Museu de Cera e Museu da imagem localizados dentro do Santuário Nacional e o Caminho do Rosário inaugurado no final de 2018 que liga a Cidade do Romeiro ao Porto de Itaguaçu.

A Estância Turística de Aparecida desponta como uma das principais cidades de turismo do Vale do Paraíba e vivenciou aumento do fluxo de turistas anualmente ao longo das décadas. A Tabela 2 contém dados retirados do livro de Brustoloni (1998) que mostra, anualmente, a quantidade de pessoas que chegavam à cidade desde 1968 até 1997. Aqui vamos analisar os dados contidos na tabela a cada ano como forma de ilustrar o aumento de visitas à cidade.

Na tabela 2 apresentada por Brustoloni aparecem os dados de carro, ônibus e pessoas, sendo esses meios de transporte os principais para se chegar à cidade e considerado o número total de visitantes aos domingos de cada ano, uma vez que costumam ser os dias de maior visita o   cidade. Brustoloni (1998) usa dados do matemático e Padre Luís Inocêncio, que considerava somente o número de carros no estacionamento da basílica e faz as seguintes estimativas (uma vez que não se possui cálculo exato dos visitantes a basílica).

Tabela 2 - Dados sobre visitação à Aparecida.

Ano	Domingos		Ano inteiro
	Carros	Ônibus	Total de pessoas
1968	51.594	16.127	903.050
1978	100.250	51.080	2.982.000
1988	145.712	48.586	4.177.900
1997	228.332	68.025	6.201.000

Fonte: Elaboração própria com base em Brustoloni (1998).

Mesmo que os dados da Tabela 2 sejam um resumo do trabalhado de sistematização quadro de Brustoloni (1998) e contenha apenas estimativas dos dias de domingo de cada ano levando em conta somente o perímetro do santuário, é possível perceber o grande número de visitantes que visitam a cidade e como esse número cresce a cada década.

Para a administração pública e para a religião, o turismo desponta como setor que beneficia a ambos. Calvelli (2009) ressalta que o turismo proporciona um diálogo entre religião e urbano, ao passo que, com o turismo, os locais de forte circulação de moradores (como praças, bares, restaurantes) passam a ser também ponte de encontro dos visitantes; extrapolando a visita para além dos templos, como forma de lazer e cultura.

O turismo religioso, como o que ocorre em Aparecida, desponta como uma “nova forma religiosa, ou de espiritualidade” (CALVELLI, 2009, p. 81). A relação do sagrado e do mercado, nesse sentido, passa a ser positiva, pois, mesmo que exista o consumo, o deslocamento se dá pela manifestação da fé.

De tal forma, Calvelli (2009) enfatiza que o “produto turístico” é todo aquele ofertado ao turista e, muitas vezes, vinculado à exploração econômica. Pontos turísticos se encaixam nesse aspecto e muitos pontos religiosos também, sendo produtos da mídia que busca passar uma imagem de cultura e tradição para promover o local, como no caso do Caminho da Fé descrito por Calvelli (2009) ou como no caso do Porto de Itaguaçu vendido como ponto de encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, sendo espaços turísticos e sacralizados.

Contudo, a cidade de Aparecida abriga conflitos, causados também pelo produto turístico local, como já citado o ponto de turismo “Mirante da Santa” que foi interditado e, até a conclusão deste trabalho, ainda se encontra sob processo movido por um grupo de ateus por uso indevido das verbas públicas. Esse grupo alega a laicização do Estado e critica a utilização da receita do município aplicada em obras

de cunho religioso⁹. Como apurado pelo portal de notícias G1 Vanguarda, a prefeitura alegou que a peça remete à identidade da cidade e que buscou criar roteiros turísticos, assim beneficiando o comércio e levando recursos à área próxima à estátua.

Tal conflito teve decisão judicial favorável ao grupo de munícipes ateus, o que levou ao embargo da obra, pois, nas palavras da juíza, conforme pronunciamento na matéria já mencionada do portal G1 Vanguarda:

Por certo que o Município é conhecido por abrigar o Santuário Nacional e possuir um vasto comércio religioso e turístico, que fomenta a economia local. Porém, não se pode permitir a subvenção de uma religião específica pelo Poder Público, tampouco que as verbas públicas sejam utilizadas para construção de obras religiosas quando existentes outras destinações de suma importância, em evidente a má utilização dos recursos públicos, pontuou a juíza na decisão.

Figura 7 - Print da manchete e da foto da estátua no portal G1



Fonte: G1 Vale do Paraíba e região, 2019.

Esse conflito abre espaço para outros questionamentos de outros, uma vez que o espaço urbano de Aparecida está repleto de pontos de turismo e como será demonstrado na próxima seção, enfrenta sérios problemas de estruturação urbana em seus bairros.

Segundo Oliveira (1999), nas décadas de 1970 e 1980, as áreas entre a Estrada Velha Rio – São Paulo e a Rodovia Presidente Dutra passaram a ser ocupados com loteamentos residenciais, com grande crescimento do comércio (formal

⁹ Disponível: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/10/17/justica-barra-estatu-gigante-e-ordena-retirada-de-obras-dedicadas-a-padroeira-em-aparecida.ghtml> acesso em 09/04/2020 as 20:10

e informal), gerando uma saturação urbana pelo crescimento abrupto e falta de infraestrutura para receber os altos números de visitantes na cidade. Para o autor, a construção do santuário e toda a religiosidade que o envolve são fatores para expansão urbana e necessidade de melhorias na infraestrutura urbana de Aparecida.

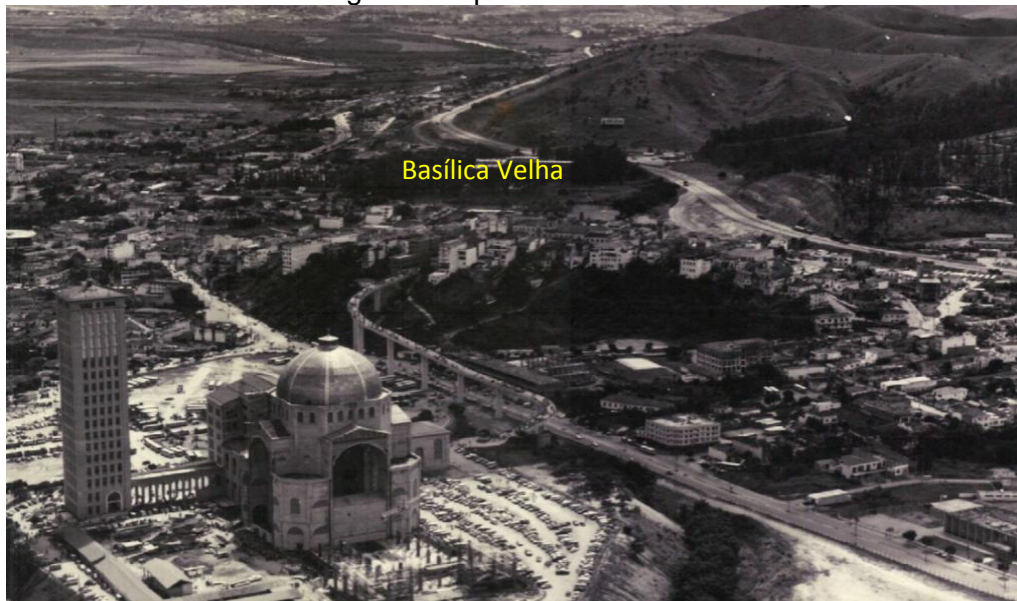
O Santuário inclusive passou a ser marca da cidade, devido a sua importância religiosa e arquitetônica. Nesse sentido, de acordo com Rosendahl (1999), a cidade se caracteriza como uma “cidade santuário”:

Assim, cidades-santuários são centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço. Este arranjo singular e repetitivo pode ser de natureza permanente ou apresentar uma periodicidade marcada por tempos de festividades, próprios de cada centro de peregrinação (ROSENDAHL, 1999, p.72).

Como mencionado ao longo dessa pesquisa, o Santuário nacional de Aparecida foi construído para atender à grande demanda de visitantes que não cabiam na Basílica Velha. Por meio de fotos (cedidas do Arquivo icnográfico da Cúria Metropolitana de Aparecida) que registram a construção do Santuário Nacional, é possível perceber como ocorre o processo de urbanização ao seu redor.

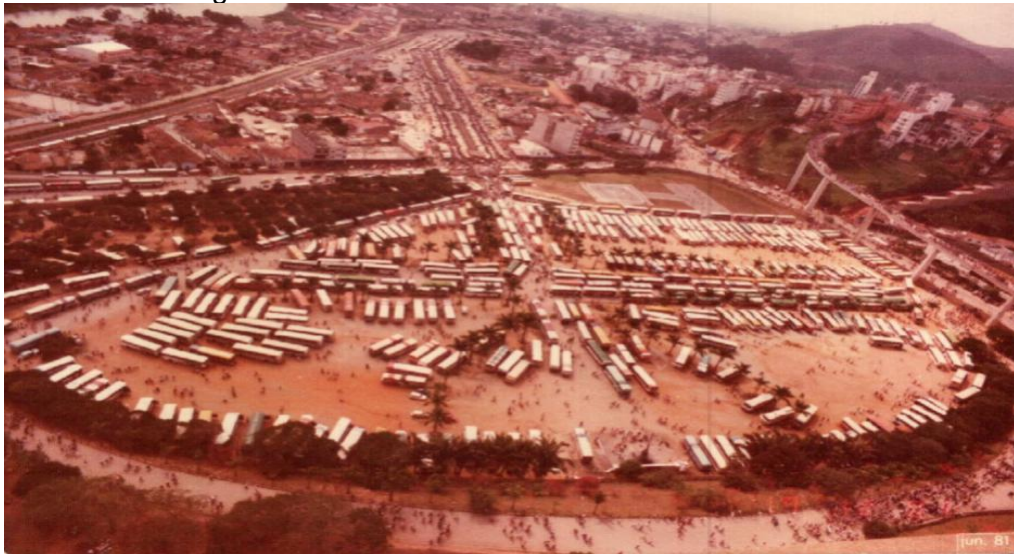
Já no início de sua construção, a cidade se consolidou como centro urbanizado, principalmente na região central próxima à Basílica Velha. Contudo, por meio de imagens, é possível perceber como o número de casas e, principalmente de prédios, aumentaram nas áreas adjacentes à Igreja. Na Figura 8, que retrata Aparecida em 1968, mesmo sem a conclusão das obras, é possível notar a forte presença de casas, principalmente na região da basílica velha (Figura 8). Já as imagens da década de 1980 retratam uma Aparecida com prédios que despontam no cenário urbano com maior concentração de habitações próximas à região do estacionamento do Santuário, ainda com áreas verdes e terrenos desprovidos de construções.

Figura 8– Aparecida em 1968



Fonte: Aparecida (2018).

Figura 9 - Estacionamento do Santuário em 1981.



Fonte: Aparecida (2018).

Figura 10 -Terreno do Santuário Nacional, 1985.



Fonte: Aparecida (2018).

As figuras 8, 9 e 10 retratam o processo de urbanização ocorrido de forma mais intensa na região próxima à Basílica Velha, o morro onde desponta a passarela que liga as duas basílicas é área de poucas construções.

Uma figura sem data da construção revela a diferença no adensamento urbano na área oposta a antiga igreja, com construções ainda em fase inicial e maior presença de casas e terrenos vazios. Essa diferença é nítida na foto ao analisar a região da basílica velha (abaixo na foto) e as demais regiões da cidade que ainda possuem poucas construções ainda é possível notar uma maior verticalização nas construções da área da basílica velha.

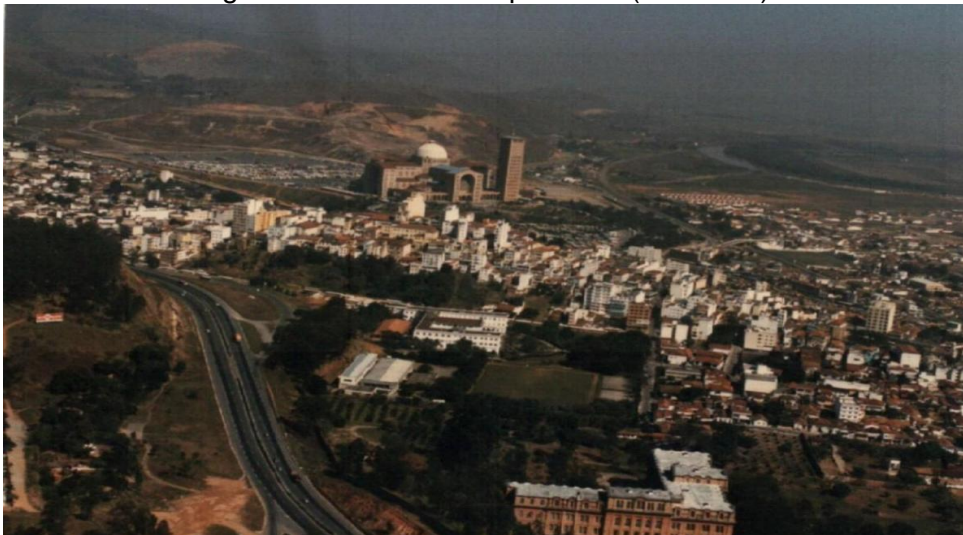
Outras imagens (figuras 11 e 12) também sem data nos revelam uma cidade com mais construções na parte oposta à antiga igreja de Nossa Senhora Aparecida e uma área urbanizada de maior extensão que se amplia para o lado do rio, mantendo-se ainda próxima ao Santuário Nacional. Considerando o estágio da obra e comparando as demais imagens, supõe-se que as imagens de datas devem retratar o período entre o final da década de 1980 e começo da década de 1990.

Figura 11 - Aparecida (sem data).



Fonte: Aparecida (2018).

Figura 12 - Cidade de Aparecida (sem data).



Fonte: Aparecida (2018).

As fotografias (Figuras) de 2018 e 2019 revelaram uma cidade fortemente urbanizada e ainda com obras para ampliação de espaços turísticos. Ao olhar para a cidade pela rodovia Presidente Dutra, é possível ver o santuário se erguendo em meio às casas e prédios que formam o cenário urbano de Aparecida. De dentro do

estacionamento do santuário fica visível a aproximação dos componentes urbanos e de obras locais.

Figura 13 - Vista do estacionamento do Santuário.



Fonte: acervo de pesquisa (2018).

Figura 14 - Do ponto de vista da Rodovia Presidente Dutra

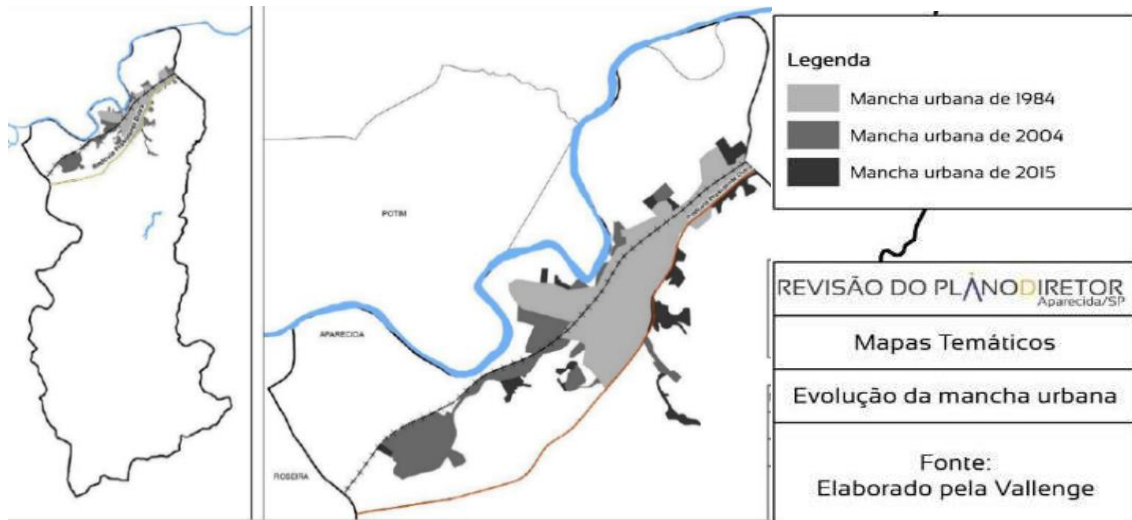


Fonte: acervo de pesquisa (2019).

Ainda segundo Rosendahl (1999), ao falar na relação de sagrado e urbano aplicada à cidade de Aparecida, colocamos o templo como um elemento de conexão entre a cidade e a religião). Os santuários, desde os primeiros momentos dos povoamentos, marcavam o centro histórico, não sendo muito diferente em Aparecida, que tem seu núcleo urbano construído nos entornos da região do Santuário Nacional, como pode ser observado no mapa de mancha urbana da cidade (Figura 15) retirado do Plano Diretor do município de Aparecida (2018). Nessa figura é possível perceber o aumento da mancha de 1984, década da inauguração do santuário. Tal aproximação

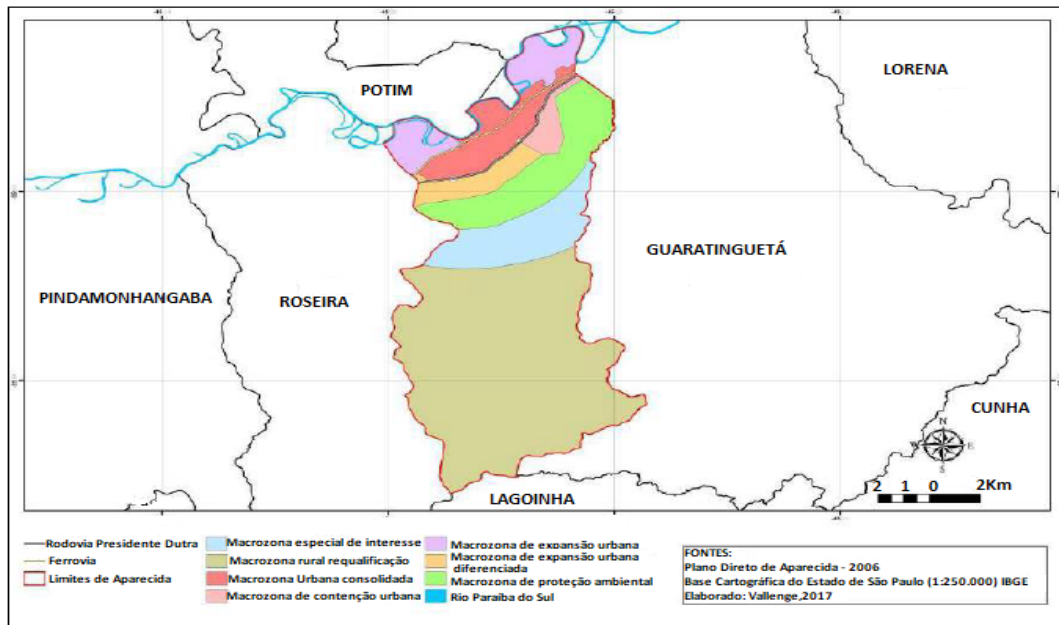
do urbano com o santuário também pode ser analisada no mapa de Macrozoneamento do município (Figura 16).

Figura 15 - Mapa da Mancha Urbana de Aparecida



Fonte: Apresentação de slides da reunião com o sindicato de hotéis (2018).

Figura 16 - Macrozoneamento do município de Aparecida



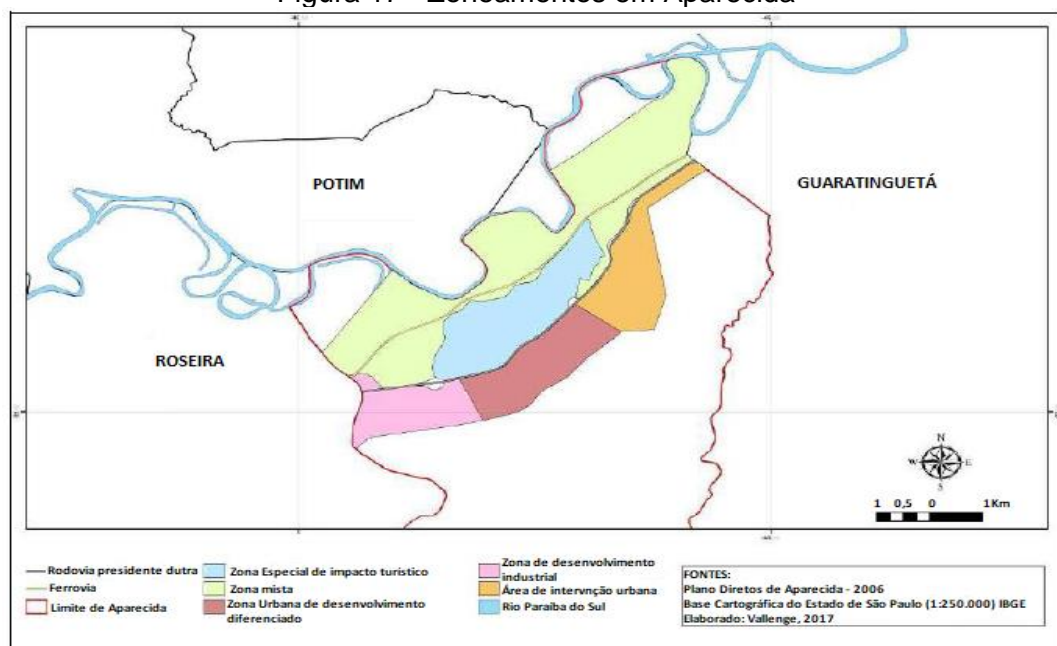
Fonte: Aparecida (2018).

Na Figura 16 são apresentadas as macrozonas gerais do município. Em azul claro, destaca-se a macrozona especial de interesse turístico e ecológico; em marrom, a macrozona de requalificação rural; a área em vermelho representa a macrozona

urbana consolidada; em rosa, aparece a contenção urbana; em lilás, a expansão urbana; em laranja macrozona de expansão urbana diferenciada; em verde, a macrozona de proteção ambiental e, por fim, o azul escuro representa o trecho do Rio Paraíba do Sul que corta o município. É possível observar na Figura 17 o mapa que as zonas se concentram próximas ao leito do rio.

A criação de uma zona de interesse turístico e religioso tem como um dos objetivos, apresentados no Plano Diretor (2018), a garantia da diversificação das atividades econômicas baseadas no turismo, enfatizando essa particularidade municipal. A área em questão é extensa e se localiza próxima às demais macrozonas urbanas fazendo limite entre elas e a macrozona de requalificação rural que também deve sofrer nos próximos anos influências da política do turismo religioso. Ao analisar os objetivos da macrozona de requalificação rural encontramos entre os objetivos, “Identificar o potencial turismo ecológico” (Leitura Técnica, 2018) o que nos afirma tal postura.

Figura 17 - Zoneamentos em Aparecida



Fonte: Plano Diretor do Município de Aparecida (2018).

Também nos zoneamentos surge a Zona Especial de Impactos Turísticos (ZEIT), que consiste em uma fração do município localizada na macrozona urbana consolidada e que possui relevância nacional gerando impactos na cidade (infraestrutura urbana, mobilidade urbana, resíduos sólidos, saúde e serviços de

comercio e serviços) devido ao fluxo constante de visitantes; em Aparecida o centro da ZEIT é a Basílica Nacional de Aparecida e seus polos Porto Itaguaçu e o Morro do Cruzeiro, todos com influência na história religiosa da cidade e grande fluxo de turistas.

O município apresenta todas suas atividades marcadas pela identidade religiosa e pelo turismo. A infraestrutura urbana recebe os reflexos dessas características, suas obras se voltam a atender os visitantes e a criar novos espaços de roteiro turístico, muitas vezes “invadindo” o espaço dos munícipes, como pode ser observado na Figura 18, onde o teleférico passa por cima das casas e tem suas estruturas de apoio construídas ao lado das casas na região central da cidade.

Figura 18 - Teleférico de Aparecida.



Fonte: acervo de pesquisa (2019).

A passarela que liga o Santuário Nacional à Basílica velha, também na região central da cidade, corta parte de uma avenida e passa por cima de algumas casas e, ao lado de alguns prédios, residências e estabelecimentos comerciais, em dias de grande visitação, ficam lotados por um “mar” de pessoas, tornando quase impossível a travessia, como pode ser observado na Figura 19.

É importante lembrar que a passarela surge antes do processo de grande urbanização da área abaixo dela. Já, o teleférico, foi construído depois das habitações; isso demonstra a disputa territorial entre áreas de turismo e de moradia no centro urbano de Aparecida.

Figura 19 - Pessoas na passarela de Aparecida.



Fonte: acervo de pesquisa (2019).

Aparecida recebe anualmente turistas e peregrinos vindos de diversas partes do mundo. De acordo com a Lei do Plano Diretor,

em seu Título III - do Ordenamento Territorial, Capítulo III, na Seção I - das zonas de especiais, subseção IV, nos Artigos 55 a 57, a ZEIT é a porção do território do município, em macrozona urbana consolidada, que tem como centro a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, e como polos, ainda que fora desse perímetro, o Porto Itaguaçu e o Morro do Cruzeiro, todos com relevância de âmbito nacional e geradores de impacto na cidade pelo afluxo de visitantes com influências sobre o dimensionamento de redes urbanas de infraestrutura, resíduos sólidos, mobilidade, trânsito e transporte, assistência em saúde e atividades de comércio e serviços (Relatório Final do Plano Diretor, 2018, p.152).

Segundo entrevistas realizadas por Moreno (2009), reitores do Santuário na época relataram que o turismo é benéfico para a cidade e para a Igreja. A comunicação por meio das diferentes mídias, avanço do sistema rodoviário (e de transporte dentro da cidade) e maior renda para a economia local são pontos indicados como melhoria na cidade que geram melhor mobilidade aos turistas para acessar o santuário sendo assim benéfico à igreja. Sobre o turismo religioso, o Padre entrevistado afirma que seria “politicamente incorreto” um Padre falar sobre o assunto, contudo, a realidade mudou e o santuário passou a atrair um público ainda maior e diversificado por meio das mídias e de uma linguagem diferenciada.

O Padre (Reitor do santuário), em entrevista cedida a Moreno (2009), ressaltou que: “além de considerar o turismo como atividade econômica que traz benefícios à comunidade, entende que o turismo é também construção da cidadania e investir na pessoa é obrigação da igreja, é evangelizar” (MORENO 2009, p. 101). O Padre e o diretor do Centro de Apoio ao Romeiro ainda ressaltam a importância do local de

comércio de onde muitas famílias tiram seu sustento, ressaltando que o intuito do santuário é acolher aqueles que o visitam, independente de terem ido até lá por motivos religiosos ou não (IDEM).

De tal forma, fica visível que, para a Igreja, a relação com o turismo é positiva, para a economia não é diferente. O turismo gera impactos na estrutura urbana de Aparecida, mesmo com os conflitos existentes e as problemáticas enfrentadas pelos moradores.

Dessa forma, verifica-se que cidades, como Aparecida, que recebem anualmente grande fluxo de turismo e que tem seu cotidiano marcado pela presença dos turistas possuem reflexos de tal atividade em sua estrutura urbana, conforme o debate acima demonstra.

5 APARECIDA NO SÉCULO XXI: PLANO DIRETOR E ORDENAMENTO TERRITORIAL TURÍSTICO

Como discutido na seção anterior, o município de Aparecida cresceu com a influência das romarias e do turismo religioso. Ao longo do século XX, obras como a construção do Santuário Nacional de Aparecida marcam a história local e demonstram o poder de Aparecida e seu despontar para o cenário nacional.

O Plano Diretor (PD) surge como documento municipal construído com a participação dos munícipes e pode ser descrito como “o instrumento básico da política de desenvolvimento do município” (Prefeitura Municipal de Aparecida. Relatório Final, 2018, p. 24). Segundo o documento Relatório Final, a principal finalidade do PD é a orientação sobre a atuação do poder público e a iniciativa privada para construção de espaços urbanos e rurais e oferta dos serviços essenciais públicos para assegurar melhores condições de vida a população.

Na introdução do “Relatório Final” do Plano Diretor de 2018 do município de Aparecida, consta que a prefeitura do município instituiu o PD em 20 de dezembro de 2006 (Lei Municipal 3.401), sendo o plano de 2018 uma revisão do de 2006. Contudo, o PD de 2006 não se encontra disponível para acesso, sendo assim nesta dissertação será utilizado somente o PD de 2018 que esteve disponível no *site* da prefeitura ao longo dos anos de 2018 e 2019 e foi retirado do ar em 2020 e até a data de entrega deste trabalho ainda estava indisponível para acesso.

Segundo os próprios documentos que compõem o Plano Diretor de Aparecida (2018), as avaliações ocorrem de forma participativa, ou seja, ouvindo os moradores e contando com a participação deles na sua elaboração, por meio de oficinas em várias regiões da cidade e enquetes *online* para garantir maior adesão popular.

5.1 A revisão do Plano Diretor de Aparecida - 2018

Finalizado no ano de 2018 e disponibilizado no *site* da prefeitura do município de Aparecida até o ano de 2019, o Plano Diretor (PD) constitui principal documento para compreensão do espaço e da população local, seus conflitos e demandas para o poder público e a relação com o turismo e a fé.

Segundo o PD, o município de Aparecida possui 11.543 domicílios, sendo 11.332 particulares e 211 coletivos, em sua maioria no espaço urbano, que também concentra a maior taxa de população e de desenvolvimento.

Inicialmente, o Plano Diretor, em seu Relatório Final, apresenta uma breve história da cidade, enfatizando a forte relação entre a cidade e a imagem de Nossa Senhora Aparecida. No Plano Diretor também consta esclarecimentos sobre o que é o Plano Diretor e sua importância para o município para depois apresentar o município e os bairros. Além do Relatório Final, outros documentos compõem o Plano Diretor sendo eles: Análise integrada, Leitura Técnica, Relatório de Oficina 1, Relatório de Oficina 2 e Slides da reunião com o sindicato dos Hotéis: Revisão do Plano Diretor.

O documento “Leitura Técnica” apresenta características socioespaciais e políticas do município, como sua divisão territorial (município composto de dois distritos de mesmo nome sendo uma área urbana e outro rural) com as seguintes unidades administrativas: Secretária de Administração; Secretaria da Educação, Esportes e Cultura; Comércio e Ambulante; Secretaria de Meio Ambiente e Agricultura; Secretaria da Mulher; Secretaria de Obras e Viação; Secretaria de Planejamento; Secretaria de Saúde; Secretaria de Segurança Pública e Trânsito e Secretaria do Turismo.

A divisão territorial do Município de Aparecida após a emancipação ocorreu no ano de 1959, pelo Decreto-Lei nº. 5.285, no qual consta de um só distrito, e de igual nome (IBGE, 2016).

O município integra a federação brasileira e tem autonomia político-administrativa e financeira. É uma entidade com personalidade jurídica de direito público interno que está dividida em dois poderes: o legislativo e o executivo, que têm sede na câmara municipal e na prefeitura municipal, respectivamente. (Prefeitura Municipal de Aparecida, Leitura Técnica do Plano Diretor 2018, p. 23).

Também é apresentada na Leitura Técnica (2018), a localização, os acessos e as características urbanas do município. Segundo o documento,

o município de Aparecida apresenta uma área da unidade territorial equivalente a 121.076 Km² (IBGE, 2010), estando inserido na mesorregião Vale Paraíba Paulista e microrregião de Guaratinguetá, estado de São Paulo que por sua vez pertence à região sudeste brasileira. Localiza-se nas coordenadas Latitude 22°48'45" S e Longitude 45°11'15" W e sua altitude em relação ao nível do mar é de 550 metros no ponto central da cidade. (PMA. Leitura técnica do Plano Diretor 2018, p. 24).

Os municípios que fazem limite com Aparecida são: Potim, a Norte; Lagoinha, a Sul; Guaratinguetá, a Leste e Roseira, a Oeste. As rodovias que dão acesso à cidade são: SP-062, Rodovia Presidente Washington Luís e a BR-116, Rodovia Presidente Dutra; outros meios de acesso a cidade é através dos municípios já citados que tem seu limite territorial vizinho a Aparecida.

Ainda estão presentes na Leitura Técnica (2018) dados sobre a mancha urbana do município que possui 5,54 Km² segundo cálculos realizados com base em dados geográficos do IBGE (2010). Segundo dados fornecidos pela prefeitura, a empresa EDP Energias do Brasil S.A. é a responsável por fornecer e distribuir a energia elétrica para os domicílios locais. Sobre a habitação na cidade o documento diz:

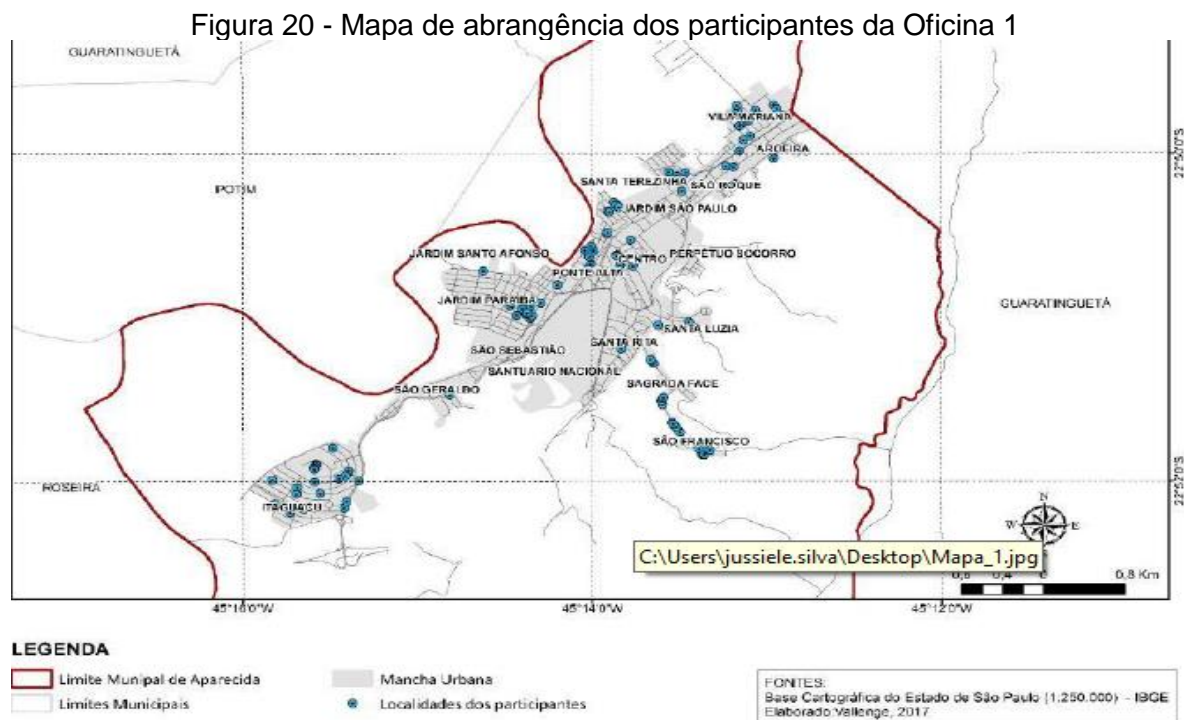
No que se refere à habitação, considerando tanto a zona urbana quanto a rural, Aparecida tem 11.543 domicílios, sendo 11.332 particulares e 211 coletivos. Os domicílios coletivos são instituições ou estabelecimentos onde há relação entre as pessoas que neles se encontravam, moradoras ou não, na data de referência, restritos às normas de subordinação administrativa e classificados em duas espécies: domicílio coletivo com moradores e domicílio coletivo sem moradores como, por exemplo, hotéis, quartéis, asilos, etc (IBGE, 2010; (PMA. Leitura Técnica do PD, 2018, p. 26).

O documento também contém dados sobre a infraestrutura social do município, mostrando que a cidade possuía a maioria de sua população católica, ou seja, 29.876 munícipes (IBGE, 2010). Os evangélicos contavam 4.114 e, a população sem religião, com 548 pessoas, números mais “expressivos” depois dos católicos. Isso mostra que, apesar de sua maioria católica, a cidade também abriga diferentes crenças e pessoas sem religião.

A população total cresce de 29.275 em 1970 para 35.007 em 2010; a maior taxa de população rural é datada de 1970 com 1.737 habitantes na região, depois os números caem para 688 (em 1980 e 1991), 522 (em 2000) e 509 no último censo de 2010. Em comparação, a população urbana surge sempre acima da rural, sendo 27.538 (1970), 32.561 (1980 e 1991), 34.366 (2000) e 34.498 nos dados de 2010 do IBGE.

Os Relatórios de Oficina do Plano Diretor apresentam dados de pesquisa realizada com moradores sobre temas relacionados à economia, educação,

mobilidade, lazer, turismo e infraestrutura da cidade, com levantamento de campo realizado entre 21 de janeiro e 09 de março do ano de 2017, segundo a Análise integrada (2018) do PD. A oficina 1 foi dividida em quatro setores e tem sua abrangência demonstrada na Figura 20. O primeiro setor compreende o Bairro Itaguaçu na Escola Municipal Heloisa Encarnação de Castro Pinto Barbozá, que atendeu moradores do Centro e dos bairros São Roque, Jardim Paraíba, Ponte Alta, São Geraldo e Vila Mariana.



Fonte: Análise Integrada (2018)

O segundo setor foi realizado no Centro de Convivência da Melhor Idade no Centro, participaram moradores dos bairros Itaguaçu, Jardim Paraíba, Jardim São Paulo, Vila Mariana, Ponte Alta, Santa Luzia, Santa Terezinha, São Geraldo e São Roque. Na escola Municipal Comendador Salgado na Vila Mariana foi onde ocorreu o terceiro setor com participação de moradores dos bairros Aroeira, Centro, Itaguaçu, Jardim Paraíba, Ponte Alta e São Roque.

O quarto e último setor teve lugar na Creche Maria Glória de Freitas no bairro São Francisco, recebendo além dos moradores do bairro os moradores do Centro, Jardim Paraíba, Sagrada Face, Santa Rita, São Roque e Vila Mariana.

A oficina 2 teve três setores e visou a continuidade da primeira. Seu primeiro setor ocorreu no Sindicato dos Hotéis e Restaurantes no bairro Ponte Alta, atendendo a moradores dos bairros Ponte Alta, Centro e Aroeira. O segundo setor aconteceu na escola Municipal Prof.^a Maria Conceição Pires do Rio localizada no bairro Santa Rita, contando com a participação de moradores dos bairros Centro, Ponte Alta, Sagrada Face e Jardim Paraíba.

O último setor atendeu moradores dos bairros São Roque, Jardim São Paulo, Centro, Itaguaçu, Jardim Paraíba e Aroeira; seu local de realização foi a Creche Municipal Dona Chiquinha no bairro São Roque.

A participação dos munícipes também ocorreu por meio de mídias sociais como o site www.revisaopdaparecida.com e por uma página na rede social *Facebook*; os dados foram analisados, sintetizados e cruzados, a partir de uma Análise Integrada (2018).

Após a realização das oficinas e de posse das respostas dos moradores, foram montados gráficos com a porcentagem das respostas obtidas. Em grande parte deles, o turismo aparece, como nos gráficos de “Ausências” e de “O que sua cidade tem de bom?”

Figura 21 - Gráfico de Ausências.



Fonte: Plano Diretor, Relatório de Oficina 1 (2018).

No gráfico da Figura 21, intitulado - de “Ausências” (Relatório 1, p. 26), 18% das respostas indicaram a ausência de parques públicos na cidade e 15% de ausência

de controle sobre o turismo religioso, reclamações quanto a segurança, saúde, educação e até mesmo falta de indústrias também aparecem no gráfico.

Em outro gráfico, referente às solicitações, atrás do apelo por praças surge o pedido de aprimoramento de eventos turísticos, mostrando que o turismo tem impacto direto na vida dos moradores e que ainda gira em torno dele as atividades comerciais. Também foi apontada a ausência de indústrias na cidade (Figura 21) 10,6% dos entrevistados questionaram sobre a falta de indústrias na região. Muitos apontaram Aparecida como uma boa cidade para atrair indústrias devido a sua localização.

Figura 22 - O que sua cidade tem de bom?

Para a elaboração do diagnóstico participativo foi realizada a seguinte pergunta: O que sua cidade tem de bom? O resultado da opinião dos munícipes está representado na Figura 32.

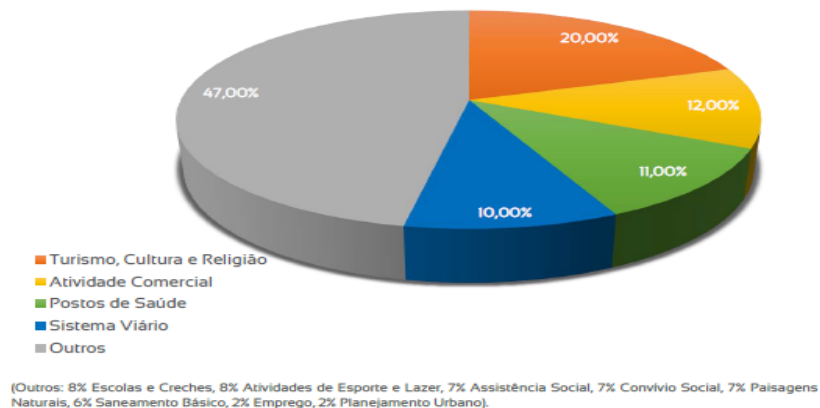


Figura 32 – Resultado das colaborações da população na pergunta 1
(Fonte: Vallenge, 2017).

Fonte: Plano Diretor, Relatório de Oficina 1 (2018).

A Figura 22 contém as respostas à pergunta: “O que sua cidade tem de bom?” O turismo foi presente para 20% dos entrevistados; a cultura e a religião foram apontadas como pontos positivos da cidade; 12% revelam que a atividade comercial conta como fator positivo.

Ainda sobre a Figura 22, com relação ao item “Outros”, nota-se que somente 2% dos munícipes entrevistados acham o planejamento urbano e o emprego um ponto positivo; 6% somente consideram o saneamento básico positivo. As outras respostas foram positivas para a educação (8%), o esporte, o lazer, a assistência social, o convívio social e as paisagens naturais, todos com 7%. Tais porcentagens baixas revelam o descontentamento dos munícipes entrevistados com os serviços públicos, a geração de empregos na cidade e a infraestrutura local.

Outro gráfico presente no Relatório de Oficina 1 (2018) também revela muito sobre a relação dos munícipes com o turismo. No item “Pontos de encontro da Cidade”, 20% dos moradores usam os espaços religiosos como igrejas e festas religiosas e, somente 14% dos entrevistados, fazem uso das atrações turísticas do Santuário Nacional. Em outro gráfico desse Relatório aparece a falta de estabelecimentos comerciais e públicos não destinados à religiosidade. Para os munícipes entrevistados, a falta de planejamento urbano surge como uma das maiores problemáticas da cidade (PMA. Relatório de Oficina do PD, 2018).

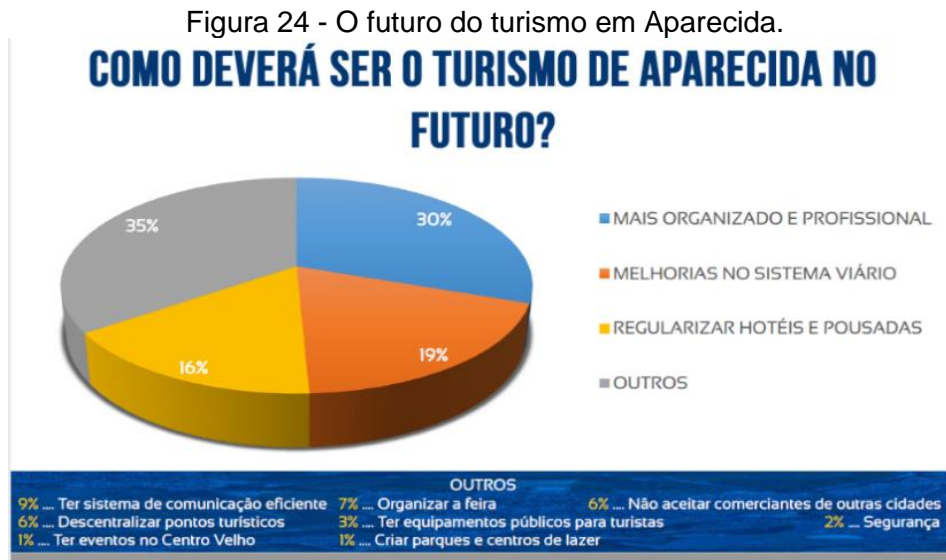
Os documentos intitulados “Slides de Reunião com o Sindicato dos Hotéis” (2018) demonstram dados importantes sobre a infraestrutura da cidade como trânsito e feriados, momento de ampla circulação dos turistas na cidade) quando o trânsito, na região central, próximo à basílica e a outros pontos de turismo, fica comprometido (Figura 23).



Os demais gráficos e apontamentos presentes nos slides da reunião com o sindicato dos hotéis também revelam mais sobre a preocupação dos munícipes quanto ao turismo na cidade, uma vez que seu cotidiano é marcado pela presença de visitantes e se torna quase impossível dissociar ambos, como pode ser visto no gráfico sobre “Como deverá ser o turismo de Aparecida no futuro?”.

Dos entrevistados, 30% esperam que seja mais organizado e profissional o futuro da cidade, além dos apontamentos sobre melhoria do sistema viário (19%). Outras respostas somaram 35% e foram elas: sistema de comunicação eficiente (9%), descentralizar pontos turísticos, ter eventos no Centro Velho, organizar a feira,

equipamentos públicos para os turistas, criar parques e centros de lazer, segurança e não aceitar comerciantes de outras cidades (sendo este último bem expressivo com 6% do total de 35% e demonstrando a preocupação com o comércio regional e geração de empregos para os próprios munícipes).

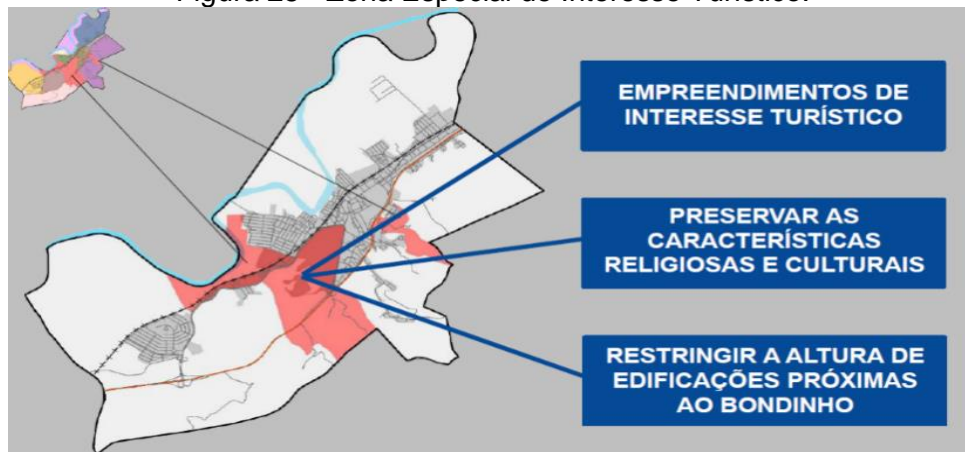


Fonte: PMA. Reunião com o Sindicato dos Hotéis (2018).

Os dados da Figura 24 revelam a preocupação com a irregularidade do turismo, com os locais de hospedagem e organização quanto aos locais de turismo e mobilidade na cidade.

Também é possível perceber, na Zona de Especial Interesse Turístico de Aparecida, como as projeções e as preocupações consideram a manutenção e proteção da infraestrutura turística e da identidade cultural religiosa (mesmo, como já demonstrado, a cidade possui moradores de outras religiões e sem religião (Figura 25).

Figura 25 - Zona Especial de Interesse Turístico.



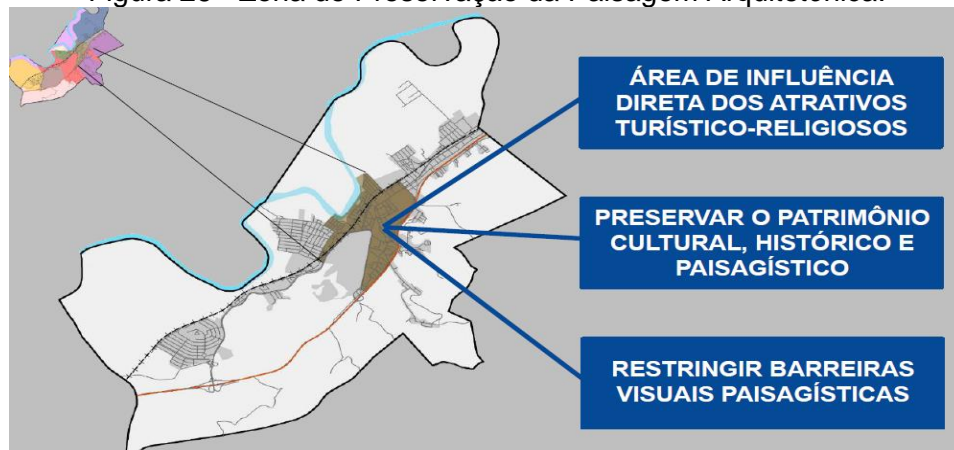
Fonte: Reunião com o Sindicato dos Hotéis (2018).

Também desponta nos Slides de Reunião com o Sindicato dos Hotéis (APARECIDA, 2018), a “Zona de Preservação da Paisagem Arquitetônica” de Aparecida, localizada na região central e que visa preservar a arquitetura local. Como se percebe, Aparecida também possui em sua paisagem muitas rugosidades (SANTOS, 2006). O termo rugosidades, segundo Milton Santos (2006), designa espaços que possuem traços moldados no passado, mas que continuam se impondo no presente na forma de construções.

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço - fator (SANTOS, 2006, p. 92).

Os elementos arquitetônicos que compõem o centro urbano de Aparecida em grande parte são históricos e podem ser abordados com rugosidades presentes no espaço e que se pretende preservar, como a Basílica Velha. A Zona de Preservação da Paisagem Arquitetônica se faz muito importante para a cidade, por ser uma área direta de atrativos turísticos e religiosos e, sua preservação, se faz importante para o patrimônio histórico, cultural e paisagístico da cidade (Figura 26).

Figura 26 - Zona de Preservação da Paisagem Arquitetônica.



Fonte: PMA, Slides de Reunião com o Sindicato dos Hotéis (2018).

5.2 A economia local: comércio, setor hoteleiro e a relação com o turismo religioso

Foi perceptível, por meio da visita à campo à Aparecida, que o seu vínculo com a Igreja reflete no cenário urbano da cidade, composto por comércio e hotéis que visam a atrair os turistas, além das igrejas e dos pontos turísticos relacionados à imagem da Santa. O Plano Diretor da cidade também visa a melhoria dos espaços para a recepção dos turistas e para a obtenção de receita local. A Tabela 3 mostra a distribuição do emprego no município.

Tabela 3 - Empregos no município de Aparecida.

Localidade Aparecida	Período	Total de Empregos formais	Empregos formais da indústria	Empregos formais do comércio atacadista e varejista e do comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	Empregos formais dos serviços
	1997	5.792	811	1.490	3.274
	2000	5.047	691	1.092	3.163
	2010	8.904	919	2.306	5.405

Fonte: Fundação SEADE.

Os dados da Tabela 3 revelam que, em 1997, os empregos formais na área de comércio e reparação de meios de transporte eram maiores que na indústria. Em

2000, observa-se uma queda no número de empregos formais em ambos os setores, mas, em 2010, há um crescimento, sobretudo no setor de comércio.

Ao longo do processo de elaboração da Leitura Técnica para Plano Diretor de 2018 no município de Aparecida foram realizadas reuniões com o Sindicato dos Hotéis. Essas reuniões apresentam aos hoteleiros um relatório geral sobre a cidade e os gráficos de pesquisa com a participação dos munícipes. Os gráficos também trazem dados sobre o turismo e a infraestrutura local. Nos documentos intitulados “Slides de apresentação ao sindicato dos hotéis” (PMA, PD, 2018) verifica-se o interesse em promover o turismo ambiental no município em suas áreas de interesse, inclusive na Zona de Controle Ambiental com propostas para permitir empreendimentos de hospedagem no local.

Os Slides de Reunião com o Sindicato dos Hotéis (PMA, PD, 2018) também revelam a preocupação nas zonas urbanas, turísticas e comerciais com o setor de hotéis e área para construção deles, além de serem apresentadas as leis para construção, funcionamento e hospedagem nos mesmos. O sindicato dos hotéis revelou o quanto essa atividade é importante para o município e tem forte influência nas suas decisões econômicas e estruturais.

5.3 Os bairros de Aparecida: mobilidade, lazer e infraestrutura

Com base nos dados contidos nos documentos do Plano Diretor de 2018, podemos levantar algumas informações sobre os bairros da área urbana do município de Aparecida. No total, a cidade possui 19 bairros, organizados no Quadro 2 com dados sobre sua área e pontos turísticos.

O Quadro 2 contém dados do Plano Diretor 2018 e apresenta os bairros na ordem, conforme o PD. Após análise do PD alguns bairros foram escolhidos levando em conta a presença ou não de pontos de turismo e a proximidade com o santuário.

Quadro 2 - Bairros de Aparecida

Bairro	Área	Tem ponto turístico?
Itaguaçu	1,38 Km	Não
São Geraldo	-	Sim
São Sebastião	0,19 Km	Não
Jardim Paraíba	1 Km	Não
Jardim Santo Afonso	0,59 Km	Não
Ponte Alta	0,47 Km	Sim
Santa Terezinha	0,45 Km	Não
Santa Edwiges	-	Não
Vila Mariana	0,72 Km	Não
Aroeira	0,38 Km	Não
São Roque	0,33 Km	Não
Jardim São Paulo	0,13 Km	Não
Perpétuo Socorro	0,33 Km	Não
São Francisco	0,3 Km	Não
Santa Rita	0,35 Km	Não
Sagrada Face	0,96 Km	Não
Santa Luzia	0,82 Km	Sim
Centro	0,59 Km	Sim
Bairro Santuário Nacional	-	Sim

O símbolo (-) neste quadro representa ausência de dados.

Fonte: Dados do Plano Diretor 2018, elaborado pela autora.

Os bairros visitados para pesquisa de campo, que ajudaram a compor este trabalho, ficam próximos à região central ou ao santuário nacional. Por serem de grande circulação de moradores e turistas, a observação dos bairros revelou um pouco do fluxo cotidiano na cidade, as relações e problemáticas existentes.

Os bairros do Centro e o bairro Santuário Nacional foram escolhidos por abrigarem respectivamente a basílica velha e o santuário dedicados à projeção da imagem de Nossa Senhora Aparecida e também grandes centros de comércio (centro de apoio ao romeiro, feiras, galerias de loja e comércios de rua) e história (construções do centro histórico e museus do santuário). Já o bairro Santa Rita foi ponto de passagem e chamou atenção por sua proximidade com a Rodovia Presidente Dutra e com o Santuário e, mesmo assim, por não ter grande movimentação nas ruas.

O bairro São Geraldo possui um dos maiores pontos de peregrinação de romeiros, o Porto de Itaguaçu. As primeiras residências do bairro surgiram no entorno da capela São Geraldo que se ampliou no sentido do Santuário. O bairro passou por importante obra turística, o Caminho do Rosário, que liga o santuário ao porto. De acordo como segundo o Plano Diretor (2018), o bairro enfrenta problemas de manutenção das áreas de lazer e dificuldade no acesso à transporte público, contendo

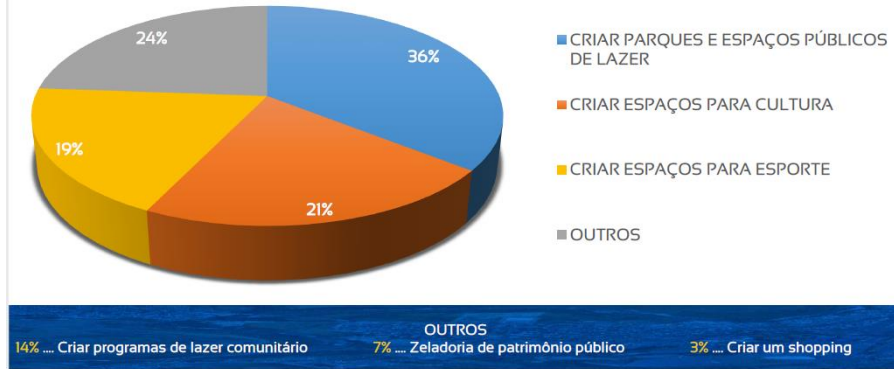
áreas de risco. O bairro Itaguaçu, vizinho ao São Geraldo, quase se mistura a ele e possui grandes semelhanças com este; ambos se localizam próximos a uma das entradas da cidade e do santuário, o tipo de residências e composição urbana também se assemelham.

Em um levantamento geral dos dados do Plano Diretor (2018) sobre os bairros do perímetro urbano do município de Aparecida, observam-se diversos problemas de infraestrutura recorrentes, como: transporte (poucos pontos de ônibus nos bairros e falta de placas de sinalização), falta de cuidado com infraestrutura das áreas de lazer, problemas no sistema de drenagem, enchentes e inundações. A cidade também sofre com ausência de calçadas, de bocas de lobo, de guias, de sarjetas e de pavimentação (principalmente nos bairros mais afastados do santuário).

Quando perguntado aos munícipes sobre “O que deve ser feito para que a população de Aparecida tenha mais lazer no futuro?” a maior porcentagem dos entrevistados (36%) respondeu que a criação de parques e espaços públicos de lazer seria uma saída para gerar mais lazer à população local. Em outros gráficos do Plano Diretor (2018), a demanda por espaços públicos e espaço de lazer não vinculados à religião também aparecem; revelando assim uma carência dos serviços que atendam às demandas dos munícipes e, de possuir um local para descontração não relacionado ao turismo religioso.

Na Figura 27, que traz a pergunta “o que deve ser feito para que a população de Aparecida tenha mais lazer no futuro”, no item “Outros”, dos 24% entrevistados, 3% referiram-se à construção de um *shopping*, uma vez que a cidade só possui um pequeno espaço de comércio religioso voltado ao turismo que funciona como um pequeno *shopping* local.

Figura 27 - O futuro do lazer em Aparecida.
O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE A POPULAÇÃO DE APARECIDA TENHA MAIS LAZER NO FUTURO?



Fonte: PMA. PD, Slides de Reunião com o Sindicado dos Hotéis (2018).

6 APARECIDA: UM OLHAR SOBRE A CIDADE

Diferentes pontos de vistas compõem a avaliação sobre a cidade de Aparecida nessa pesquisa: o olhar da pesquisadora, do (a) turista e do (a) morador (a). Estes são agentes sociais que possuem percepções diversas sobre o espaço que vivenciam. Esta seção se dedica a exploração dessas visões. Turistas e moradores dividem os mesmos espaços públicos, eles possuem diferentes significados para ambos assim como a infraestrutura local que pode ser avaliada de forma diferente por cada grupo, dependendo das suas relações com a cidade. Neste ponto, surgem reflexões sobre o direito à cidade. Lefebvre (2001), considera que os lugares de passagem, como Aparecida, também são espaços de vida. Essa questão será mais aprofundada na seção 4.

A presente pesquisa se concentrou no perímetro urbano do município por ser a área com maior parte da população, ou seja, 27.538 habitantes (SEADE, 2019) e é nele que se encontram os pontos turísticos e o maior fluxo de visitação.

Foram considerados para observação de campo os Bairros do Santuário, que inclui o seu complexo, o Bairro do Centro, também de interesse dos turistas, e o Bairro São Geraldo, localizado próximo ao santuário e ao Rio Paraíba, que contém dois pontos de turismo e diversos hotéis, mas se difere do centro e do próprio santuário em sua infraestrutura.

6.1 Relato etnográfico: a pesquisa e a cidade

Em 2018 foi realizada a primeira visita etnográfica à Aparecida. Nessa primeira visita foi possível observar o grande fluxo turístico no local. A visita ocorreu em 16 de novembro de 2018 e os pontos visitados foram: Santuário Nacional, passarela, Basílica Velha e a feira livre que desce do centro para uma das entradas do santuário. Esclarece-se que as visitas de campo à Aparecida tomaram como ponto de partida a cidade de São José dos Campos, onde mora a pesquisadora.

No santuário havia um grande fluxo de visitantes que lotava seu interior e o Centro de Apoio ao Romeiro. Os bancos estavam todos ocupados e muitos turistas sentavam-se no chão e no corredor de acesso ao nicho onde está a imagem de Nossa Senhora (Figura 28).

Figura 28 - Corredor de acesso ao nicho da imagem de Nossa Senhora



Fonte: acervo de pesquisa (2018).

O grande número de hotéis que despontavam na cidade chamou a atenção. Presentes em todas as partes do centro da cidade, as construções, grandes ou bem pequenas; certamente visam a atender os visitantes, uma vez que a maioria possui referência à fé católica. Exemplo, Santuário Palace, Hotel do Papa, São Bento Palace, Hotel Santo Graal, entre outros.

A passarela que liga o Santuário à Basílica Velha estava lotada. Muitos turistas caminhavam com suas sacolas de compras e, outros tantos, percorriam o caminho de joelhos, em demonstração de fé, apesar do calor e sol forte.

A superlotação da Basílica Velha dificultava o acesso ao altar. A grande presença de pessoas esmolando na praça da igreja chamou atenção, além dos inúmeros estabelecimentos de venda de artigos religiosos que se estendem por todo o percurso. Saindo da passarela, os visitantes, no período visitado, passavam, inclusive, por dentro de uma construção de um centro comercial, em meio às paredes escoradas e às máquinas de construção para acessar a praça da basílica. Na verdade, toda a cidade, em 2018, parecia estar em obras. A presença de obras

pode ser notada ao longo de toda cidade, dando ares de cidade ainda em construção, sendo a própria basílica nova obra ainda inacabada; hoje o centro também passar por reformas. Logo na saída da passarela que liga as igrejas dedicadas à Aparecida, encontramos uma grande obra de ampliação; uma cidade que ainda cresce em torno da fé com o comércio sempre presente (...) (ROSADO, 2018, p. 61).

Outras igrejas católicas também despontavam ao longo do trajeto da praça da basílica para a feira livre, porém essas com menos visitantes. A feira livre desce por toda uma rua em direção ao santuário e possui diversas barracas vendendo desde

artigos religiosos, roupas, calçados, brinquedos, bolsas, eletrônicos, dentre outros produtos, com grande fluxo de compradores por toda a sua extensão.

Em visita de campo à cidade de Aparecida – SP, realizada em 08 de dezembro de 2019 (domingo), foi possível observar o grande fluxo de turistas em um final de semana no mês de festividades natalinas. Os meses com festas religiosas costumam movimentar mais a cidade e suas igrejas.

Ao chegar à cidade, às 8h da manhã, foi possível perceber grande movimentação de carros próximos ao Santuário Nacional. Da perspectiva da pesquisadora, saindo da Rodovia Presidente Dutra e entrando na cidade as ruas que cercavam as entradas para o santuário tinham seu fluxo completamente congestionado devido à fila de carros que aguardavam para entrar no estacionamento da igreja. Desta forma, quem estava (tanto turistas quanto moradores) somente de passagem pelo local acabava sendo comprometido também, pois a via de duas faixas estava completamente congestionada pelo movimento de veículos.

Ao longo deste percurso também se observou vários vendedores ambulantes comercializando água, terços e fitinhas de Nossa Senhora. No canteiro central, os guardadores de carro ofereciam vagas mais baratas em estacionamentos vizinhos.

Contudo, ao sair desta área próxima aos muros do Santuário e me afastar da região central, o movimento drasticamente foi reduzido. Passando pelo bairro Santa Rita, ficou evidente a diferença no cuidado com as ruas, enquanto próximo ao santuário a via é nova, com boa pavimentação e sinalização, no bairro, as ruas são estreitas, esburacadas, falta sinalização (semáforos, placas, pinturas no chão) e, nessa visita, notou-se grande presença de lixo nas calçadas e áreas com vegetação. O fluxo de pessoas citado acima não se repetia de forma alguma no bairro, que continha poucos carros estacionados nas ruas estreitas mais próximas ao acesso para o santuário. O movimento se resumia a apenas alguns pedestres que passavam de um estabelecimento para o outro ou entrando em suas casas. Nesse bairro, a igreja Santa Rita se encontrava fechada (Figura 29).

Figura 29 - Igreja de Santa Rita



Fonte: acervo de pesquisa (2019).

Observa-se que o santuário pode ser visto de qualquer ponto da cidade, de diferentes ângulos. Do bairro Santa Rita é possível ver, ao longe, o santuário se elevando e a movimentação da rua da escola Maria Conceição Pires do Rio em seu entorno (Figura 30). Como o bairro se localiza próximo à Rodovia Presidente Dutra, foi possível perceber, o grande fluxo de carros próximos e a diferença entre a via bem pavimentada acima e a rua de pedras e esburacada do bairro.

Figura 30 - Santuário visto do bairro Santa Rita



Fonte: acervo de pesquisa (2019).

Passando rapidamente pelos bairros mais afastados, próximos à divisa com o município de Guaratinguetá, foi possível perceber pouco movimento na região e ruas melhor cuidadas entre as duas cidades.

Às 11h iniciou-se a viagem de volta a São José dos Campos, passando por baixo da passarela que liga o Santuário Nacional à Basílica Velha, centro da cidade. Neste momento, o trânsito estava carregado e lento em alguns pontos, onde muitas pessoas atravessavam a avenida mesmo fora das faixas de pedestre; a passarela acima estava lotada com um fluxo intenso de pedestres nos dois sentidos mesmo com o calor e sol forte.

Observou-se também que a fila de carros para entrar no estacionamento do Santuário parecia ainda maior do que o momento de minha chegada, contando com a presença de inúmeros ônibus. Ao sair de fato da cidade foi possível visualizar que a fila se estendia até o acostamento da Rodovia Presidente Dutra, onde muitos veículos aguardavam para entrar na cidade. Muitos coletivos parados, com seus passageiros fora dos carros, causavam um certo congestionamento na rodovia que se estendia por um bom trecho no sentido Rio de Janeiro.

Ainda na cidade, a Feira Livre, que desce uma rua do centro até uma área próxima a uma das entradas do Santuário, também se encontrava lotada. Observou-

se muitas pessoas passando com imensas sacolas de compras um grande fluxo de pessoas atravessando do Santuário para a feira, o que colaborava para o trânsito engarrafado. Os pedestres atravessavam fora das faixas e sem respeitadas os semáforos, fazendo com que os motoristas tivessem que dirigir muito abaixo do limite de velocidade da via (Figura 31).

Outro ponto turístico também em funcionamento observado na pesquisa a campo foi o bondinho, que operava normalmente, levando inúmeras pessoas ao mirante de onde a cidade e o santuário podem ser vistos do alto. O bondinho passa sobre as construções do centro de Aparecida (casas particulares, comércios, espaços públicos) levando do estacionamento do Santuário até um morro de observação da cidade acima da parte central.

Figura 31 - Fluxo de pedestres nas ruas próximas à feira



Fonte: acervo de pesquisa (2019).

Tanto no trajeto de ida, quanto de volta da cidade de Aparecida, havia uma constante presença de romeiros viajando a pé, solitários ou em grupos, pela Rodovia Presidente Dutra, rumo à cidade de Aparecida. Prática muito comum de demonstração de fé que ocorre com maior frequência nos períodos festivos de outubro e dezembro.

Como resultado dessas primeiras visitas observou-se o quanto o turismo afeta Aparecida. Ele altera as vias próximas ao santuário, causando principalmente problemas no trânsito/congestionamento local devido ao movimento. E ainda as ruas interditadas para realização de feiras ou passagem de pedestres, chegam até mesmo a afetar o fluxo da Rodovia Presidente Dutra, dificultando o acesso à cidade.

O retorno à cidade de Aparecida se deu no dia 01 de outubro de 2020, uma quinta feira, com chegada as 7h10. Neste momento, o movimento a caminho de Aparecida era oposto ao observado nas duas visitas anteriores; mesmo sendo

outubro, mês de grande movimento na cidade devido às comemorações do dia de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro). Foram observados pouquíssimos romeiros na Rodovia Presidente Dutra, dois na saída de São José dos Campos e dois chegando à cidade de Aparecida e nenhuma fila de carros para entrar na cidade.

Esse fluxo baixo é atribuído às normas sanitárias impostas pela pandemia do novo coronavírus (COVID 19). A própria Igreja pediu aos romeiros que ficassem em casa para evitar contaminação. Obedecendo o protocolo da Organização Mundial de Saúde, as missas acontecem com número reduzido de fiéis além de controle de entrada no santuário e pontos turísticos fechados. Outra diferença notada na visita de 2020 foi o grande número de áreas restritas no santuário e de equipes de limpeza e segurança no mesmo.

Chegando à Aparecida, a primeira observação foi a falta de sinalização na cidade. As poucas placas indicavam somente o caminho para retornar à Rodovia Presidente Dutra, o centro da cidade e o caminho para o Santuário Nacional. No centro urbano, algumas placas mostravam a localização de outros pontos turísticos, porém, se o visitante é de fora, para acessar os bairros e outros serviços, somente recorrendo ao uso de GPS.

Os semáforos se concentram na região próxima ao santuário e o centro contava com pouquíssima sinalização. As ruas são muito estreitas e, em sua maioria, são de descidas e subidas.

Na visita ao santuário ficou evidente a baixa do turismo na cidade, a entrada era permitida apenas por uma das portarias de acesso ao santuário, com controle de carros e o estacionamento tinha poucos carros e nenhum ônibus de viagem (uma imagem contrastante com a que se costuma ver no local como pode ser observado em fotos presentes no início deste trabalho).

Se em 2019 havia uma fila de carros para entrar no santuário, em 2020 a fila era formada por pessoas para pegar uma senha e assistir à missa, com lugares marcados e número de fiéis limitado devido às normas de distanciamento social (Figura 32). Para evitar a entrada de outros visitantes na área do altar, as portas de acesso foram interditadas (Figura 33). Somente a entrada de visita do nicho da imagem de Nossa Senhora Aparecida estava aberta, com higienização constante e controle no número de visitantes, além do uso obrigatório de máscaras em todos os

locais. Diferente da figura 28, de 2018, o corredor em 2020 estava praticamente vazio (Figura 34).

Figura 32 - Fila para acesso à missa



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 33 - Portas de entrada interditadas



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 34 - Visita ao nicho de Nossa Senhora



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Ao invés dos avisos sonoros sobre chegada de grupos de romeiros ou alertas do estacionamento ou dos outros pontos de turismo no santuário, comuns em situação normal, os alto falantes emitiam avisos sobre os cuidados para evitar contaminação e as regras para permanecer no santuário, além das medidas adotadas para segurança dos visitantes.

Ao longo de toda a área, avisos foram fixados e totens disponibilizados com álcool em gel para uso das pessoas, não só no santuário, mas também no centro de apoio ao romeiro que pode voltar a funcionar, com horário limitado e restrições (como número de visitantes e antes de entrar todos tem a temperatura conferida). Poucas lojas estavam abertas e, o maior fluxo, estava na praça de alimentação. O caminho de acesso às lojas agora possui sentidos separados por uma grade, sendo um para entrada e outro para saída e placas no telhado indicando o sentido de ambos (figuras 35 e 36).

Figura 35 - Fila para conferir temperatura (Centro de Apoio ao Romeiro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 36 - Corredor de lojas vazio (Centro de Apoio ao Romeiro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Dentro e fora do santuário, as obras de reforma e ampliação marcavam o cenário. Uma das fachadas estava em reforma, além da casa das velas e do centro de apoio ao romeiro para incluir uma área de turismo, onde o turista adquire os ingressos para as atrações e tira dúvidas sobre outros pontos de visitação (figuras 37 e 38). Tais obras reforçam ainda mais a importância do turismo religioso local e a procura por expandir e melhor atender aos visitantes.

Figura 37 - Obra na fachada do Santuário



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

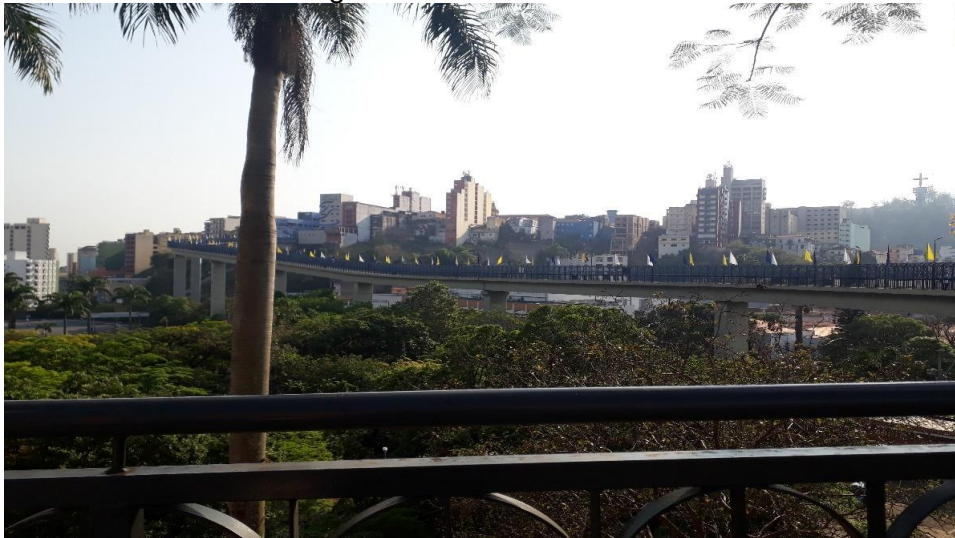
Figura 38 - Centro de Informações Turísticas



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

A passarela que liga uma basílica a outra, diferentemente de 2019, estava vazia, exceto pela presença de algumas famílias que tiravam fotos e de pagadores de promessas que percorriam de joelhos a distância entre as igrejas. As obras se espalham por toda a cidade, aquela que foi observada em 2018, ao final da passarela, já havia sido concluída e agora mais um centro de compras se eleva no centro da cidade (Figuras 39 e 40).

Figura 39 - Passarela vazia



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 40 - Galeria Recreio finalizada



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Os bondinhos, tanto do santuário quanto do centro, chamam atenção. Mesmo fechado para turistas, é possível perceber como o teleférico passa muito próximo aos prédios da cidade e acima de diversas construções (incluindo áreas residências, hotéis e comércios). Predominante no cenário central, o funcionamento do bondinho impossibilita as construções mais altas na região (Figuras 41,42, 43 e 44).

Figura 41 - Bondinho visto do Santuário



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 42 - Bondinho próximo aos prédios (centro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 43 - Passagem do teleférico pelo centro de Aparecida



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 44 - Teleférico sobre as casas e comércios (centro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Diversas obras foram observadas em campo, principalmente a construção de prédios na região central e reformas em hotéis, comércios e ruas em todo percurso da região central do bairro São Geraldo. Obras da prefeitura também foram observadas próximas à Basílica Velha e em uma rua lateral ao santuário para construção de um canteiro central, local onde muito material de construção (areia e pedras) e máquinas, dificultavam a passagem dos carros (Figuras 45 e 46). Tais obras

fazem com que a cidade pareça estar em constante construção ,ampliação e reformas para atrair mais turistas (como reforma de hotéis e de lojas).

Figura 45 - Construção canteiro central



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

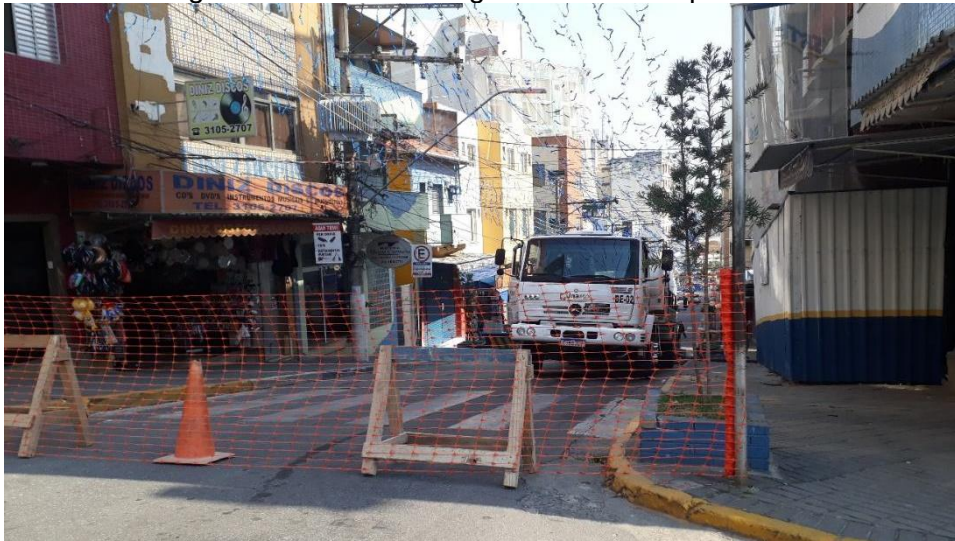
Figura 46 - Máquinas no canteiro central



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

A Figura 47 ilustra obras na região central, próximas a basílica velha, onde uma rua chega a ser fechada para o tráfego de carros, contudo a sinalização é precária sem demonstrar rotas alternativas ou placas que antecedem a obra avisando sobre ela. Já a Figura 48 demonstra uma obra particular, realizada na fachada de um comércio, também sem sinalizações e ocupando o espaço da rua atrapalhando o fluxo de pedestres, fazendo com que estes ou andassem na rua ou passassem abaixo do andaime.

Figura 47 - Obras na região central de Aparecida



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 48 - Obra em fachada de loja (centro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Chama atenção a grande quantidade de obras de construção ou ampliação de prédios no perímetro urbano de Aparecida, os mais recentes em fase de construção são levantados em uma área afastada do caminho do teleférico (Figura 49 e 50). Na Figura 51 é possível notar uma rua onde várias obras ocorrem ao mesmo tempo em uma área mais próxima a passagem do teleférico no centro.

Figura 49 – Prédio em construção



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 50 - Obras em Aparecida



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 51 - Obras em rua do perímetro central de Aparecida



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

A Figura 52 nos mostra a constante presença dos hotéis na paisagem da cidade de Aparecida em contraste com a antiga construção da igreja. A Basílica Velha estava fechada; alguns comércios ao redor estavam abertos e fotógrafos sentavam-se nos bancos da praça, em frente à basílica, à espera dos turistas dispostos a levar para casa fotografias retiradas juntos a animais falsos e a frente da igreja (Figura 53). O movimento na praça também se contrasta com o observado na viagem de campo do ano de 2018, quando não havia sequer um espaço vago para se sentar na praça devido ao grande fluxo de pessoas e as lojas todas fervilharem de compradores.

A rua da feira livre estava aberta à passagem de carros, ligando o centro a um dos portões do santuário (que estava fechado) e não possuía nenhuma barraca ou fluxo de comércio como observado em 2018 e 2019; deixando, dessa forma, um amplo espaço de estacionamento e acesso a uma das vias que corta a cidade, passando à margem dos muros do santuário e levando ao Bairro São Geraldo (Figura 54). Na Figura 54 é possível observar a fachada do santuário em reforma.

Figura 52 - Basílica Velha fechada



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 53 - Fotógrafos na praça da Basílica Velha



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 54 - Rua da feira vazia



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Devido ao mês de comemorações de Nossa Senhora, a região central encontrava-se enfeitada com papéis azuis em todas as praças das igrejas e em algumas ruas centrais (Figura 55); a basílica velha e o porto de Itaguaçu estavam enfeitados com bandeiras amarelas brancas e azuis (figuras 56 e 57).

Figura 55 - Enfeite nas ruas (centro)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 56 - Bandeiras na Basílica Velha



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 57 - Bandeiras no Porto de Itaguaçu



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Outro ponto de observação é que, mesmo sendo uma cidade com grande influência da Igreja e da imagem de Aparecida, a cidade é considerada laica; mesmo assim, diversas estátuas de cunho religioso e construções da mesma vertente são encontradas ao longo da área urbana de Aparecida e de suas poucas praças; bem como a presença da imagem nos postes da região central feita com luzes (Figura 58).

Figura 58 - Imagem de Nossa Senhora Aparecida no poste



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Nos outros bairros percorridos no caminho entre o santuário, o centro e o bairro São Geraldo, pode-se destacar a falta de calçadas e de bocas de lobo, o asfalto esburacado, o lixo nas ruas, as áreas verdes, as poucas praças (a principal do centro com população em situação de rua e muita sujeira) e pouca sinalização.

O Porto de Itaguaçu, localizado no bairro São Geraldo, também estava aberto à visitação, porém deserto; apenas uma equipe da TV Aparecida, um segurança e um grupo de três pessoas estavam no local onde a imagem de Nossa Senhora teria sido encontrada e de onde sai o Caminho do Rosário, que leva até o santuário de trem ou a pé.

No Porto, uma placa indicava os caminhos para os três principais pontos do bairro São Geraldo: o porto, a Capela São Geraldo (dedicada ao primeiro local de abrigo da imagem de Nossa Senhora) e a Avenida Itaguaçu (a principal do bairro que passa ao lado do muro do santuário nacional (Figura 59); nas áreas de turismo a sinalização é constante diferente de outros pontos da cidade.

Figura 59 - Placa no Porto Itaguaçu



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

O Caminho do Rosário é margeado pelo bairro São Geraldo e o dividido do mesmo pela via férrea Rio - São Paulo. Dessa forma, é contrastante a riqueza das novas construções do caminho (inaugurado há dois anos) e a precariedade nas ruas do bairro.

A Figura 60 mostra a estrada de ferro que divide o caminho do bairro. Do lado esquerdo, notam-se as construções do caminho e, à direita, os fundos de algumas casas do bairro. À esquerda da fotografia, está a área de domínio da igreja; no centro, a ferrovia de controle da empresa ferroviária, as áreas de domínio público e particular; do lado, as ruas e casas à direita (Figura 60).

Figura 60 - Estrada de ferro



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

No bairro São Geraldo, além dos pontos já citados em relação a outros da cidade, não foi possível identificar pontos de ônibus ou observar algum em circulação.

Na Avenida Itaguaçu, um caminhão de coleta de lixo retirava o descarte dos estabelecimentos comerciais (Figura 61). É interessante notar que, na lateral do caminhão, a imagem de Nossa Senhora Aparecida também está presente, assim como nas caçambas das quais os materiais foram recolhidos.

Figura 61 – Serviço de coleta do lixo



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Por toda a extensão do bairro foram observados falhas e buracos no asfalto, o que torna o acesso de carro complicado, além de diversos pontos sem calçadas para pedestres, fazendo com que os pedestres caminhem pela rua, junto aos carros, às bicicletas e à motos. Inclusive durante uma curta caminhada no bairro tive que andar na rua por falta de calçada. Verifica-se também a falta de bocas de lobo (Figuras 62 e 63).

Figura 62 - Danos no asfalto e falta de calçada



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 63 - Asfalto danificado (São Geraldo)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

O bairro São Geraldo também possui pouca sinalização, as que existem indicam os pontos de turismo, os limites de velocidade e a sinalização da via férrea. As placas com nome das ruas estão em sua maioria deterioradas (Figura 64), improvisadas em postes de moradias.

Figura 64 - Placa no bairro São Geraldo



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Ao longo do bairro, foi observado lixo nas áreas verdes e na área próxima à estrada de ferro (Figura 65). As ruas são estreitas e de difícil acesso; em sua maioria são ruas sem saída e construções (de cunho particular) também foram constatadas no bairro, em grande parte ampliação de casas e construção de prédios (Figuras 66). Diferentemente do centro e das ruas que margeiam o santuário, não foi observada nenhuma obra da prefeitura no bairro.

Figura 65 - Lixo próximo a estrada de ferro



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 66 - Obra (São Geraldo)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Uma praça com brinquedos novos e academia ao ar livre foi construída próxima a uma quadra no bairro. A praça, que fica às margens do Caminho do Rosário, parece ser a obra mais recente da prefeitura no bairro e serve como ponto de encontro dos moradores. (Figura 67).

Figura 67 - Praça (São Geraldo)



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Observa-se no bairro a construção de moradias muitas ainda em construção (ainda com fachadas de tijolos, outras já com reboco, portões e janelas enferrujados e dispares, telhados), o bairro também é marcado por terrenos baldios e áreas de

entulho (Figura 68); uma dessas áreas possui o que parecia ter sido uma casa, porém, agora contando só com os restos da construção (Figura 69).

Figura 68 - Terreno vazio próximo ao Caminho do Rosário



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 69 - Terreno com entulho



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Como já observado anteriormente nas visitas à cidade em 2018 e 2019, o santuário parece ser onipresente em todos os pontos da cidade. Do bairro São Geraldo, avista-se a torre do relógio e uma das fachadas do santuário (Figuras 70 e 71).

Figura 70 - Santuário visto do bairro São Geraldo



Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Figura 71 - Santuário ao fundo da Avenida Pedro Goussain

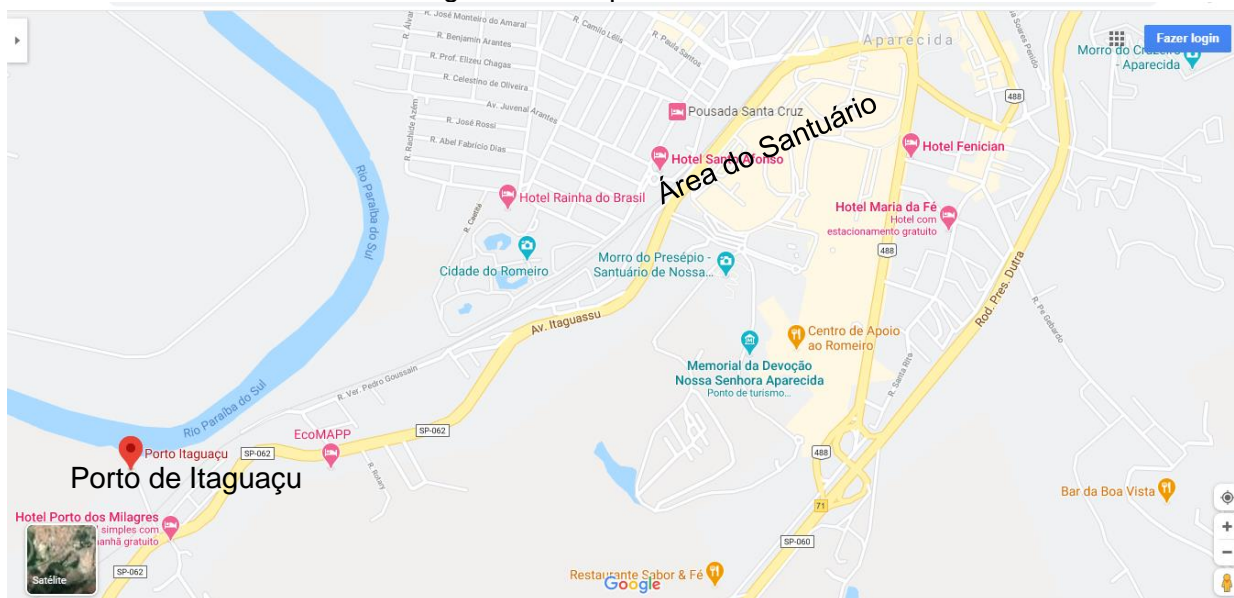


Fonte: acervo de pesquisa (2020).

Após caminhar pelo bairro foi possível observar que, mesmo possuindo dois pontos de turismo, somente as áreas próximas a eles possuem maior cuidado e, mesmo assim, foram observados alguns danos no asfalto; o bairro está próximo ao santuário (como demonstrado na Figura 72, um *print* do *Google Maps* que demonstra a distância entre o Porto de Itaguaçu no bairro São Geraldo e o terreno do Santuário Nacional) e somente sua avenida principal (Avenida Itaguaçu) que está às margens

dos muros do santuário possui pavimento sem buracos aparentes e maior limpeza, quando mais se adentra ao bairro, mais os serviços públicos somem.

Figura 72 - Mapa de distância



Fonte: Google Maps (2020).

O contraste das obras da igreja e o cuidado precário com o bairro é evidente ao observador. Enquanto, de um lado da ferrovia, os turistas andam de trem, de balsa ou passeiam a pé em meio à esculturas do Caminho do Rosário; do outro lado, as casas, a rua possui pavimentação precária, pouca sinalização, muito acúmulo de entulhos e inexistência de calçada, estes fatores contribuem para dificultar a circulação local.

A saída da cidade de Aparecida ocorreu por volta das 10h e o movimento continuava baixo no santuário e nas ruas próximas. Esse movimento baixo mostrava-se completamente oposto ao de mesmo horário quando se realizou a visita em 2019 e ao tradicional movimento do mês de outubro. Na saída da cidade, observou-se a chegada de dois romeiros à cidade, quando normalmente costumam chegar grande grupos.

Da Rodovia Presidente Dutra, ainda é possível ver a obra da estátua de Nossa Senhora Aparecida que sofreu embargo, que segue com vestígios de construção no topo de uma colina. Essa visão é mais nítida quando se chega à cidade no sentido Rio de Janeiro da Dutra.

6.2 Olhares sobre a cidade: o turismo, os munícipes e os interesses

Uma cidade pode despertar diferentes olhares. Aparecida, cidade de turismo, por exemplo, não é a mesma para os moradores e para aqueles que passam por ela. Lefebvre (2001), nos apresenta a discussão sobre o direito à cidade e fala sobre as formas e funções da cidade e as necessidades sociais urbanas. O autor debate sobre a relação do homem com a cidade ao longo dos períodos históricos e ressalta a “ciência da cidade”, estudos que tem como objeto a cidade, para melhor compreender as relações e as necessidades que ocorrem na mesma. A questão do direito a cidade surge com o direito os homens, dos cidadãos, o direito à vida urbana ao acesso a cidade e tudo que ela oferece. Contudo, o autor ressalta que, devido a fatores como nostalgia, turismo, ideia de retorno a cidade tradicional e centralidades, o direito à cidade caminha lentamente.

Essa discussão de Lefebvre (2001) contribui para este trabalho quando analisamos, em seções anteriores, questão do uso de dinheiro público para construção de uma estátua em homenagem à Nossa Senhora Aparecida, motivo de revolta em alguns moradores pertencentes a um grupo de ateus. E em segundo quando debatemos sobre uma cidade que possui seu espaço dividido entre munícipes e turistas.

O direito de acesso e de uso da cidade nesse contexto de uma cidade e turismo, que possui forte vínculo com Nossa Senhora, símbolo católico, e que abriga munícipes de outras religiões ou que não possuem nenhuma. A cidade também recebe muitas pessoas de fora que usufruem do espaço tanto quanto os munícipes, com infraestrutura pensada para receber e melhor atender a demanda de visitantes.

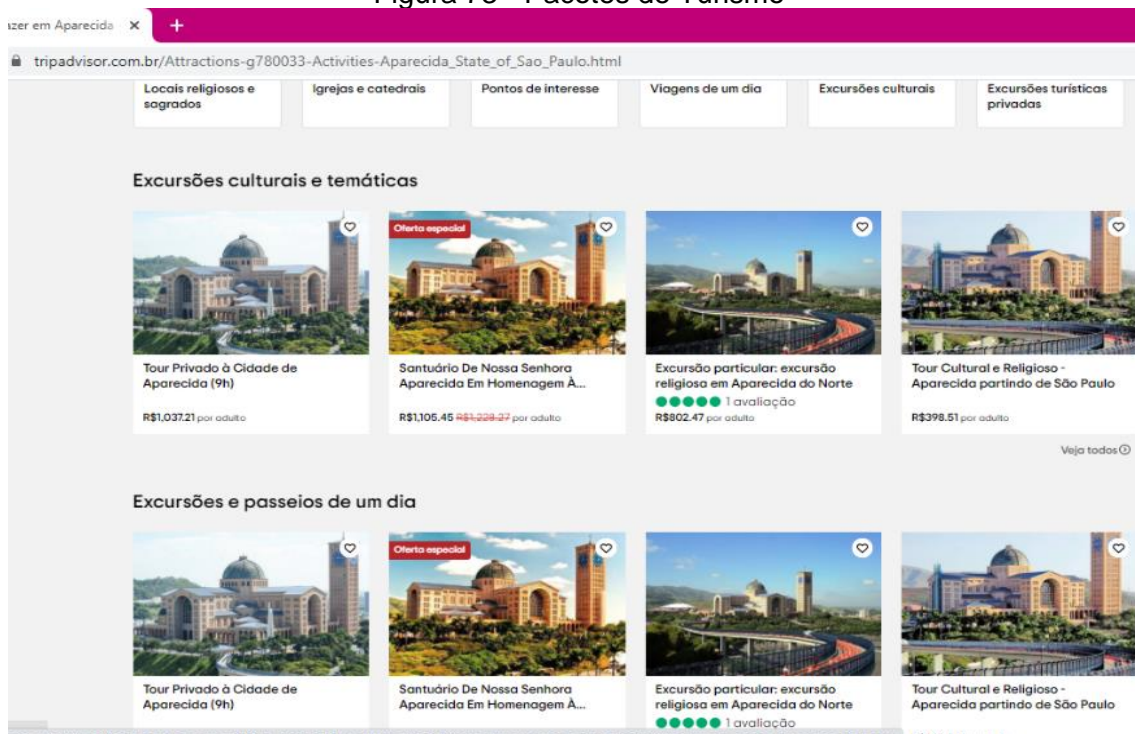
Aparecida, cidade de turismo e de múltiplas vivências, possui lugares com diferentes significados para cada pessoa. Marc Augé (1994) nos apresenta o conceito de “não lugar”, atrelado aos locais de passagem, onde o usuário cria uma relação contratual com o espaço por meio do uso dos serviços que ele oferece, como rodoviárias e aeroportos. Coelho (2004) aplica tal conceito às cidades de turismo e ao modo como ocorre a urbanização nessas cidades.

Para Coelho (2004), a “urbanização turística” garante à cidade maior visibilidade, colocando-a no mercado pelas paisagens promovidas pelo turismo (naturais ou artificiais). Tal modo de organização espacial afeta também os modos de

produção da cidade (paisagem, economia, cultura e práticas sociais), sendo os pontos de turismo mercadorias e locais de espetáculo e os pacotes de turismo aqueles que promovem os “não lugares”, uma vez que definem o que direcionam o turista para evitar que partes menos favorecidas fiquem afastadas de seu olhar.

Pesquisas virtuais sobre o tema “turismo em Aparecida”, direcionam o interessado a pacotes e a locais recomendados para que este “conheça melhor a cidade”. Usando como exemplo um *site* conhecido de dicas de viagem, o *Tripadvisor*, ficou evidente como os pontos indicados para visita são aqueles relacionados à religião e pensados para o turista religioso. O valor dos pacotes de viagem também desperta curiosidade, bem como tudo que está incluso (Figuras 73 e 74).

Figura 73 - Pacotes de Turismo



Fonte: *Tripadvisor* (2020)

Figura 74 - O que fazer em Aparecida?



Fonte: *Tripadvisor* (2020)

É também interessante analisar que nas fotos utilizadas para divulgar os pacotes de turismo e a própria cidade, a imagem de santuário surge na maioria delas como um símbolo da cidade, em diversos ângulos. Os pontos de visitação indicados também são em sua maioria dentro do santuário.

A cidade busca constantemente inovar para atrair os turistas. No ano de 2020, marcado pela pandemia do novo coronavírus (COVID 19), as cidades de turismo ficaram fechadas devido às normas de isolamento e distanciamento social. Aparecida ficou de março até agosto apenas com o santuário aberto com capacidade reduzida e para visita restrita à imagem de Nossa Senhora. As missas e o retorno do comércio só aconteceram no mês de agosto, de forma gradual. Mesmo nesse cenário, a Secretaria de Turismo, por meio do *site* da Prefeitura do Município de Aparecida, anunciou um projeto interativo, em que totens foram espalhados pela cidade com o intuito de levar informação e interatividade. Segundo o site:

Deixar a passagem do turista mais informativa, inclusiva e cheia de conhecimento sobre os pontos turísticos de Aparecida, esse é objetivo do projeto Aparecida Interativa, lançado pela Secretaria de Turismo. Por meio de seis totens instalados em pontos estratégicos e de grande fluxo de pessoas (CAT, Praça Dr. Benedito Meirelles, Praça Nossa Senhora Aparecida, Avenida Getúlio Vargas, Igreja São Geraldo e esquina das ruas Monte Carmelo e Anchieta), o visitante poderá, com a tecnologia do QR Code, conhecer toda a cidade, a pé, de carro, bicicleta ou da forma que desejar. Após a leitura do código, a pessoa é levada a uma página com mais de 15 pontos turísticos, com fotos, informações e a localização

para poder conhecer. Além de informativos os totens são também interativos, pois trazem uma imagem de Nossa Senhora Aparecida onde o turista pode fazer suas fotos com algum ponto turístico ao fundo, girando para várias posições (APARECIDA, 2020b).¹⁰.

A administração municipal demonstra dessa forma, suas preocupações em atender o turista e inovar para proporcionar “novas experiências” locais aos visitantes e continuar atendendo as demandas e as transformações tecnológicas, que podem gerar diferentes formas de conhecer e de atrair o turista para a cidade.

Essas definições se encaixam em Aparecida, cidade de turismo e de passagem para muitos, reconhecida pelos seus pontos turísticos ligados à Igreja Católica. A pesquisa a campo revelou a predominância da sinalização voltada para atendimento do turista religioso.

A cidade de Aparecida pode ser comparada à cidade fictícia de Fílide, uma das 55 cidades retratadas na obra de Ítalo Calvino (2003), cidade que, segundo o autor, se apresenta “cheia de surpresas para os olhos”. Quem passa rapidamente por ela não consegue desvendá-la por completo, mas, um olhar mais atento, revela caminhos e lugares antes invisíveis. Como em Aparecida, onde problemas apontados por moradores como segurança, falta de calçadas, falta de pontos de lazer, acabam não sendo percebidos aos olhos dos visitantes, que por sua vez volta sua atenção as atrações locais de turismo e comércio.

Os olhares teóricos sobre as cidades de turismo religioso as desvendam como cidade de passagem e de conflito entre o sagrado e o profano. Território que recebe aqueles que tem fé e aqueles que visam os lucros, lugar onde se encontram interesses públicos e privados que se moldam para gerar espaços de turismo e, fazer deles, espaços de mercadoria. Moreira Neto, Guimarães e Zanetti (2020) ressaltam essa questão do sagrado e do profano em Aparecida. Segundo os autores, “Quando se fala em Aparecida, na verdade nos referimos a duas cidades outrora sobrepostas que agora, apartadas no espaço, definem territórios e relações que se confrontam” (MOREIRA NETO; GUIMARÃES; ZANETTI, 2020). Para os autores, Aparecida se divide em lugares de visitação (de padrões globalizados e de administração da igreja) e outros que servem de apoio à função principal no fornecimento de trabalho e mão de obra às atividades que sustentam o turismo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.aparecida.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/1799/turismo-lanca-projeto-aparecida-interativa/> acesso em 26/11/2020 as 14h50

Contudo, para muitos, o olhar dedicado à cidade é de devoção e de fé (ROSADO, 2018). Fica evidente que, para aqueles que partem em romarias e aqueles que buscam a cidade para fazer pedidos e pagar promessas, Aparecida representa o acolhimento do sagrado, da proteção, do local de manifestação da fé.

Para os visitantes em geral, que podem buscar a cidade por motivos diversos e não somente guiados pela fé, a cidade representa um ponto de comércio, um local histórico, um passeio e/ou um local de passagem para se chegar a outra cidade. Assim, Aparecida é vista por diferentes olhares: desde o romeiro, o turista, o político, o pesquisador até o morador, que vivencia o cotidiano da cidade e que possui uma visão particular da cidade que habita e dos problemas e questões impostos pela vocação religiosa da cidade. Todos possuem uma relação bastante peculiar com a cidade e perspectivas diversas vinculadas a sua relação com o local (sua história e memória).

Nas três visitas realizadas para as pesquisas de campo, citadas neste trabalho, o que mais nos chamou atenção foi como a cidade parece estar em constante crescimento. Em todas as visitas, muitas obras foram observadas e, no ano de 2020, parecem se intensificar principalmente nas áreas destinadas ao turismo ou de passagem dos turistas. Outro fato a se destacar foi o esvaziamento da cidade em 2020, pela pandemia de COVID-19 e o consequente isolamento social. Sem a grande massa de turistas a cidade parecia estar “vazia”, com muito pouco movimento em suas ruas.

Em todas as visitas aqui descritas foram observadas igrejas e capelas dedicadas a outros santos do catolicismo (como a Santa Rita, a São Geraldo e a igreja de São Benedito), mas não foram observadas igrejas ou espaços dedicados a outras religiões nas áreas visitadas. Além disto, muitas áreas públicas possuem obras dedicadas à Nossa Senhora Aparecida como esculturas, iluminação, símbolos, bandeiras.

Com a análise dos documentos para o Plano Diretor de 2018, fica evidente que Aparecida é dividida de certa forma entre a Igreja, os moradores e as redes de comércio e hotelaria. Uma vez que seu território possuiu grandes áreas de domínio da Igreja católica, na revisão do Plano Diretor há um documento que contempla as reuniões realizadas com os moradores da cidade de uma forma geral (apresentado na seção 3 deste trabalho) e outro dedicado a reunião com os grupos de hotelaria da

cidade (mesmo que esses hoteleiros sejam também moradores) indicando as demandas de cada grupo e conflito entre eles.

Nas análises das reuniões para a revisão do Plano Diretor, realizadas com os moradores em 2018, percebe-se maior apelo por serviços públicos de lazer, comércios não religiosos, instituições de ensino superior e áreas de esporte e cultura.

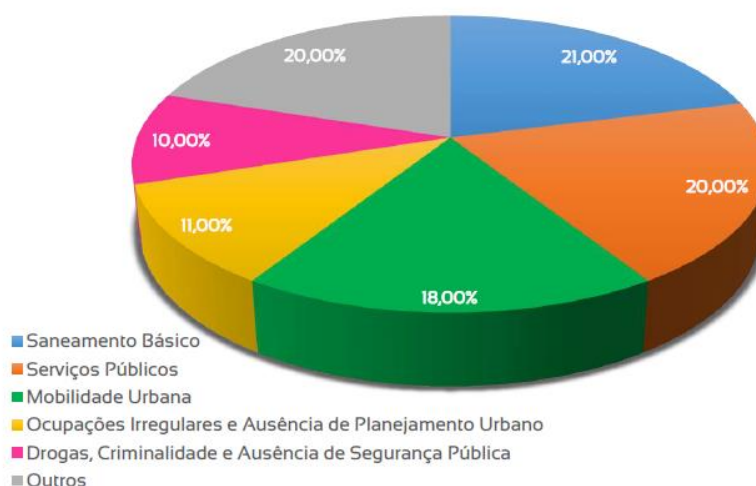
As problemáticas identificadas são apresentadas na figura 75, retirada do Relatório da Oficina 1 do Plano Diretor (2018). Essa figura mostra que, para os moradores presentes nessas oficinas, os maiores problemas da cidade se concentram nas áreas de Saneamento Básico e serviços públicos. O que chama atenção nesta figura é que, para a opinião popular, o planejamento urbano da cidade é deficiente. Considerado ausente pelos moradores, o planejamento urbano foi considerado ausente por 11% dos moradores que participaram na reunião.

Figura 75 - Problemas urbanos apontados por moradores de Aparecida

4.4 QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DA SUA CIDADE?

Na elaboração do diagnóstico participativo, a seguinte pergunta foi feita aos participantes das Oficinas: Quais são os principais problemas da sua cidade?

O resultado da opinião dos munícipes está representado na Figura 35.



Fonte: Relatório Oficina 1 (2018).

Algumas estatísticas chamam atenção, sobretudo quando se é perguntado aos munícipes sobre como a cidade deve ser planejada. Ao serem questionados sobre “Quais ações deverão ser realizadas para que Aparecida cresça de forma planejada?”,

os resultados obtidos surpreendem por ter um empate de 40% entre as respostas: Implementar o Plano Diretor e Preservar a Visibilidade do Santuário Nacional.

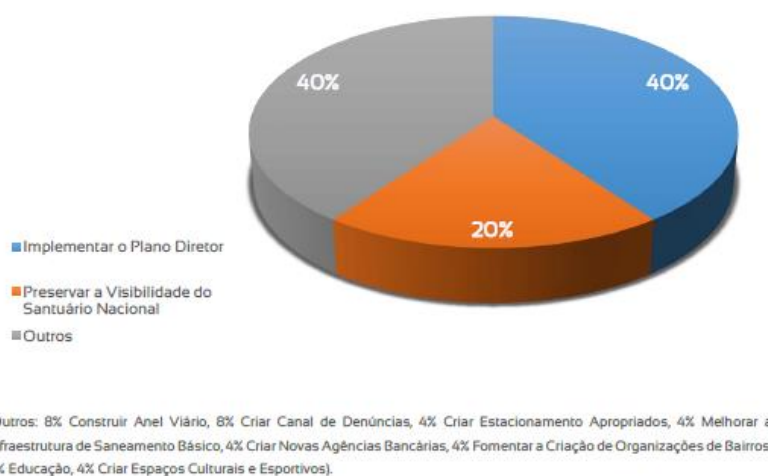
Como descrito nas visitas de campo, o santuário parece estar ao alcance dos nossos olhos em todos os pontos visitados. Com base nos dados da Figura 76, retirada do Relatório de Oficina 1 (2018), parte dos moradores gosta dessa paisagem e pede pela sua preservação, ficando esta resposta à frente de questões como saneamento básico, educação, esporte e lazer que aparecem somente em outros com menos de 8% de apelo.

Figura 76 - Ações para Aparecida crescer de forma planejada

4.4 QUAIS AÇÕES DEVERÃO SER REALIZADAS PARA QUE APARECIDA CRESÇA DE FORMA PLANEJADA?

Na elaboração do diagnóstico participativo da Oficina 2, a seguinte pergunta foi feita aos participantes das oficinas: Quais ações deverão ser realizadas para que Aparecida cresça de forma planejada?

O resultado da opinião dos munícipes está representado na Figura 26.



Fonte: Relatório Oficina 1 (2018).

Já na Figura 77, retirada do Relatório de Oficina 2 (2018), que corresponde às respostas para a pergunta “Quais regras deverão orientar as novas construções e os novos loteamentos em Aparecida?”; as respostas de maior porcentagem foram “Criar Lei de Uso e Ocupação do Solo” empatada com 28% com “outros” que corresponde a criação de garagens, um novo cemitério, respeitar áreas de risco, garantir a visibilidade do santuário e ouvir a opinião dos moradores.

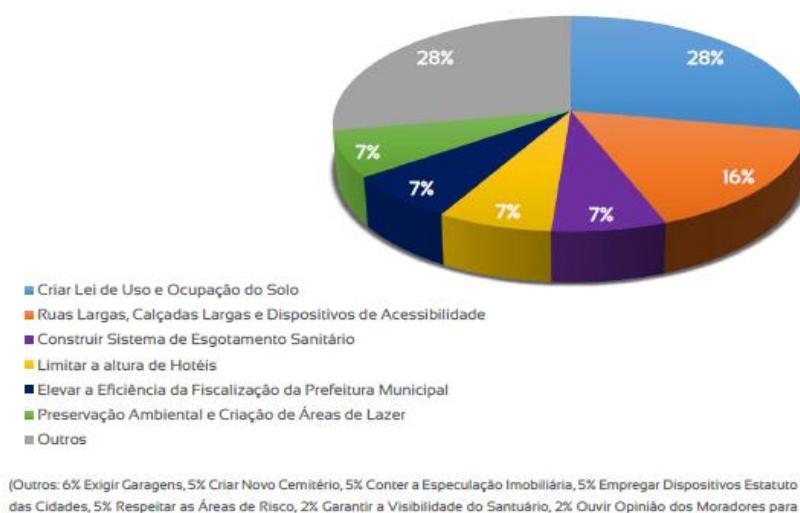
Neste gráfico, os moradores também pedem melhorias nas ruas e no saneamento básico (como já levantado neste trabalho a cidade de uma forma geral parece sofrer com falta de calçamento, ruas estreitas e um saneamento básico precário); além de uma solicitação por limitação na altura de construção dos hotéis e maior fiscalização da prefeitura.

Figura 77 - Regras para orientar novas construções e loteamentos

4.5 QUAIS REGRAS DEVERÃO ORIENTAR AS NOVAS CONSTRUÇÕES E OS NOVOS LOTEAMENTOS EM APARECIDA?

Na leitura comunitária, visando obter propostas e ações para o município de Aparecida, foi realizada a seguinte pergunta aos participantes: Quais regras deverão orientar as novas construções e os novos loteamentos em Aparecida?

O resultado da opinião dos munícipes está representado na Figura 27.



Fonte: Relatório Oficina 2 (2018).

Portanto, os moradores, por meio da participação nas oficinas do Plano Diretor (2018), cobram a administração por serviços públicos e fiscalização das atividades pela prefeitura. O santuário aparece diversas vezes nas discussões sobre o planejamento da cidade. Para os moradores é importante sua visibilidade; mesmo com os apelos por áreas de lazer e comércio não religiosos, a igreja ocupa um papel fundamental não só na economia local, mas também em sua infraestrutura.

Essa questão foi notada por meio das fotos, que mostram o crescimento da cidade ao redor do santuário e nas visitas de campo, que mostram diversas obras nas regiões próximas ao santuário (públicas ou da igreja), além de obras para facilitar o acesso ao complexo da igreja, mesmo em diversos pontos da cidade.

Ao longo deste trabalho já foram apresentadas inúmeras fotos da cidade de Aparecida, para contar sua história ou para relatar questões urbanas, as fotos contam um pouco sobre a cidade e o olhar que o fotógrafo tem sobre ela.

Em alguns momentos foram apresentadas as fotos utilizadas para divulgar o turismo na cidade de Aparecida, é perceptível como as imagens sempre giram em torno dos locais de peregrinação e da imagem do próprio santuário.

As fotos são passadas ao longo das gerações familiares (a exemplo de fotos retiradas do acervo de minha própria família) e estão em álbuns que demonstram momentos como batismos, festas, momentos de viagem em família (Figuras 78, 79 e 80).

Figura 78 – Família em frente a Basílica velha, década de 70



Fonte: acervo pessoal (2020).

Figura 79 - Turistas na frente da Basílica Velha na década de 1960



Fonte: acervo da família Monteiro (2020)

Figura 80 - Fotografia registrada na Praça da Basílica Velha década de 1960



Fonte: acervo da família Monteiro (2020)

Tais fotografias, tiradas entre as décadas de 1960 e 1970 em um mesmo ponto, já nos remetem ao olhar construído do turista para a cidade, com registros dos pontos de peregrinação e locais de adoração da imagem de Nossa Senhora de Aparecida.

Levando em consideração que nas décadas anteriores as câmeras fotográficas não eram um artigo banal, o fotógrafo fixo em um local estratégico passa a comercializar a memória. Registrar sua passagem pela cidade com um fotógrafo local assumia certa importância para o turista.

Em grupos de redes sociais, buscou-se fotografias da cidade de posse dos moradores e até mesmo contatou-se alguns, contudo, um fato curioso é que, em grupos de uma rede social, os membros do grupo alegavam não ter fotos da cidade e que as que tinham eram da basílica ou do santuário. Esse fato é muito curioso, pois nos leva a crer que, no imaginário popular, ao mesmo tempo em que não existe imagem da cidade dissociada das referências religiosas, a ideia de que os membros da rede social não conseguem perceber que a Basílica e o santuário estão contidos na cidade, revela um território marcado pela correlação de forças.

Contudo, em um grupo virtual destinado à história de São José dos Campos, chama-nos atenção uma foto que demonstra bem a relação do turista com a cidade de Aparecida no *print* da publicação do grupo (Figura 81).

Figura 81 - Grupo de romeiros em Aparecida



Fonte: *Print* de grupo do Facebook (2020).

Mesmo destinados à história de São José dos Campos, os comentários na foto (figura 81) remontam à memória nostálgica das visitas à Aparecida, em muitos relembram ter partido em romaria e de ter tirado fotos parecidas no mesmo local. Isso demonstra que esses turistas/romeiros constroem uma memória fotográfica que vincula a imagem da cidade de Aparecida a fotos tiradas em frente da basílica velha em retratos de família.

Enquanto os moradores, procurados para disponibilizar fotos a este trabalho e nos grupos de Aparecida, parecem não possuir forte vínculo de memória por meio de fotos na cidade, sendo suas fotos em muito relacionadas ao santuário e até uma moradora que disse “Não possuo fotos da cidade, minha família não tira muitas fotos, mas posso tirar uma foto do santuário para você se você quiser.”

Ou seja, de certa forma, munícipes e turistas têm olhares sobre a cidade que a vinculam à basílica. A imagem comercial da cidade também se atrela ao santuário que, além de local de peregrinação, acolhimento e ritos religiosos, é local central da cidade, da sua história e da construção da sua imagem e identidade.

Bauman (2003), em sua obra “Modernidade Líquida”, traz reflexões sobre as formas de relacionamento na modernidade, em que a fluidez nas relações “desconsidera” o passado. Sendo a cultura uma forma de ponte com tradição e memória, se faz importante manter viva as manifestações culturais que com a globalização e as frequentes mudanças de “cenários” ficaram fragilizadas; a religião surge como uma forma de manter viva a cultura e as relações pessoais que, mesmo fluidas, não se perdem na história, por meio de manifestações tais como a fé que as mantém presentes; sendo assim as viagens de cunho religioso marcam também a importância de manter viva cultura e tradição e acaba por movimentar a economia turística a eles vinculada e marcando a imagem da cidade tanto para os munícipes quanto para os turistas.

Pode-se relacionar essa ligação ao passado por meio de tradições e de adventos culturais e também à construção da memória e da tradição pela imagem (através das fotos) e por monumentos (construções).

Vinyes (2009) nos apresenta os monumentos do estado como forma de manter ativa a memória. Pode-se relacionar os monumentos da Igreja ao longo da história da cidade de Aparecida, uma vez que as fotos e as discussões em muitos momentos se voltam às igrejas ou aos monumentos locais. O autor diz que as memórias são

simultaneamente individuais e sociais e isso se aplica às memórias fotográficas, uma vez que são individuais, pois cada indivíduo se recorda desses momentos de uma forma e são sociais. Muitos compartilham da mesma experiência de ser fotografado à frente da basílica velha ou de fotografar o Santuário Nacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos levantamentos teóricos realizados, avaliação dos documentos que orientaram o Plano Diretor de Aparecida/SP, pesquisa de campo e análise de fotografias, é possível compreender como o espaço urbano de Aparecida se vincula ou se compromete com a religiosidade. O intenso fluxo de turistas e romeiros contribuiu para o crescimento do comércio e da hotelaria na cidade (movimentando assim o setor econômico e gerando empregos) e para o crescimento da cidade em si, devido as oportunidade geradas pelo turismo e obras de ampliação de pontos turísticos; até mesmo com a obra de construção do Santuário Nacional, que como citado ocorre mediante a necessidade de ampliar a basílica para melhor receber os romeiros, uma vez que a basílica velha não comportava mais o fluxo de visitantes.

Os estudos realizados para a revisão do Plano Diretor em 2018 foram importantes instrumentos de pesquisa, revelando aspectos locais relevantes a este trabalho como uma previa opinião dos munícipes sobre temas relacionamos ao turismo e a estrutura urbana de Aparecida, bem como problemas enfrentados na infraestrutura dos bairros locais, principalmente em relação ao cuidado com as ruas e falta de áreas de lazer.

As análises dos documentos do Plano Diretor (2018) indicam os principais aspectos sobre o município de Aparecida. O levantamento a partir da visão dos seus munícipes apresenta uma relação dualista a respeito do turismo e da Igreja Católica em seu perímetro urbano.

Em certo momento os moradores colocam o turismo como ponto positivo da cidade, ressaltam a importância de poder ver o santuário em sua paisagem e até mesmo os pontos turísticos e festas da igreja como pontos de encontro e de lazer, em outro, no entanto os munícipes solicitam por exemplo um *shopping* que não seja destinado a lojas de artigo religiosos, uma maior fiscalização sobre o turismo e mais áreas de lazer públicas.

Assim tanto o turismo, quanto a religião, constantemente aparecem nos debates da prefeitura junto aos munícipes para pensar a cidade e seu planejamento urbano, comprovando assim o vínculo entre ambos e gerando debates sobre o desenvolvimento urbano que parece sempre se voltar de alguma forma ao turismo e a igreja, seja nas leis que entram em vigor devido a determinado ponto (como a

limitação de altura de construção de prédios no centro por conta do bondinho turístico) ou a discussão sobre o uso do dinheiro da prefeitura para construção de uma estátua em homenagem a Nossa Senhora.

Já os turistas parecem moldar sua imagem da cidade em torno da religião e da visita a pontos pré-determinados de turismo, indicados por agências de turismo e pelo *site* da própria prefeitura da cidade. Pode-se observar isso desde as antigas fotos que se concentram em um único ponto (a fachada da Basílica Velha) e na pesquisa de Satisfação do Turista (apresentada no início desta dissertação) onde as perguntas se direcionam aos pontos turísticos famosos da cidade e a experiência do turista nos mesmos ou no trajeto até eles.

Dessa forma a memória construída a partir das experiências na cidade ajudam a moldar a imagem da mesma influenciando sua estrutura urbana, como os monumentos e construções na área urbana que, por sua vez, servem como pontos de continuidade de tradições e histórias da cidade. Por fim, entende-se que as construções que facilitam o acesso dos turistas a determinados pontos de Aparecida, a presença constante das imagens que remontam a fé e a Nossa Senhora Aparecida marcam o cenário urbano da cidade destinando-o a prática religiosa e menospreza outras dimensões demandadas pelos próprios moradores expostas nas instâncias participativas com a do Plano Diretor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aluísio. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo, SP: Lme, 1971.
- ALVAREZ, Rodrigo. **Aparecida**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Casa da Palavra Ltda, 2017.
- APARECIDA. **Acervo de fotos de 1950-2000**. Aparecida: [s.n], 2018. [Arquivo Icnográfico da Cúria Metropolitana de Aparecida].
- APARECIDA. 2020a Disponível em: <https://www.aparecida.sp.gov.br> Acesso em: 18 mar. 2020.
- APARECIDA. **Turismo lança projeto Aparecida Interativa**. 2020b <https://www.aparecida.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/1799/turismo-lanca-projeto-aparecida-interativa/>. Acesso em: 26 nov. 2020.
- APARECIDA. **Participe você também da pesquisa de satisfação do turista**. 2020c. Disponível em: http://www.aparecida.sp.gov.br/noticias/participe_voce_tambem_da_pesquisa_de_satisfacao_do_turista. Acesso em: 29 mar. 2020.
- AUGÉ, Marc. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa Edições, 1977.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BRUSTOLONI, Júlio. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias**. 10. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.
- BRUSTOLINI, Julio. **Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida 1717-1917**.
- BRUSTOLINI, Julio. **Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida 1782-1981**. II volume.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani. Turismo Religioso no caminho da fé. **Revista de Turismo Cultural**, v. 3, n. 1, 2009.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: São Paulo: O Globo, Folha de S. Paulo, 2003.

CAMARGO, Azael Rangel; LAMPARELLI, Celso Monteiro; GEORGE, Pedro Conceição da Silva. Nota introdutória sobre a construção de um objeto de estudo: “O Urbano”. Etc, espaço, tempo e crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, v. 1, n. 1, 2007.

CANCIAN, Renato. Conflito Igreja-Estado no período da ditadura militar revisitando aspectos teóricos das abordagens institucionais. **Revista Angelus Novus**, v. 7, n. 11, pp. 95-116, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1964.

COELHO, Carla Naoum. Não-lugares: Uma leitura crítica sob a ótica do turismo. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2., 2004. **Anais...**, Caxias do Sul, 2004.

CYPRIANO, Pedro dos Santos.; LIMA, Thalita C. Turismo Religioso em São Paulo: Uma abordagem mercadológica. **Revista eletrônica de turismo cultural**, p. 1-25, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo -SP: Edusp, 2006.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 2006. O Brasil republicano V.1.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais**: Estudos sociológicos de Cultura Urbana. Coimbra: Celta Editora, Ltda, 1999.

FRANCO JÚNIOR, H. **As Cruzadas**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1989.

G1 VALE DO PARAÍBA E REGIÃO. Justiça barra estátua gigante e ordena retirada de monumentos dedicados à Padroeira em Aparecida. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/10/17/justica-barra-estatu-gigante-e-ordena-retirada-de-obras-dedicadas-a-padroeira-em-aparecida.ghtml>. Acesso em 9 abr. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGO, Victor. **O corcunda de Notre Dame**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

JACAREÍ. Disponível em: <http://www.jacarei.sp.gov.br/cidade/>. Acesso em: 09 abr. 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2.ed. rev. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. *In*: _____. **O historiador e suas fontes**. [S.l: s.n.], São Paulo: Contexto. 2009.

MARQUES, José. **Peregrinos e peregrinações medievais do ocidente peninsular nos caminhos da Terra Santa**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2001.

MARQUES, Luana Moreira. **A peregrinação ao sagrado: os caminhos que levam à Romaria/MG**. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MENCIO, Mariana; ZIONI, Silvana. A caracterização das Regiões Metropolitanas e Aglomerações Urbanas pelo IBGE: Limites e Avanços do Estatuto da Metrópole. *In*: ENANPUR, 17., 2017. **Anais...**, São Paulo -SP, 2017.

MINTZ, Sidney W. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados. Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

MOREIRA, Fuviane Galdino. Mantos de Aparecida: religião, política e identidade nacional. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017. **Anais...**, Brasília, 2017.

MOREIRA NETO, Pedro Ribeiro; GUIMARÃES, Antonio Carlos. ZANETTI, Valéria Regina. Fronteiras da fé: disputas socioespaciais em Aparecida, terra da Padroeira do Brasil. **Espaço aberto**, v. 10, n. 2, p. 107-127, 2020.

MORENO, Júlio César. **A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do Turismo Religioso**. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Um templo para cidade-mãe: a construção mítica de um contexto metropolitano na Geografia do santuário de Aparecida/SP**. Tese (doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Elizângela. Turismo, produção do espaço e planejamento urbano nas cidades contemporâneas. **Turismo: Estudos e Práticas**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014.

PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria. **São Jose dos Campos: de Aldeia a Cidade**. São Paulo- SP: Intergraf, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura. O catolicismo rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p.105-123, 1968.

RESCHILIAN, Paulo Romano. O Vale do Paraíba no contexto da urbanização brasileira e a questão do planejamento regional. **Rev. ciênc. hum**, v. 11, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2005.

ROSADO, Ana Maria da Cunha. **Cultura caipira e religiosidade**: reconstrução da memória coletiva das romarias joseenses em direção a Aparecida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2018.

ROSENDAHL, Zeny. “**O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades**”. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton, **A urbanização brasileira**. São Paulo, SP: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton, **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. **Estudos avançados**, v. 8, n. 20, p. 137-152, 1994.

SAEDE. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SILVA, Helen Katia Prates; CARVALHO, Carlos Eduardo Souza de. Construção da identidade nacional durante a Era Vargas: os políticos, os intelectuais e o futebol. **Revista Outras Fronteiras**, v. 3, n. 1, 2016.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, maio 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

TRIPADVISOR. **O que fazer**: Aparecida. https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g780033-Activities-Aparecida_State_of_Sao_Paulo.html. Acesso em: 26 nov. 2020.

VIEIRA, Solange Cristina. **O olhar da história sobre o cotidiano e as ideias camponesas na arte religiosa do Vale do Paraíba- SP**. São José dos Campos, SP, 2009. Trabalho de conclusão (Graduação em História) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2009.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (organizadores). **O Processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo- SP, 1999.

VINYES, Ricard. **El Estado y la memoria**. RBA Libros, S.A. Perez Galdós. Barcelona, 2009.

ZEFERINO, Jefferson. A liberdade religiosa nas constituições do Brasil da proclamação da república a Era Vargas: antecedentes, perspectivas e ensino de religião. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PUCPR, 12., 2015. **Anais..**, Curitiba, 2015.

Documentos da Cúria Metropolitana de Aparecida:
Arquivo Icnográfico, acervo de fotos de 1950-2000.
Arquivo Histórico Colonial III, 1751.

BRUSTOLINI, Julio. Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida 1717-1917.

BRUSTOLINI, Julio. Coletânea de documentos e crônicas da Capela de N. Sra. Aparecida 1782-1981. II volume.

Livro do Tombo de Guaratinguetá, 1757-1858.

Documentos do Plano Diretor do Município de Aparecida (2018):

Análise integrada

Leitura Técnica

Relatório Final

Relatório de Oficina 1

Relatório de Oficina 2

Slides da reunião com o sindicato dos Hotéis: Revisão do Plano Diretor .

APÊNDICE A – ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA (UNIVAP)
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO (IPE D)
Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional
(Mestrado)
PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADES DE TURISMO RELIGIOSO: UM
ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE APARECIDA- SP.

Entrevista número _____.

Data _____.

Local _____.

Bloco (1) Identificações iniciais

Nome: (indicar na ficha de registro número da entrevista).

Local de nascimento _____.

Idade: _____ **Sexo (ou identificação de gênero):** _____.

Cor/raça: [] branca; [] preta [] amarela; [] parda; [] indígena¹¹

Estado Civil: _____ **possui filhos?** [] Sim [] não. **Se sim quantos** _____.

Bloco (2) Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Há quantos anos mora em Aparecida?
2. Como é morar em Aparecida?
3. Possui religião? Se sim costuma frequentar locais destinados à mesma?
4. Qual sua relação com o turismo da cidade? já trabalhou/trabalha com atividades econômicas voltadas ao turismo?
5. Como é o dia a dia (cotidiano) durante as datas de festividades religiosas como o 12 de outubro, o Natal e a Páscoa?

¹¹ Categorias instituídas pelo IBGE.

6. Como julga a infraestrutura (asfaltamento, saneamento básico, iluminação públicas, etc.) da cidade?
- 6.1 Quais pontos positivos e negativos da cidade e do bairro, o que mais gosta em ambos e o que sente falta?
7. Sente sua vida afetada pelo turismo religioso? se sim, como?
8. Frequenta áreas destinadas ao turismo, se sim quais e com qual frequência?
- 8.1 Frequenta áreas não turísticas, se sim quais?
9. Qual a sua relação com o turista?
10. Quais as ações da Prefeitura Municipal para atender os moradores?
11. Quais as ações da Prefeitura Municipal para atender os turistas?
12. O que é qualidade de vida para você? Acredita que a cidade fornece qualidade de vida para os moradores?

APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação Título do Projeto PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADES DE TURISMO RELIGIOSO: ESTRUTURAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE APARECIDA-SP. Pesquisadora Responsável **Ana Maria da Cunha Rosado** Equipe executora: Ana Maria da Cunha Rosado; Lidiane Maria Maciel, Valéria Regina Zanetti Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade do vale do Paraíba (UNIVAP) Telefones / E-mails para contato: (12) 3947-1000 / Ramal 1114 e (12) 982608013 – anam.rosado@hotmail.com

Nome do participante: _____ Idade: ____ anos
R.G. _____

Número do questionário _____

O (A) Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa que tem como tema/título: PLANEJAMENTO URBANO EM CIDADES DE TURISMO RELIGIOSO: ESTRUTURAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE APARECIDA- SP, de responsabilidade da pesquisadora Ana Maria da Cunha Rosado. Este estudo tem por objetivo estudar os processos da formação urbana e as influências da fé e do turismo religioso no desenvolvimento da cidade de Aparecida -SP e seus impactos na vida dos moradores. Esperamos com esta pesquisa, para a comunidade acadêmica são vários, no entanto, considera-se que o mais importante é auxiliar a compreensão científica sobre o processo de ocupação do solo da cidade de Aparecida, considerada turística por natureza, destacando as tensões que envolvem a relação morador-turista. Para gestão da política pública municipal considera-se que o trabalho ao elevar as questões que envolvem, especialmente, as demandas dos moradores, contribuir para a elucidação de uma problemática urbana desafiante para o município, que questiona como lidar com o turismo em massa e a estrutura urbana que ele requer e o cotidiano do munícipe, requerente de diferentes equipamentos públicos não turísticos.

Sua participação consistirá em responder questões no formato de uma entrevista dialogada em que serão feitas questões abertas e fechadas. As entrevistas serão gravadas (áudio) e portanto solicitamos gravações por meio deste termo (TCLE) autorização expressa para serem posteriormente transcritas e analisadas pelas pesquisadoras.

Durante sua participação pode ocorrer um possível desconforto ou ansiedade relacionada ao processo de resposta das perguntas em que pode vir à tona sua memória afetiva, tradição religiosa e posições políticas. Para minimizar essa possibilidade realizaremos a entrevista de maneira tranquila, atenciosa e calma em que o (a) Sr. (Srª) poderá realizar pausas caso julgue necessárias e recusar a responder à questão sugerida caso haja incômodo/desconforto de qualquer natureza. A entrevista será realizada em local reservado, ou onde o/a senhor (a) se sentir confortável e seguro. Outro risco possível é a quebra de sigilo/confidencialidade (associado à preservação de sua imagem) mas seremos cuidadosos na análise e descrição de resultados da pesquisa sendo a entrevista e transcrição realizadas somente pelas autoras, garantindo assim que sua identidade será preservada; no formulário a ser respondido o (a) Sr./ (Srª) será identificado por um número correspondente ao deste termo e um código que seguirá o seguinte modelo: "E1", "E2", "E3" e assim sucessivamente.

Nas publicações derivadas dos resultados da pesquisa apenas o nome do bairro/cidade será referenciado. Esperamos com esta pesquisa, a partir da avaliação dos problemas vivenciados no seu cotidiano, ajudar a comunidade científica e a sociedade em geral melhor compreender os processos sociais de construção da cidade de Aparecida e seu planejamento vinculado ao turismo religioso. Garantimos o sigilo e a confidencialidade das informações que (a) Sr. (Sr^a) fornece e a privacidade do participante da pesquisa. A qualquer momento, o (a) Sr. (Sr^a) pode se recusar a participar e se retirar da pesquisa, sem constrangimentos, penalidades ou qualquer prejuízo. As informações e materiais obtidos nesta pesquisa não poderão ser utilizados para outras finalidades que não sejam a desta pesquisa científica.

No caso de gastos decorrentes da participação nesta pesquisa (por exemplo, transporte e alimentação), você e o seu acompanhante serão imediatamente e integralmente ressarcidos de todos os gastos. No caso de algum dano, imediato ou tardio, decorrente desta pesquisa, você também tem direito de ser indenizado pelo pesquisador e/ou patrocinador desta pesquisa, bem como a ter assistência gratuita, integral e imediata. Sempre que desejar, você poderá entrar em contato para obter informações sobre este projeto de pesquisa, sobre sua participação ou outros assuntos relacionados à pesquisa, com o (a) pesquisador (a) responsável ou equipe executora pelos telefones (12) 3947-1000 / Ramal 1114 ou (12) 982608013– anam.rosado@hotmail.com. Você também pode entrar em contato com o CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), corresponsável por garantir e zelar pelos direitos do participante da pesquisa, pelo telefone (12) 3947-1111, pelo e-mail cep@univap.br ou pessoalmente na Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova – Bloco 11 – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento II, sala 19, de segunda a sexta-feira, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h.

Este termo está elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador, sendo uma das vias entregue ao participante.

Eu, _____, fui informado e concordo em participar, voluntariamente, do projeto de pesquisa acima descrito.

Aparecida/SP, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Nome e assinatura do pesquisador

Testemunha

Testemunha

ANEXO – PERMISSÃO PARA CONSULTAR O ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA



ARQUIDIOCESE DE APARECIDA

CÚRIA METROPOLITANA

Rua Barão do Rio Branco, 412 – Centro – Aparecida – SP – 12570-000 – Brasil
Tel. 55 (12) 3104-2707 – fax 55 (12) 3104-2733 – chancelaria@arqaparecida.org.br

PERMISSÃO PARA CONSULTAR O ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA

Nome: Ana Maria da Cunha Rosado

Endereço: Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova- SJC; SP.

Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Laboratório de Cartografias Sociais.

Assunto da Pesquisa: Planejamento urbano em cidades de turismo, um estudo de caso da cidade de Aparecida -SP.

Finalidade: Por meio desta dissertação pretende-se apresentar como as cidades de turismo são planejadas, como são projetadas suas infraestruturas urbanas para atender as demandas de moradores e turistas. A cidade de Aparecida surge como plano de fundo do estudo para mostrar como uma cidade que recebe constantes romarias e visitas turísticas se projeta, e como o turismo e a religiosidade marcam sua história e seu crescimento urbano.

OBSERVAÇÕES:

- CITAR a fonte pesquisada e o local de sua guarda;
- FORNECER uma cópia autografada do trabalho concluído para o Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida.

.....
Ana Maria Rosado
Pesquisadora

Elfete Galvão Reis da Silva
Notária

